VÍDEO

SERIADOS CLÁSSICOS: BONANZA E O FUGITIVO

SET

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL

CINEMA & VÍDEO

ENTREVISTAS

EMMA THOMPSON
avessa a estrelismos

ANJELICA HUSTON
na volta da Família Addams

BRAD PITT
o novo sex symbol dos anos 90

NIGHTMARE BEFORE CHRISTMAS
uma visita às filmagens da animação que revolucionou o Natal da Disney

A LUXUOSA VOLTA DO ROMANTISMO PELAS MÃOS DE SCORSESE

MICHELLE PFEIFFER
vive um amor impossível em A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

5633 - Janeiro, 1994 - Ed. 79 - Ano VIII - Nº 01 - CR$ 1.500,00

ISSN 0104-1592

Mexa-se!

VHSC

S750

À venda na Zona Franca de Manaus e Free Shop dos principais aeroportos do Brasil

Produtos Importados

Você se movimenta durante a filmagem e a sua câmera corrige a imagem!

S750 DIGITAL TECHNOLOGY Palmcorder

- Estabilizador digital de imagens (DIS)
- Potente zoom digital de 45x
- Efeitos digitais

S250 Palmcorder

- Filmagem automática programada (Program AE)
- Zoom eletrônico de 8x
- Filmagem com 1 lux
- Lente grande angular
- Efeitos digitais

Panasonic VHS Câmera de Vídeo

Compatível com videocassetes VHS

Panasonic

Antecipa o futuro

PROGRAMA

Extremamente aguardado desde que causou sensação no último Festival de Veneza, chega enfim às telas brasileiras *A Época da Inocência* – talvez a virada mais radical na obra de Martin Scorsese. O contraste é quase absoluto, trocando o submundo contemporâneo pela alta sociedade do final do século passado, através do clássico romance de Edith Wharton. Mas nenhuma grande surpresa para os leitores fiéis de SET, que já haviam sido presenteados, em nossa edição de novembro, com uma longa entrevista com o diretor, esmiuçando não apenas sua formação cinematográfica como todas as fontes de inspiração do novo filme. Agora é a vez de Michelle Pfeiffer, Daniel Day-Lewis e Winona Ryder – o triângulo amoroso que move a história – darem seus depoimentos na reportagem realizada em Los Angeles por José Emilio Rondeau.

A próxima escala é um verdadeiro banquete de humor negro. A volta da Família Addams – com o mesmo excepcional elenco, acrescido de um novo integrante, numa continuação mais festejada ainda que o primeiro filme. Diversão garantida com um toque lúgubre também está em *The Nightmare Before Christmas*, o retorno de Tim Burton aos estúdios Disney, onde iniciou sua carreira. Ressuscitando a técnica de animação de bonecos em *stop-motion* e colocando Papai Noel numa fria, o filme estreou nos EUA superando todas as expectativas mais otimistas da crítica e do público. A má notícia é que teremos de esperar até o final do ano para *Nightmare...* ser lançado no Brasil. Mas se o mundo inteiro está falando do filme agora, você acha mesmo que nós guardaríamos esta matéria na gaveta até outubro ou novembro?

Fotos da capa: Michelle Pfeiffer (Columbia TriStar) e *Nightmare Before Christmas* (L.F.I.)

4 TAKES
Oliver Stone no *Planeta dos Macacos*, mais uma constelação de estrelas

12 A ÉPOCA DA INOCÊNCIA
O romantismo luxuoso do novo Scorsese

20 FAMÍLIA ADDAMS
Mais politicamente incorretos do que nunca

26 NIGHTMARE BEFORE CHRISTMAS
Tim Burton solta suas bruxas

32 EMMA THOMPSON
Entrevista exclusiva com a grande atriz inglesa

36 BRAD PITT
Nasce uma estrela

39 VIDEOLANÇAMENTOS
O mestre Akira Kurosawa em dose dupla

52 NOVOS FILMES
Clint Eastwood e Kevin Costner em *Um Mundo Perfeito*

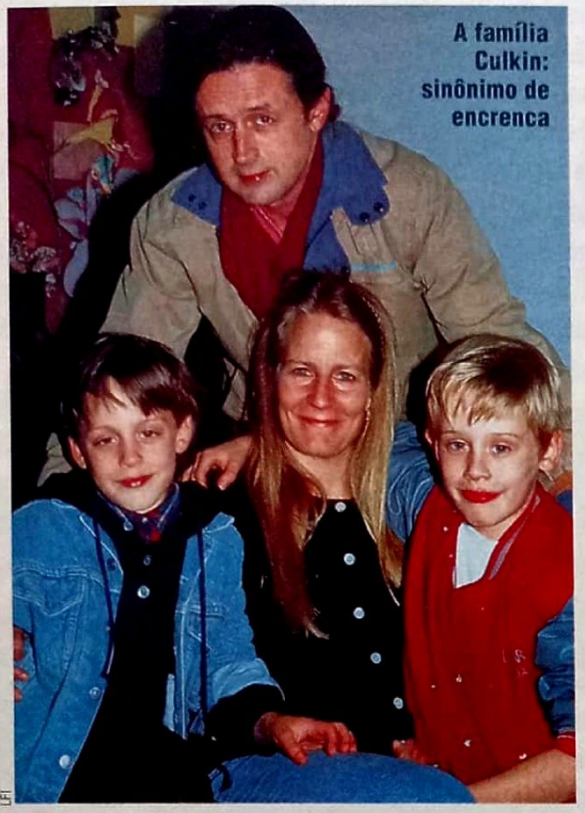
58 FREE-SHOP
Tentações de consumismo desenfreado

60 MITO
Grande Otelo, um herói 100% brasileiro

62 CARTAS

64 FILMOGRAFIA

66 NOSTALGIA



A família Culkin: sinônimo de encrenca

LFI

MACAULAY CULKIN

DE ASTRO A DOR DE CABEÇA

Desde que seu nome se tornou sinônimo de bilheteria rentável em 1990 com *Esqueceram de Mim*, o sucesso subiu à cabeça do pequeno astro Macaulay Culkin, ou melhor, de seu pai e agente Kit Culkin. Nos corredores dos estúdios e entre os executivos, Kit ultimamente é um nome indesejado, pois afrontou toda a equipe envolvida na produção do musical *The Nutcraker*, em que o astro-mirim faz o personagem principal. O pai/agente não gostou quando soube que seria adicionada uma narração feita por Kevin Kline nas cenas de balé. Kit ameaçou não deixar o filho fazer as publicidades promocionais do filme se esta não fosse retirada.

Segundo o produtor Arnon Milchan (que produziu *JFK*, *Sommersby* e *Força em Alerta*), não há nenhum problema com a narração. "O problema é que ele tem sua própria visão do que seria o filme. Então, deveria tê-lo produzido, assim poderia fazer o que bem entendesse". Além disso, o sr. Culkin voltou com mais ordens: reeditar uma das cenas e modificar toda a trilha sonora. Milchan, perplexo, declarou: "Nem mesmo Oliver Stone controla tanto como Kit Culkin. Quem *é* este homem?" O resultado dessa encrenca toda é que a Warner Bros. parou a produção da comédia *Richie Rich* (adaptação do personagem Riquinho) com Macaulay outra vez no papel principal. Jogou para março deste ano a decisão do que irá acontecer. Além disso, Kit recusou cinco diretores para dirigir o filme, entre eles John Avildsen (*Rocky*). É muita petulância paterna!

A VOLTA DOS MACACOS

O PLANETA DE OLIVER STONE

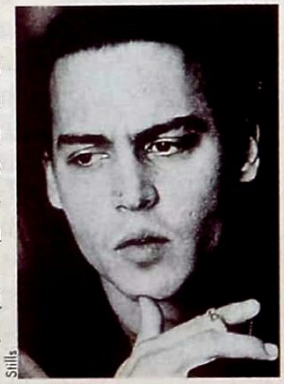
Depois de anos de realismo puro, Oliver Stone assinou contrato com a 20th Century Fox para rodar um longa fantástico baseado no clássico moderno *O Planeta dos Macacos*, de 1968. Com obras como *Platoon*, *Nascido em 4 de Julho* e *JFK*, será a primeira vez que Stone entrará no campo da ficção científica. Ainda não se fala muito a respeito, mesmo porque ele acabou de montar seu último filme, *Natural Born Killers*, um violento melodrama com roteiro de Quentin Tarantino (*Cães de Aluguel*). O que se sabe por ora é que o filme terá um orçamento de 60 milhões de dólares e que a aventura não será baseada no original de Pierre Boulle (autor do romance *Monkey Planet*), nem pretende ser uma refilmagem do original vivido por Charlton Heston. No planeta de Oliver Stone, o tempo correrá em sentido contrário ao do filme dirigido por Frankin J. Schaffner. Num passado distante, os macacos alienígenas dominarão a Terra e farão experimentos científicos com a raça humana. Para garantir sua sobrevivência, esses símios terão de alcançar um ponto crítico no tempo do século 21. Espera-se que essa reinvenção de Stone, que também será o produtor do filme, seja uma aventura de tirar o fôlego.

Fox

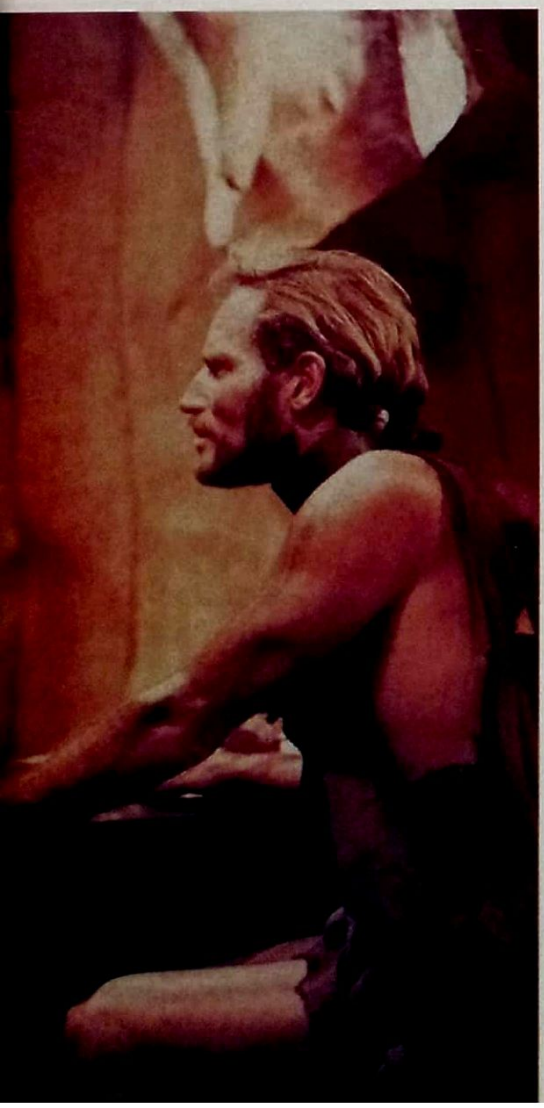
TIM BURTON 1

HOMENAGEM AO PIOR DIRETOR

As filmagens da homenagem de Tim Burton ao diretor considerado o pior de todos os tempos, Ed Wood (foto ao lado), vão de vento em popa. A história vai enfocar o amor platônico ocorrido entre Ed Wood (vivido por Johnny Depp, foto abaixo) e Bela Lugosi (isso mesmo, com Martin Landau no papel). É notório o gosto peculiar do diretor, que usava calcinhas no lugar de cuecas, mas apesar disso, o filme de Burton mostra o lado humano dos acontecimentos. Tanto que a viúva de Wood (que será Patricia Arquette) visitou os sets de filmagens quando estavam rodando Depp vestido de mulher (como Ed Wood fazia). Toda a equipe ficou constrangida, mas a sra. Wood disse para Depp: "Oh, você está lindo – exatamente como Eddie fazia". Se ela aprovou, quem não o fará?



Stills



Ouça esta de Phillip Noyce: "Depois de *Jogos Patrióticos*, juro que nunca mais farei parte de séries." Jurou e não cumpriu. Noyce está trabalhando na terceira parte da saga de Jack Ryan, *A Clear and Present Danger*, também baseado em Tom Clancy, com Harrison Ford de novo no papel de Jack Ryan.

Al Pacino faz um patriarca italiano no novo filme de James Foley, *Two Bits*, passado durante a depressão dos anos 30. Mary Elizabeth Mastrantonio é sua filha.

Sygma

KIKA

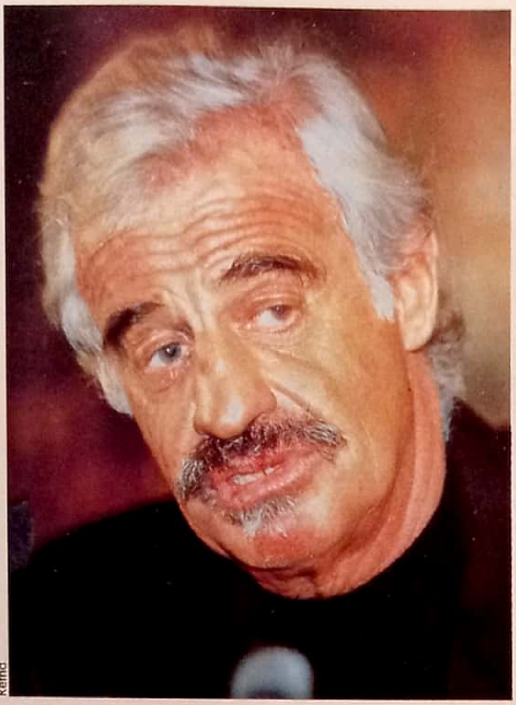
VENENOS DE ALMODÓVAR

Pedro Almodóvar volta à ativa, sem poupar ousadias e irreverências. Seu novo filme, *Kika*, é uma radical mistura de vaudeville (cômico, óbvio) com toques de thriller, além de brincar de forma mordaz com os programas televisivos tipo "realidade", como o *Aqui Agora*. Kika (Verónica Forqué) é uma maquiadora cuja criada lésbica (Rossy de Palma) está apaixonada por ela. O irmão de uma assistente sua, Pablo (Santiago Lajusticia), a estupra e o fato é usado para matérias sensacionalistas por uma arquiinimiga, Andrea "Caracortada" (Victoria Abril, foto acima), psicóloga frustrada que agora apresenta um *reality show* na TV, cujos figurinos futuristas foram desenhados pelo estilista preferido de Madonna, Jean-Paul Gaultier. Ainda no elenco, o ator americano Peter Coyote e a atriz *habitué* de Almodóvar, o travesti Bibi Andersen. O próprio diretor enumera as fontes que o inspiraram para criar esta história "envenenada e eclética": um romance inédito por aqui do escritor Barry Gifford, *Perdita Durango*; o filme *The Adjuster*, do canadense Atom Egoyan, só exibido no Brasil em mostras especiais; e *Barton Fink*, dos irmãos Coen. É difícil imaginar no que esta soma de idéias e talentos resultará. Sem dúvida, nada que deixe o espectador indiferente...

JEAN-PAUL BELMONDO

EM BUSCA DO SUCESSO PERDIDO

Com o fracasso comercial de *Um Estranho em Minha Casa* – no qual contracenou com a brasileira Cristiana Reali – e com a carreira em franca decadência, Jean-Paul Belmondo mudou de gênero. Já que o sucesso nem sempre cai do céu e ele não convence mais conquistando garotinhas, o ator francês que dividiu com Alain Delon a coroa de galã europeu nos anos 60 aceitou trabalhar com Claude Lelouch (célebre pelos filmões-cabeça *Um Homem, Uma Mulher, Retratos da Vida* e *A Nós Dois*) na adaptação de *Os Miseráveis*, obra de Victor Hugo. Mas Lelouch avisa que seu filme será "*Os Miseráveis* do século vinte, livre e contemporâneo". Assim sendo, Claude Lelouch deveria visitar o Brasil para saber exatamente o que é ser miserável!



Retna

DRÁCULA – PARTE DOIS

AS CRÔNICAS DE VAN HELSING

Durante as filmagens de *Drácula de Bram Stoker* circulavam rumores de que Francis Ford Coppola já planejava uma seqüência. Na verdade, Coppola chama seu projeto, intitulado *The Van Helsing Chronicles*, de "uma suite de *Drácula*". Por enquanto, tudo não passa de especulação, incluindo o nome de Anthony Hopkins para retomar seu personagem. Quem assistiu ao filme, sabe que valeria a pena conhecer o que seriam as crônicas do aloprado professor Van Helsing.

Columbia Tri-Star

EMMANUELLE BÉART

MUSA À FRANCESA

"Ela é perfeita. É jovem e graciosa, mas possui um interior profundo e uma autoridade natural." Quem definiu a atriz francesa Emmanuelle Béart com esta frase foi a diretora Caroline Huppert, que a dirigiu em *Marie-Antoniette*, de 1988.

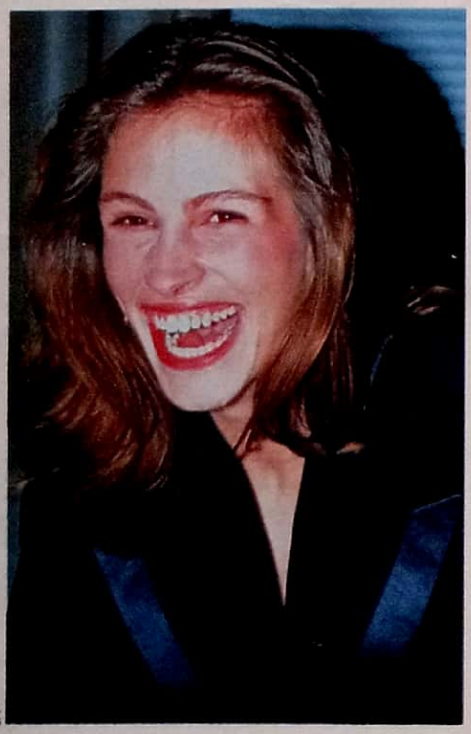
Trabalhando basicamente na França, Emmanuelle se aventurou a fazer um filme americano, *Minha Garota É um Anjo* (dirigido por Tom McLoughlin em 1987), para "construir uma carreira bilingüe". Apesar das boas intenções, o filme passou quase desapercebido. Depois, atuou em *A Vingança de Manon* e *Um Coração no Inverno*. Foi com este último que Emmanuelle virou musa do diretor Claude Sautet e recebeu uma indicação ao César (Oscar francês) de melhor atriz.

No primeiro semestre deste ano, os dois retornam à parceria numa produção ainda obscura. Conhecendo o trabalho de Sautet, o filme certamente renderá bons frutos.

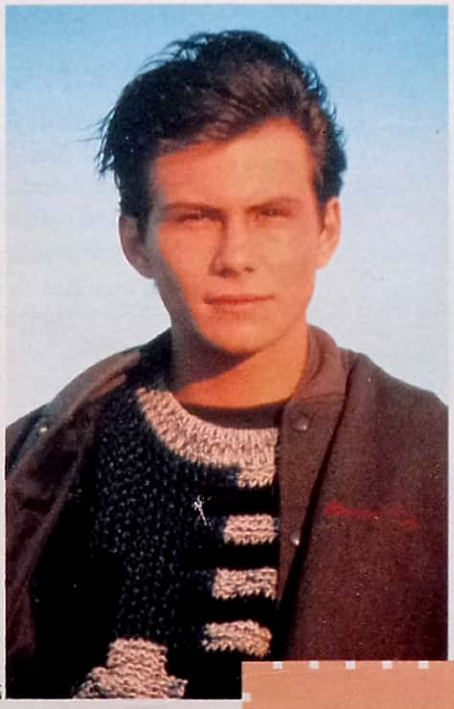
JULIA ROBERTS

A VOLTA POR CIMA

Os últimos anos não foram lá essas coisas para Julia Roberts. Alvo freqüente dos fofoqueiros de plantão, ela passou por maus bocados desde que rompeu o casamento com Kiefer Sutherland. Longe das telas desde *Hook*, de 1991 (recentemente, ela e Spielberg andaram trocando farpas sobre as filmagens), Julia voltou a ser notícia em 1993 quando se casou com o cantor country Lyle Lovett. Daí, a sorte voltou para ela. Além de novamente ocupar o lugar de "A Linda Mulher" de Hollywood na imprensa internacional, seu mais recente trabalho, *The Pelican Brief* (filme de Alan Pakula que estreou nos Estados Unidos em dezembro último e que chegará no Brasil em março com o título *O Dossiê Pelicano*), foi bem aceito pela crítica. Mas o resultado deste esforçado retorno por cima é o cachê milionário que Julia Roberts receberá para fazer *Tracks* (história real de Robyn Davidson, que cruzou toda a Austrália apenas com três camelos e um cachorro): 8 milhões de dólares. Sem dúvida, Julia agora é a atriz mais bem paga do cinema. Além deste acordo, ela já fechou com mais duas produções, *I Love Trouble* (de Charles Shyer) e *Mary Reilly*, que será dirigido por Kenneth Branagh.



LFI



LFI

LFI

Depois que seu filme *Even Cowgirl Get the Blues*, com Uma Thurman, foi mal recebido nos Festivais de Veneza e de Toronto, Gus Van Sant resolveu reeditá-lo. A estréia, prevista para o final de 93, ficou sem data fixada. Na reedição, apenas a trilha de k.d.lang se mantém como antes.

Roman Polanski quer refilmar o clássico *A Bela da Tarde*, realizado em 1967 por Buñuel, com Catherine Deneuve no papel-título. Para fazer a Bela, convidou ninguém menos que Sharon Stone.

SLATER X CRUISE

QUEM É O MELHOR?

As coisas não andam nada bem para a produção de *Entrevista com o Vampiro*. E a equipe que se cuide, pois Anne Rice é poderosa e pode estar lançando algumas maldições... Vejam bem: primeiro, River Phoenix morre pouco antes das filmagens começarem; depois, Tom Cruise (que Rice não aprova como Lestat) teve ataques de estrelismos dizendo que Brad Pitt como Louis estava mais bonito do que ele. Não há o que se duvidar vendo a foto de Cruise acima, já com a maquiagem de Lestat. Se é assim, Cruise tem mais um motivo para enlouquecer de vez, já que o nome escolhido para ficar com o papel que era de Phoenix (o do entrevistador) foi o de Christian Slater, eleito pela juventude americana, via MTV, como o ator mais sexy de 1993. Quem vai para o trono?

TIM BURTON 2

DIREÇÃO, NÃO!

Tim Burton jurou que não dirigiria o terceiro filme de *Batman*, mas nada falou sobre produzir. As negociações para a produção de *Batman 3* ainda estão em andamento e por enquanto só se sabe que Tim Burton será o produtor e Joel Schumacher (o responsável pelos sucessos *Garotos Perdidos*, *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas* e *Linha Mortal*) o diretor. O início das filmagens está marcado para setembro deste ano e o lançamento nos cinemas se dará apenas em 1995. Sobre a história, Burton faz questão que a Mulher Gato seja o personagem principal; para encarná-la novamente, ninguém menos que a belíssima Michelle Pfeiffer, que também está em *Wolf*, ao lado de Jack Nicholson.

Angeli

CHIARA MASTROIANNI
REVELAÇÃO DRAMÁTICA

Revelada ao lado da eternamente jovem mãe Catherine Deneuve em *Minha Estação Preferida*, de André Téchiné, Chiara Mastroianni começa a dar os primeiros passos cinematográficos. Com a cara e a coragem, Chiara mostra o que aprendeu com os talentosos pais no décimo longa-metragem de Xavier Beauvois. Em *N'oublie pas que Tu vas Morrir*, primeiro drama de Beauvois, seu personagem exigiu todo o seu potencial dramático: ela se apaixona por um garçom que possui uma doença terminal e sabe que tem os dias contados.

HARVEY KEITEL
OPERÁRIO PADRÃO

Look

Taí um ator que não pára de trabalhar. É um entra-e-sai de sets de filmagens que fica difícil acompanhar. Mas uma coisa é certa, Harvey Keitel não se comporta como uma estrela, apesar de ter alcançado este status. Com um sucesso atrás do outro. Só em 1993 foram *Cães de Aluguel*, o ainda inédito no Brasil *Bad Lieutenant*, *O Piano* e *Olhos de Serpente*. Ele começa o ano de 1994 como herói, mesmo que de celulóide. Explique-se: em seu próximo trabalho, *Regard d'Ulysses*, novo filme de Theo Angelopoulos (*Paisagem na Neblina*), Keitel é um cineasta que atravessa o país dos Balcãs para fazer um filme místico. As filmagens serão realizadas na Romênia, Albânia e Grécia.

JOHN MALKOVICH
MAU, MUITO MAU!

Depois de sua irrepreensível atuação como o vilão de *Na Linha de Fogo*, John Malkovich está sendo constantemente solicitado para interpretar personagens maus. E finalmente aceitou fazer o *bad guy* do novo filme de Kevin Reynolds. *Waterland* é uma ação fantástica passada daqui a 500 anos, quando a Terra estará praticamente recoberta pelas águas do degelo dos pólos. Para contracenar com Malkovich, Kevin Costner, que ajudou seu amicíssimo Reynolds a realizar *Robin Hood – O Príncipe dos Ladrões* de 1991.

Angeli

• EMILE ARDOLINO: diretor de ***Ritmo Quente***, ***Três Solteirões e uma Pequena Dama*** e ***Mudança de Hábito***. Faleceu em 20 de novembro de 1993, aos 50 anos, vítima de Aids.

• BILL BIXBY: famoso pela série de TV ***Hulk***, faleceu em 21 de novembro de 1993, aos 59 anos, vítima de câncer.

• DON AMECHE: ator que recebeu o Oscar de Melhor Ator Coadjuvante por sua atuação em ***Cocoon***. Faleceu em 6 de dezembro de 1993, aos 85 anos, vítima de câncer.

adm pitiuk

JAPAN POP SOM

A Sanyo está trazendo para o Brasil um dos maiores sucessos musicais do Japão. O Compact System DC-D30. Com ele, você vai conhecer os grandes hits mundiais da tecnologia. Como o equalizador, que oferece um ajuste específico para cada estilo de música. São 8 opções pré-programadas e 3 programáveis, além de um visor digital que apresenta analisador de espectro com 5 modos de visualização. A gravação do CD para fita é totalmente computadorizada, com quatro formas diferentes de edição. E como parte do show, o Sanyo DC-D30 ainda oferece timer, sleep, wake-up (despertador), rádio digital AM/FM com 36 posições de memórias, entrada para microfone, toca-discos e videocassete ou videodisco. Sanyo DC-D30. A tecnologia traduzida em fidelidade, potência e decibéis.

SANYO

Além-Mar

Na América Central ou no Velho Continente, as mostras de cinema continuam arrastando multidões

• LONDRES
TORRE DE BABEL

O 37º Festival de Cinema de Londres conseguiu uma proeza: o maior público de sua história. Entre os muitos eventos especiais, um dos mais populares foi uma noitada de raridades vindas direto dos arquivos do falecido Andy Warhol. Na área de animação, o inglês *The Secret Adventures of Tom Thumb* conquistou crianças e adultos com suas figuras de massinha e seu humor nigérrimo; a animação por computador, porém, deixou a desejar, com exceção da pirotecnia visual do grupo Hex. Nessa área, a França (com obras trazidas do festival anual Imagina) parece estar liderando. Na categoria experimental/imagem eletrônica, os americanos saem disparados na frente: Ernie Gehr, que manipula celulóide desde os anos 60, esteve presente com suas estranhas paisagens urbanas, enquanto Michael Almeyreda trouxe *Another Girl, Another Planet*, o primeiro longa-metragem em Pixelvision (termo dado a imagens feitas com a PXL 2000, uma câmera de brinquedo), uma festa de "branco-e-preto" indistinto. "Cinema de três continentes" juntou filmes da Ásia, América Latina/Caribe e África. Do Brasil, *Boca do Lixo* colocou Eduardo Coutinho entre os melhores documentaristas latino-americanos contemporâneos. O único prêmio da mostra foi dado a *Leaving Lenin*, do galês Endaf Emlyn, sobre uma excursão à Russia. Os independentes americanos atraíram milhares de pessoas às salas de cinema. Entre eles, uma grande parte parece ter vindo direto do agora famoso Sundance

The Joy Luck Club

Film Festival. *Ruby in Paradise* foi um dos hits da temporada, seguido de *Amongst Friends*, a estréia do jovem diretor Rob Weiss, numa história de meninos ricos vivendo uma vida de crime ao som de Chili Peppers e hip hop. *Bound and Gagged*, uma comédia se-

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.
A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.

101,7 MHZ
FREQÜÊNCIA DE CLASSE

xual com a ex-atriz pornô Ginger Lynn Allen, foi uma agradável surpresa. Os principais "lançamentos comerciais" do festival é que atraíram as verdadeiras multidões. *Vestígios do Dia*, de James Ivory, abriu o festival. Robert De Niro apresentou sua estréia na direção *A Bronx Tale*, Robert Altman trouxe o seu *Short Cuts* e finalmente, *The Joy Luck Club*, uma história de mães e filhas chinesas vivendo nos Estados Unidos. Encantou as platéias inglesas tanto quanto havia agradado às americanas durante o ano.

Anamaria G. de Lemos, de Londres

• PORTO RICO
RENASCIMENTO ITALIANO

O cinema italiano acredita no seu renascimento. E por conta disso, está até se organizando. No recente Festival de Porto Rico (10 a 21 de novembro de 93), uma delegação de diretores, atores e técnicos compareceu com sete filmes dos novos cineastas italianos, de diferentes tendências, procurando apresentar um panorama do que se faz agora naquele país. Entre os destaques, *Un Alma Dividida en Dos*, de Silvio Soldini, cujo protagonista, Fabrizio Bentivoglio, foi premiado na edição 93 do Festival de Veneza, e *Manila Paloma Blanca*, de Daniele Segre, um mergulho na alma de um velho ator, interpretado por Carlo Colnaghi.

O grupo se constituiu numa associação – New Italian Cinema Events (NICE) –, com sede em Florença e Nova York, cujo objetivo é divulgar o cinema italiano dentro e fora do país. Já estão programadas mostras em Nova York e Los Angeles, para início deste ano. Michelangelo Antonioni e Martin Scorsese figuram entre os seus fundadores honorários; e entre seus membros destacam-se Bernardo Bertolucci, Nanni Moretti, Giuseppe Tornatore, e muitos outros.

Manila Paloma Blanca

Un Alma Dividida en Dos

O Festival de Porto Rico, que realizou no ano passado sua terceira edição, apresentou um amplo panorama do cinema mundial, nessa pequena ilha do Caribe que fala espanhol e é parte dos Estados Unidos. Embora sem ser competitivo, o festival concede alguns prêmios. *La Vida Es una Sola*, belo e corajoso filme de Marianne Eyde, representante do Peru, ganhou o Prêmio do Quinto Centenário da descoberta da ilha por Cristóvão Colombo. Trata-se da história de uma aldeia indígena espremida entre as tropas federais e a organização maoísta Sendero Luminoso.

Helena Salem

Palmcorder
S250
Grandes filmagens com facilidade.
A FILMADORA COMPATÍVEL COM O SEU VÍDEO VHS
Na hora de adquirir uma câmera, exija uma VHS compacta S250 Panasonic. Com este formato você tem a reprodução direta das fitas no seu vídeo VHS, bastando utilizar o adaptador que acompanha o produto.
PROGRAM AE
Efeitos criativos com maior facilidade.
I LUX
Imagens maravilhosas, mesmo com pouca iluminação.
WIDE ANGLE LENS
Enquadra toda a cena.

NV-S250BR - Produzido na Zona Franca de Manaus.
Panasonic VHS Câmera de Vídeo
Panasonic 2 ANOS GARANTIA
Consulte o seu Revendedor sobre sistemas de consórcio.
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: (0123) 31-1033
Panasonic
Antecipa o futuro
Filiais:
São Paulo (011) 584-0977 / Rio de Janeiro (021) 280-5549 / Porto Alegre (051) 221-2988 / Recife (081) 224-4892 / Manaus (092) 237-8536

U1

A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

traje a Rigor

O cineasta Martin Scorsese revela o subconsciente da aristocracia nova-iorquina do final do século passado através do triângulo amoroso formado por Michelle Pfeiffer, Daniel Day-Lewis e Winona Ryder

A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

Depois de ter radiografado o submundo do crime (*Caminhos Perigosos*), os intrincados mecanismos de mentes psicóticas (*Taxi Driver*, *O Rei da Comédia*, *Cabo do Medo*) e os códigos de honra da Máfia (*Os Bons Companheiros*), o diretor Martin Scorsese optou por um salto em direção ao passado e aterrissou em pleno século 19, na Nova York aristocrata descrita pela autora Edith Wharton em seu livro, de 1930, *A Época da Inocência*.

A partir do triângulo amoroso formado pelo advogado Newland Archer (Daniel Day-Lewis), sua esposa May (Winona Ryder), e a prima da jovem cônjuge, a condessa Ellen Olenska (Michelle Pfeiffer), Scorsese orquestrou um baile de emoções frustradas e paixões forçosamente contidas que, pelo menos por fora (*veja entrevista com o diretor na edição nº 11, ano 7*), pode diferir radicalmente de sua filmografia até então.

Em vez de armas, surras, palavrões e fantasias violentas, Martin nos oferece agora o mundo fechado e ritualizadíssimo do *high society* nova-iorquino de 1870, povoado por fraques, espartilhos, charutos, valsas, jantares suntuosos, licores, country clubes e serviçais enluvados a granel. E, sobretudo, guiado por regras de comportamento rigorosíssimas, que devem ser seguidas à risca por todos que a ele pertencem, sob o risco de expulsão sumária e irrevogável daquele exclusivíssimo círculo grã-fino.

Não observar esses detalhes foi um dos erros da condessa Olenska, que deixa o marido para trás, na Europa, e chega a Nova York esperando encontrar uma sociedade mais livre e mais flexível do que a de onde saíra. Ocorre o oposto exato: separada do marido, e dada a sair sozinha ou acompanhada de um outro homem casado (um empresário aventureiro que a sociedade já não vê lá com bons olhos), ela é considerada, à boca pequena, não mais que uma vagabunda, crítica que só não se consuma às abertas por pertencer a uma das famílias mais tradicionais da cidade.

A vida da condessa complica, entretanto, quando ela se envolve com Newland, e os dois se apaixonam perdidamente. A partir desse momento, Archer precisa optar pela vida que já conhece e à qual já estaria compromissado – ao se casar com a nobilíssima May, prima de Ellen – ou por

Cenários deslumbrantes e figurinos luxuosos são um dos pontos altos da obra de Scorsese. Abaixo, Michelle Pfeiffer, Geraldine Chaplin e Winona Ryder na seqüência da Ópera

EDITH WHARTON

Alta Sociedade sob o Microscópio

A escritora americana dissecou os anseios da aristocracia nova-iorquina

É bom explicar que Martin Scorsese não é o responsável. Ele simplesmente foi na onda. A redescoberta de Edith Wharton (Edith Newbold Jones Wharton, nascida em Nova York em 1862, e que faleceu na França em 1937) aconteceu nos anos 80, quando a reedição de seus romances, em edições populares, voltaram a ser consumidas com o maior prazer por toda uma nova geração de leitores. Literariamente falando, não podia ser mais justo. Vai ser difícil encontrar quem discorde: Edith Wharton é a melhor romancista americana do século 20.

Como uma privilegiada, Edith Wharton teve acesso a um tema que não estava à disposição de seus colegas. Ela foi a única que teve autoridade para seguir os passos do amigo Henry James. Pôde escrever sobre a fechadíssima sociedade aristocrática da Nova York do começo do século porque pertencia a este seleto grupo. A sua inquietação disseca a ansiedade das moças da época em busca de um casamento. Todas usavam o garfo certo e falavam com o sotaque correto, mas a ambição de seus corações é, com uma diferença de requintes, a mesma de suas equivalentes da classe média.

A arte e a inteligência de Edith Wharton fazem de *A Era da Inocência* (que recebeu o Prêmio Pullitzer em 1921), *A Casa da Alegria* e *Ethan Frome* (também transformado em filme) três obras-primas de leitura no mínimo deliciosa. Além de escritora de livros fascinantes sobre a vida, o dinheiro e os amores dos ricos americanos, Edith Wharton tem outra permanência entre os clássicos, conquistada com outras obras como o pioneiro *A Decoração das Casas* e também com *As Vilas Italianas e seus Jardins*. Não é para confundir com esses estudos sobre futilidades. Os livros de Edith Wharton devem ficar na prateleira que guarda as obras de uma civilizada erudição.

Telmo Martino

A Era da Inocência, de Edith Wharton – trad. Sieni Maria Campos – Ed. Ediouro, 335 págs. CR$ 2.184,00.

A ÉPOCA DA INOCÊNCIA

Os três vértices do triângulo amoroso: Winona Ryder, acima, Michelle Pfeiffer e Daniel Day-Lewis, abaixo

uma vida em pecado, desaprovada pelo grupo social que até então o abraçou.

"Você sempre imagina as mulheres daquele tempo como sendo criaturas impotentes", diz Winona Ryder, a respeito de quem, de fato, comanda a ação em *A Época da Inocência*. "Mas o interessante neste filme é que todas as mulheres da história são extremamente fortes – são elas que mandam naquela sociedade. Para mim, Archer é um banana."

Para Winona, sua personagem – uma jovem mulher determinada a manter o casamento indissolúvel e a família livre de ataques – não é uma vilã, por mais que, em certos momentos, o filme (como o livro) nos leve a torcer para que o romance de Newland e Ellen seja consumado. "May foi criada para ter seu lugar naquela sociedade, e ela faria todo o necessário para manter esta posição. Algumas pessoas, depois de ver o filme, ficaram se perguntando se May era uma vilã, se ela era boa ou má, se era manipuladora, se era conivente. Mas para mim ela sempre foi uma pessoa nobre, mais do que os outros possam imaginar. Na cena do jardim (quando May pergunta a Archer, à queima-roupa, se ele ama outra mulher), ela oferece a Newland duas alternativas, sem dramas, sem chorar. E ele escolhe casar-se com ela. Depois que eles já estão casados e ela percebe o que está acontecendo, ela raciocina: 'Ele se casou *comigo*. Não estou disposta a desgraçar minha família e a arruinar minha vida. Ele tomou uma decisão e agora vou mostrar-lhe que é preciso cumpri-la!' Acho também que ela sofreu muito, por trás daquela fachada de doçura e compostura."

"O maior pecado de Ellen foi dar muita atenção a seu coração, aos seus desejos, seus sentimentos e suas paixões", diz Michelle Pfeiffer, defendendo a condessa. "O maior crime dela, o que provocou sua derrubada, foi sua incapacidade de viver desonestamente."

E a que se atribuiria essa incapacidade? "Ellen foi criada de uma maneira nada convencional", prossegue Pfeiffer, "e meio que vivia como uma cigana, viajando muito, sem jamais ter crescido tendo ao redor um conjunto de regras e costumes sociais específicos. Como resultado disso, ela é uma pessoa inocente, que sempre funciona na base do instinto, da intuição, porque nunca haviam imposto restrições a ela."

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

The Age of Innocence, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Martin Scorsese ■ ROTEIRO: Jay Cocks e Martin Scorsese, a partir do romance homônimo de Edith Wharton ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Datne Ferretti ■ DIREÇÃO DE ARTE: Speed Hopkins ■ MÚSICA: Elmer Bernstein ■ Com Daniel Day-Lewis, Michelle Pfeiffer, Winona Ryder, Geraldine Chaplin ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 136 min.

THE ONE

Uma nova era em imagem e som.

FILMADORAS

VHS-C
NV-S750 PN
NV-S250 PN

MULTI LASER DISC PLAYER

LX-K700
LX-101

VIDEOCASSETES

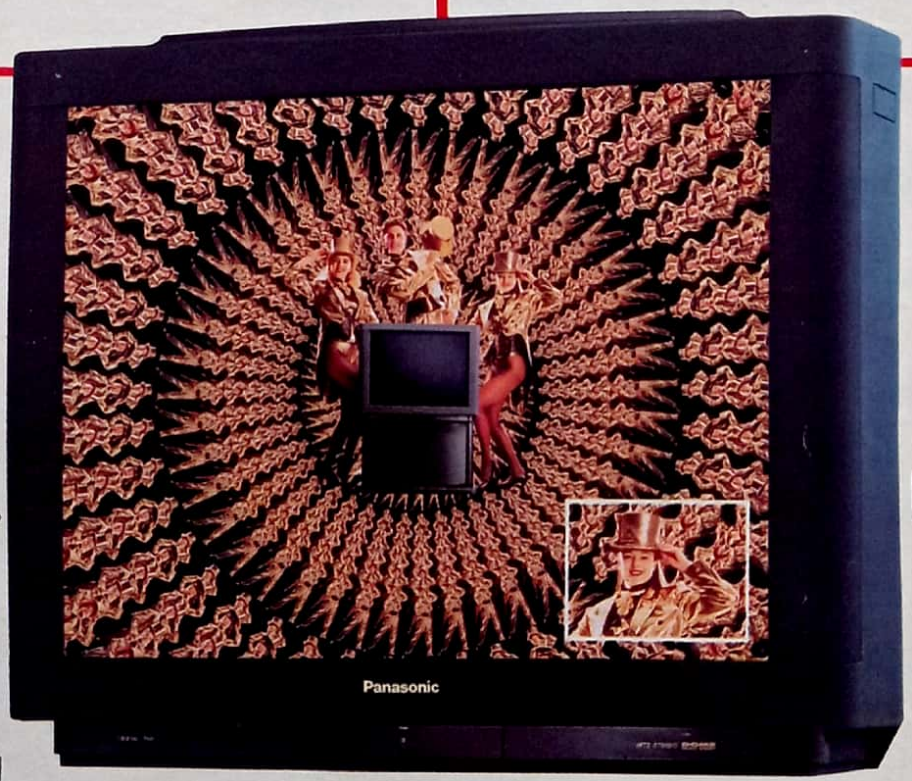
NV-SD10 BR
NV-SD20 BR
NV-HD100 BR

TELA SUPERPLANA

A tela de THE ONE é 30% mais plana que a dos modelos convencionais. Isto permite que você tenha um maior campo de visão e possa apreciar imagens nítidas de qualquer ângulo.

TELA NEGRA

Com mais de 750 linhas de resolução, a série THE ONE consegue um grande realismo nas imagens. Graças aos pigmentos negros no vidro da tela, a reprodução dos tons escuros também é mais realista, com uma melhora de 46% no contraste.



Modelo TC-33V2L
(com sistema "PinP")

SISTEMA DE SOM DE ALTA QUALIDADE

No exclusivo New Dome Sound Stereo System/Surround System, as caixas acústicas estão dentro do gabinete e envolvem o tubo de imagens. Isto proporciona um som ambiente mais rico, como no cinema, com graves mais profundos, médios e agudos cristalinos.

CONTROLE REMOTO MULTIFUNCIONAL

Para operar, ao mesmo tempo, o televisor e a maioria dos videocassetes Panasonic.

A Panasonic produz seus televisores como quem cria uma obra de arte. Ela busca expressar todo o seu talento para emocionar uma pessoa verdadeiramente especial: você. THE ONE reúne uma série de características que o fazem único no mercado. Ele possui um design arrojado e os mais sofisticados recursos de áudio e vídeo. Conquiste este privilégio.

THE ONE

THE ONE
TC-29V2L (29")
TC-33V2L (33")

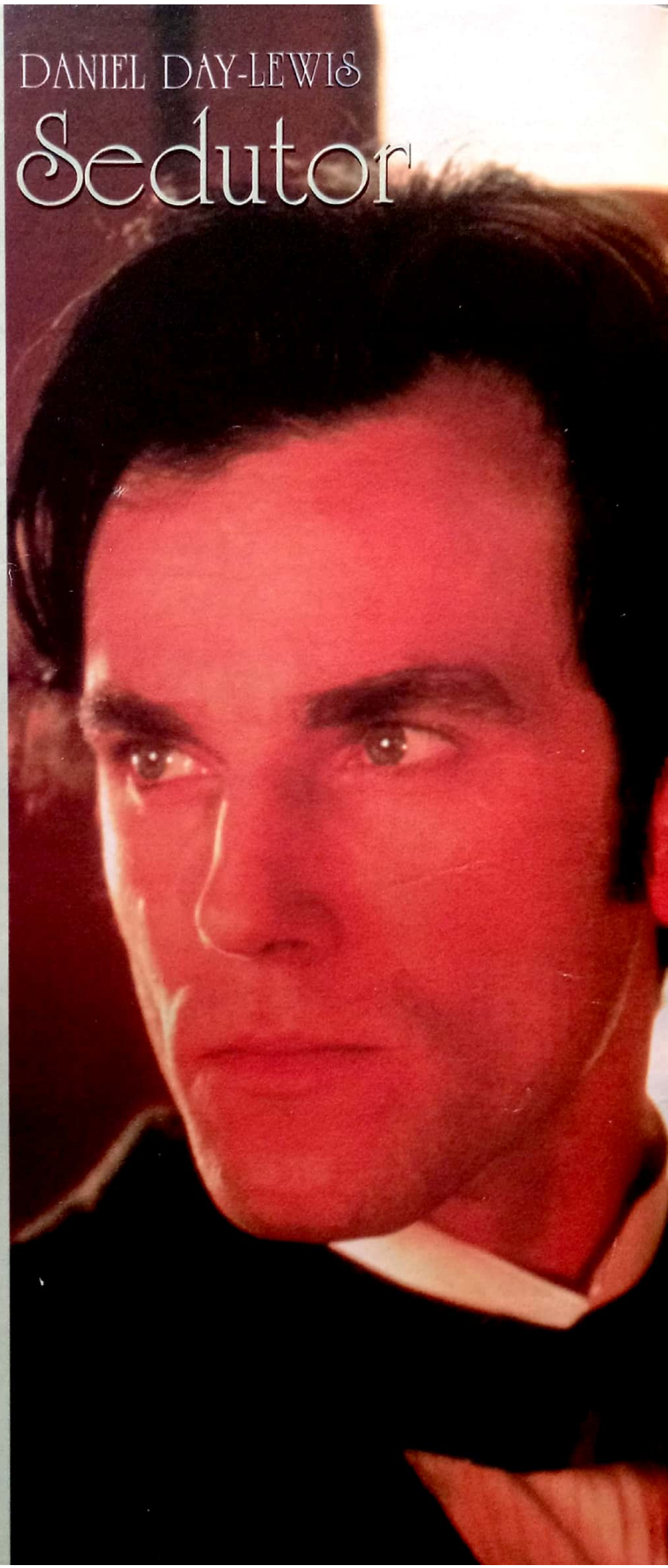
Panasonic
Antecipa o futuro

À venda na Zona Franca de Manaus e Free Shop dos principais aeroportos do Brasil
Produtos Importados

ENTREVISTA

Adorável

DANIEL DAY-LEWIS Sedutor



O inglês que foi premiado com o Oscar de Melhor Ator por *Meu Pé Esquerdo* já viveu um homossexual em *Minha Adorável Lavanderia* e um índio galã em *O Último dos Moicanos*. Nesta exclusiva, ele conta as experiências de paixão e sensualidade apreendidas com o personagem Newland Archer.

O que há em Ellen que faz Archer questionar seu mundo de forma tão intensa?

Mesmo antes que Ellen aparecesse na vida dele, Archer já questionava seu mundo, mas sempre de dentro daquele mundo que não o agrada muito, mas é onde ele está sendo bem-sucedido, e onde ele está tentando ultrapassar as restrições da sociedade onde vive. Quando Ellen chega, ela representa tudo que ele almeja, particularmente o sentimento de liberdade que ela parece ter, embora logo ele perceba que aquela liberdade tem um preço alto. E acredito que ela reconheça nele uma espécie de inocência, uma ingenuidade em acreditar que fora dali existiria um outro mundo, onde os dois talvez poderiam viver felizes para sempre. Ela sabe muito mais do que ele, é muito mais sábia.

Neste filme, o momento mais sensual ocorre quando uma luva é desabotoada. Você acha especialmente notável uma cena dessas hoje, numa época em que as pessoas não hesitam em se despir inteiramente e praticar os atos mais íntimos na tela?

Nunca cheguei a pensar nisso, objetivamente. Nunca encarei com distanciamento os personagens e o mundo onde eles vivem. Parte do nosso trabalho – de todo mundo, suponho, envolvido no filme – era tentar recriar uma determinada sociedade com bastante autenticidade e detalhe, para que a severidade daquelas restrições e aquele código de comportamento ficassem tão claros e evidentes que o menor gesto de amor, a menor emoção, ficaria claríssimo. Considere que tudo aquilo só pode ser interpretado dentro do contexto daquela sociedade.

Você acredita na máxima que diz "melhor amar e perder quem se ama, do que jamais ter amado"? E você acha que Archer teria sido mais feliz se não tivesse descoberto o que era o verdadeiro amor?

Não sei se o sentimento de felicidade chega a ser expressado no filme. Mas decerto, a autora do livro fala de Archer no final como sendo um homem que acha nunca ter aproveitado o desabrochar da vida, por que não acreditou que tinha o direito para tanto. Ele viveu o amor como uma impossibilidade.

Hoje sofremos menos que antigamente?

Menos? Não, o que difere é a natureza do sofrimento, e a disponibilidade da psicanálise. Embora não acho que terapias façam diferença alguma. Você pode passar 25 anos fazendo análise e continuar se sentindo da mesma maneira.

J.E.R.

CATHERINE DENEUVE

JÁ NAS LOCADORAS

INDOCHINA

UM FILME DE

RÉGIS WARGNIER

CÉSAR 93
Melhor Atriz
CATHERINE DENEUVE
Melhor Atriz Coadjuvante
DOMINIQUE BLANC
Melhor Fotografia
Melhor Cenário
Melhor Som

GLOBO DE OURO 93
Melhor Filme Estrangeiro

VENCEDOR OSCAR 93
Melhor Filme Estrangeiro

PARADIS FILM e LA GÉNERALE D'IMAGES apresenta "INDOCHINE"

LINH DAN PHAM · VINCENT PEREZ · JEAN YANNE

DOMINIQUE BLANC · HENRI MARTEAU

CARLO BRANDT · GÉRARD LARTIGAU · THIBAULT DE MONTALEMBERT · HUBERT SAINT-MACARY · ANDRZEJ SEWERYN

A Família Addams 2
UIP

ELES VOLTARAM!

...Mais engraçados e violentos ainda do que no primeiro filme. Com um roteiro nota dez, cujo humor negro não poupa nem Michael Jackson nem os desenhos da Disney, esta seqüência chega a superar o original de 91

A palavra "seqüência" causa arrepios em cinéfilos. Quantas vezes já não nos decepcionamos com filmes-seqüência que não conseguiam manter a qualidade do original? Dá para comparar *Tubarão 2* com o dirigido por Spielberg? E *Robocop*? E *O Exorcista*?

No caso da esperada seqüência para *A Família Addams*, as expectativas eram desanimadoras. O filme original, feito em 1991, era divertido e bem realizado. Mas podem esquecer sua desconfiança, cinéfilos: chegou *A Família Addams 2*, um filme-seqüência que totalmente transcende o original. Mais engraçado, mais bem escrito e com melhores atuações.

O grande ás na manga deste filme é o roteiro espertíssimo de Paul Rudnick, um autor teatral de sucesso nos Estados Unidos e roteirista do filme *Mudança de Hábito*, o hit com Whoopi Goldberg.

Rudnick recheou a história com piadas de um humor negro ainda mais radical que o primeiro. Sem medo da vigilância politicamente correta que recentemente se instaurou na indústria do entretenimento, a família Addams destila piadas sobre violência, zomba de Michael Jackson e dos

A Família Addams 2

desenhos da Disney, e ainda comenta sobre o "hábito" europeu de não tomar banho com muita freqüência.

Neste novo filme a família ganha mais um membro. Pubert, o terceiro filho do casal Gomez (Raul Julia) e Mortícia Addams (Anjelica Huston). Para tomar conta do bebê, o casal contrata os serviços da babá Debbie (a sexy Joan Cusack, de *Toys*), na verdade uma perigosa *serial killer* que só está atrás da fortuna do tio Funéreo (Christopher Lloyd, o cientista de *De Volta para o Futuro*).

Na parte mais engraçada do filme, Debbie convence Gomez e Mortícia a mandar as crianças Vandinha (a ótima Christina Ricci, a menininha de *Minha Mãe É uma Sereia*) e Feioso (Jimmy Workman) para uma colônia de férias. O lugar é cheio de crianças alegres, louras e animadas, cantando músicas de amor em volta de fogueiras. Ou seja, um verdadeiro pesadelo para os jovens Addams.

Para se ter uma idéia da chatice do lugar, imagine o seguinte: se a colônia de férias fosse no Brasil, seria comandada por Daniel Azulay e Oswaldo Montenegro. E é nesse ambiente desolador que Vandinha vai finalmente arrumar um namorado, o atrapalhado e hipocondríaco Joel Clicker (David Krumholtz), que, assim como ela, está totalmente deslocado e constrangido em meio a tantas crianças exuberantes.

"O primeiro filme, basicamente, não tinha uma história", diz o diretor Barry Sonnenfeld, que também dirigiu o primeiro *A Família Addams* e foi diretor de fotografia de sucessos como *Harry e Sally – Feitos Um para o Outro* e de quase todos os filmes dos irmãos Coen (*Arizona Nunca Mais*, *Gosto de Sangue* e *Ajuste Final*). "Neste segundo filme, criamos uma história mais interessante e introduzimos novos personagens, como o bebê Pubertinho, o namorado de Vandinha, Joel e a babá."

O diretor conta que várias piadas do filme foram tiradas de histórias reais. A seqüência da colônia de férias, por exemplo, foi inspirada em um verão aterrorizante que ele próprio viveu quando era criança. "Cresci como vítima de uma mãe judia superprotetora", diz Sonnenfeld. "Minha mãe chegou a ligar para o Madison Square Garden no meio de um show do Jimi Hendrix e mandou me chamar no alto-falante só para se certificar de que eu havia levado minha bombinha contra asma. Meus pais sempre me mandavam para essas colônias de férias cheias de crianças alegres e extrovertidas; mas eu era tímido e hipocondríaco, e todo mundo zombava de mim. Achei que seria muito interessante colocar Vandinha e Feioso, dois jovens que são a antítese do modelo americano de 'crianças boazinhas', em confronto com o clima de alegria artificial de uma colônia de férias." O resultado é, de fato, excepcional. Diferente do primeiro filme, que extraía mais risos das "gags" visuais do que de diálogos engraçados, esta seqüência traz algumas das tiradas mais divertidas dos últimos anos.

O que não quer dizer que o visual não seja espetacular. Contando com uma equipe de primeira, que inclui o diretor de fotografia Donald Peterman (indicado ao Oscar por *Flashdance* e *Jornada nas Estrelas 4*), o desenhista de produção Ken Adam (*Dr. Fantástico* e *Barry Lyndon*) e a figurinista Theoni Aldredge (Oscar por *O Grande Gatsby*), *A Família Addams 2* é visualmente impressionante, com cenários que lembram os filmes de horror expressionistas da Alemanha e clássicos do cinema de suspense, como *O Mensageiro do Diabo*, de Charles Laughton.

O humor negro impressiona e, segundo alguns, é exagerado para um filme dirigido basicamente ao público infantil. Em *A Família*

Fotos UIP

Gomez e Mortícia (Julia e Huston) têm mais um rebento, Pubertinho (à esquerda), que sofre horrores nas mãos de Feioso e Vandinha (Jimmy e Christina, abaixo). Na página oposta, os inseparáveis tio Funéreo (Lloyd) e a Coisa

Addams 2 vemos Vandinha e Feioso, tomados por ciúme devido ao nascimento do irmãozinho, Pubertinho, tentar guilhotinar o bebê, arremessá-lo do alto de um prédio e tentar esmagá-lo com uma bola de boliche.

O roteirista Paul Rudnick garante que não quis fazer da família Addams uma "ameaça à sociedade". "Eles são diferentes da típica família americana", diz. "Os Addams são o antídoto para a correção política. Mas isso não quer dizer que eles sejam uma família problemática. Muito pelo contrário: Gomez e Mortícia se amam, amam seus filhos e de uma maneira geral toda a família vive junta, sem problemas."

Essa opinião é compartilhada pelo ator porto-riquenho Raul Julia (*O Beijo da Mulher-Aranha*), que interpreta Gomez Addams. "Meu personagem é um pai dedicado, que ama a sua família e faz de tudo para proteger seus filhos e sua esposa. Ele é uma mistura de Errol Flynn e Leslie Howard (de *O Pimpinela Escarlate*, 1935). O problema é que os Addams vivem em uma sociedade diferente, em que eles são vistos como uma família exótica."

Segundo Julia, o clima de fraternidade entre os Addams não rolou só na tela mas também durante as filmagens. Ele próprio passou horas cantando tangos para animar os dois bebês gêmeos que faziam o papel de Pubertinho (na verdade, duas meninas, Kaitlyn e Krystin Hooper).

O ator diz que, em geral, não gosta de filmes-seqüência, mas que aceitou fazer *A Família Addams 2* porque o roteiro era muito bom. "Fiquei com medo de que esse segundo filme fosse só uma cópia requentada do primeiro", diz Julia. "Depois que li o roteiro, no entanto, vi que eles bolaram uma coisa totalmente nova, que tornou a história interessante."

Um dos grandes destaques do filme é a atuação de Christina Ricci, 13 anos, no papel da menina Vandinha. O roteirista Paul Rudnick já se apressa em chamá-la de "a próxima Jodie Foster". Menos exaltada, a própria Christina cita Foster como um grande modelo a ser seguido, mas diz que "ainda é muito cedo para celebrar".

Christina fala com saudade dos meses em que passou filmando com Raul Julia e Anjelica Huston. "Eles me ensinaram muito. Me ajudaram a manter a calma nas cenas mais difíceis. Fica tudo mais fácil quando você está trabalhando com atores experientes. Eles te transmitem segurança", diz com impressionante maturidade.

A Família Addams 2 é uma superprodução de 40 milhões de dólares, cheia de efeitos especiais e cenários gigantescos. As cenas mais difíceis de ser filmadas, no entanto, envolveram o menor membro do clã dos Addams. A Coisa, a mão que corre pela casa, acende charutos para Gomez e massageia a cabeça de Funéreo.

Neste filme, a participação da Coisa é muito maior do que no *Família Addams* original. A criatura chega a dirigir um carro e faz uma acrobática exibição montada em patins. As cenas em que a Coisa aparece não totalizam quinze minutos, mas as filmagens demoraram sete meses, enquanto todo o resto do filme não levou mais de três meses para ser rodado.

A técnica para a filmagem dessas cenas é complicada e sua realização, exaustiva. A mão que aparece na tela pertence a Christopher Hart, um famoso mágico americano. Primeiro, são filmadas as cenas com todo o corpo de Hart aparecendo. Depois, é utilizada uma câmera especial que consegue repetir a filmagem exatamente como da primeira tomada, só que agora sem ninguém aparecendo, só mostrando o cenário. Aí vem a parte mais difícil: técnicos superpõem as duas imagens e através de uma técnica especial apagam a imagem de Hart, deixando visível apenas sua mão. É assim que se consegue um efeito tão realista.

Hart diz que não é fácil interpretar o personagem. "Tenho que fazer de conta que minha mão é um corpo, que tem seu próprio 'centro de gravidade'. Quando faço a mão correndo pelos corredores da casa, nunca posso deixar menos de dois dedos tocando no chão ao mesmo tempo, senão a cena ficaria irreal."

André Barcinski, de Los Angeles

SET

Addams Family Values, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Barry Sonnenfeld ■ ROTEIRO: Paul Rudnick, baseado nos personagens criados por Charles Addams ■ DIRETOR DE FOTOGRAFIA: Donald Peterman ■ PRODUÇÃO: Scott Rudin ■ SUPERVISÃO DE EFEITOS ESPECIAIS: Alan Munro ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Ken Adam ■ FIGURINOS: Theoni V. Aldredge ■ MÚSICA: Marc Shaiman ■ Com Anjelica Huston, Raul Julia, Christopher Lloyd, Joan Cusack, Christina Ricci, Jimmy Workman, Carol Kane, Carel Struycken, Christopher Hart, David Krumholtz ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 100 min.

A Família Addams 2

ENTREVISTA ANJELICA HUSTON

FILHA DE PEIXE

A matriarca dos Addams conta suas experiências durante as filmagens e seus planos para estrear como diretora

O sobrenome Huston é poderoso. Antes de Anjelica, dois outros Huston reinaram em Hollywood: seu avô Walter e seu pai, John, diretor de clássicos como *O Falcão Maltês* e *O Tesouro de Sierra Madre*.

Do começo dos anos 70, quando iniciou sua carreira como atriz, até 1985, quando ganhou o Oscar de Atriz Coadjuvante por sua atuação em *A Honra do Poderoso Prizzi*, Anjelica Huston viveu à sombra do pai famoso.

Ela mesmo admite que ganhou muitos papéis à custa do sobrenome. "Eu sabia que muitos diretores me deram papéis só porque eu era filha de John Huston", diz. Em 1972, ela iniciou um romance com Jack Nicholson que durou dezessete anos. Daí, além de "filha de John", passou a ser conhecida como "a namorada de Jack" (o caso terminou em 1989, quando Nicholson engravidou a atriz Rebeca Broussard).

Depois de *A Honra do Poderoso Prizzi* tudo mudou. Anjelica ficou conhecida como uma grande atriz, foi indicada outras duas vezes ao Oscar (por *Inimigos – Uma História de Amor*, 1989, e *Os Imorais*, 1990) e se firmou como uma das mais respeitadas atrizes quarentonas de Hollywood.

Ela está casada há dois anos com o escultor mexicano Robert Graham, um nome famoso no circuito de arte da Califórnia. Os dois dividem seu tempo entre uma casa em Los Angeles e um rancho no norte do Estado, onde Anjelica, 42 anos, cuida de jardins e de seus animais de estimação. O casal planeja para o ano que vem um filho, o primeiro de Anjelica.

A carreira da atriz vai bem, obrigado. Ela trabalhou no ótimo *Um Misterioso Assassinato em Manhattan*, de Woody Allen, e está preparando sua estréia como diretora.

UIP

Para você, acostumada a papéis dramáticos, como em *A Honra do Poderoso Prizzi* e *Os Imorais*, é mais fácil fazer uma comédia, como *A Família Addams*?

É diferente. Não estou muito acostumada a trabalhar em superproduções, por isso estranhei demais quando filmei o primeiro *A Família Addams*. Nunca poderia imaginar que tanta gente pudesse estar envolvida na realização de um filme. São dezenas de técnicos, motoristas, iluminadores, um inferno! É incômodo para o artista trabalhar quando se tem duzentas pessoas olhando para você. O pior é que a maioria dessas pessoas fica no set de filmagem sem fazer nada! Mas de uma maneira geral gostei de interpretar Mortícia. Me dou muito bem com Raul *(Julia)* e o clima entre os atores e o diretor era ótimo.

Seu trabalho rende melhor em produções mais modestas?

Gosto de sets de filmagens mais intimistas, como os de Woody Allen e Stephen Frears *(Os Imorais)*. Você consegue se concentrar melhor.

Você acha que seu pai gostaria de te ver como Mortícia? *(John Huston morreu em 1987.)*

(Rindo) Sim, ele iria adorar o filme. Meu pai tinha um senso de humor espetacular.

Gostaria que você falasse um pouco de como seu pai influenciou sua carreira...

Ele foi minha maior inspiração. Ele me ensinou a ver o filme do ponto de vista do cineasta, a entender por que um diretor usa uma câmera posicionada em um certo ângulo; enfim, me ensinou a ver o cinema como um criador, não como espectador. Meu pai também sempre dizia que um diretor devia conhecer literatura a fundo. Ele achava que livros eram uma ótima inspiração para filmes. Durante sua carreira, ele dirigiu diversas adaptações de romances.

Você herdou esse gosto pela literatura?

Sim. Inclusive, no ano que vem, vou dirigir meu primeiro filme, a história de um romance que envolveu o poeta irlandês Yeats.

Quando seu filme for lançado, é óbvio que muitos vão comparar você com seu pai...

É, já estou esperando isso, mas não tenho medo. Só ficaria apavorada se alguém dissesse que eu sou melhor que ele! *(Risos)*

A maioria das atrizes com mais de 40 anos costuma reclamar da falta de bons papéis para elas em Holywood. Você parece que não sofre muito com esse problema e tem trabalhado constantemente em bons filmes...

É engraçado, mas eu recebo muito mais ofertas de trabalho hoje do que quando tinha 20 anos. Acho que hoje eu sou uma boa atriz. Antigamente, eu era só a filha de John Huston.

Te perturbava o fato de que muitos produtores a convidaram para filmes por causa de seu pai?

É lógico que eu ficava chateada. Depois que comecei a namorar o Jack *(Nicholson)*, a coisa ficou pior ainda. Eu notava que diretores e produtores só fingiam estar interessados em mim para agradar meu pai e meu namorado. Um dia me enchi de tudo aquilo, botei na cabeça que ia ser uma boa atriz e que só me sentiria realizada quando soubesse que eu estava sendo contratada por causa de minhas qualidades. Me matriculei em várias aulas de teatro, estudei muito e me aperfeiçoei.

A.B.

Fita de Primeira Preço de Segunda

Na Jointvideo fita nova ou usada, lançamentos pronta-entrega e raridades a preços mais atraentes do que nunca.

A Jointvideo está de casa nova e acaba de ampliar o acervo para 15 mil fitas. O Fita Express Jointvideo - recém-criado serviço de entrega 24 horas já é sucesso entre as locadoras de São Paulo e Grande São Paulo. As reservas passaram a ser feitas por computador. O preço de tudo isso? Ficou ainda mais baixo, com o atendimento de sempre, qualidade, variedade dos títulos e garantia de 3 meses. E mais: permuta, facilidades no pagamento e remessas via Sedex para todo o País. Acessórios de alto padrão direto do fabricante.
Jointvideo: qualidade que não custa mais.

Jointvideo
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.

SÃO PAULO - SP
Av. Gal. Ataliba Leonel, 411
Santana (próximo à Estação
Carandiru do Metrô) CEP 02033-000
Fone:(011)290.0811/Fax:(011)267.6120

RECIFE - PE
R. João Colimbra, 99
Madalena CEP 50610-310
Fone/Fax: (081) 228.3988

Foto: Juca Martins

ENFASE COMUNICAÇÕES

THE NIGHTMARE BEFORE CHRISTMAS

as bruxas estão soltas

Tim Burton utiliza a mais avançada tecnologia numa história engavetada há anos e faz renascer a técnica de animação de bonecos em stop-motion

Fotos L.F.I.

"A Disney nunca perde nada", diz Tim Burton, usando as mãos para despentear mais ainda sua juba negra. Ele dá um sorriso matreiro para a multidão de jornalistas que lota o auditório do estúdio em San Francisco, onde está dando os retoques finais em *Tim Burtons' The Nightmare Before Christmas*, sua fábula em stop-motion – a técnica de cinema que utiliza bonecos filmados quadro a quadro – sobre o Natal de o Dia das Bruxas. "Nunca!", ele enfatiza, antes de pedir que o projecionista passe alguns trechos do filme, a essa altura ainda um *work-in-progress*.

Tim sabe do que está falando. *The Nightmare Before Christmas* era não mais do que uma sinopse quando ele vendeu a

idéia para a Disney na época em que trabalhava como animador contratado do estúdio. O projeto permaneceu na proverbial gaveta durante anos a fio, até que Burton dirigisse *Beetlejuice – Os Fantasmas se Divertem* e os dois filmes da série *Batman* e se tornasse um dos nomes mais quentes da geração emergente em Hollywood. Foi quando o agente de Burton ligou para David Hoberman, presidente da Walt Disney Pictures e Touchstone Pictures.

"O agente de Tim telefonou", lembra David, sentado ao lado de Burton, na manhã de maio em que os jornalistas visitavam o set de *The Nightmare Before Christmas* em San Francisco, "mencionando a tal história, e perguntando se estávamos interessados nela. Imediatamente acionei nossos advogados e pesquisadores para investigar mais a fundo a questão e, de fato, *havia* nos arquivos uma sinopse da história. Prontamente lemos a sinopse e nos comprometemos a realizar o filme." "Eu não disse?", repete Burton. "A Disney nunca perde nada!"

Para surpresa geral, mesmo da própria Disney, ao ser lançado nos Estados Unidos em outubro de 1993, a tempo de coincidir com o Dia das Bruxas, *The Nightmare Before Christmas* superou todas as expectativas de desempenho e tornou-se um dos grandes sucessos do ano, recolhendo nas bilheterias mais de 60 milhões de dólares – a grosso modo, o triplo de seu custo de produção. Como termo de comparação, *O Demolidor*, projeto criado com o objetivo de *ser* um arrasa-quarteirão, deu chabu: rendeu o mesmo que o filme de Burton. Mas custou 70 milhões de dólares.

Nada mal para um filme tido como "difícil" e "sombrio demais", bem diferente do material com que a Disney costuma trabalhar, o contrário dos filmes "família" que levam o logo da companhia. Mickey Mouse talvez morresse de infarto se assistisse ao filme. De uma maneira tipicamente Burtonesca – leia-se dark, incomum e maluquete –, *The Nightmare Before Christmas* nos apresenta a Jack Skellington, a pernalta criatura com cabeça de abóbora que comanda o Dia das Bruxas. Farto de suas funções, Jack procura uma nova festa

THE NIGHTMARE BEFORE CHRISTMAS

para comemorar. Por acidente descobre o Natal e decide dar a seu comandados – e a todo o planeta – o melhor Natal de todos os tempos.

O problema, porém, é que Skellington e seus conterrâneos – uma legião de monstruosidades, entre elas um prefeito literalmente de duas caras, um sujeito que vive derretendo (não dá para explicar, só mesmo vendo), e Sally, uma boneca de pano remendada apaixonada por Jack – tentam realizar um Natal com jeito de Halloween, assustando o mundo com seus presentes aterrorizantes, e o tiro acaba saindo pela culatra, com Jack sendo perseguido pelas autoridades como Inimigo Público Número 1.

O anti-Disney, para alguns, mas exatamente o que o estúdio esperava feito do jeito que Tim Burton queria, sem interferência alguma dos "ternos" executivos. "Sinto-me particularmente orgulhoso deste filme", disse Hoberman, no início de 1993, "por considerá-lo talvez o mais inovador e criativo, em termos de animação, que já fizemos na Disney."

"A única vez que usamos stop-motion anteriormente foi na cena da luta dos escorpiões em *Querida, Encolhi as Crianças*. Não tínhamos a menor idéia de quão complexo, quão intrincado seria esse tipo de trabalho." E econômico: "o custo de um filme dessa natureza", garante David, "é bem inferior ao de um filme de animação".

Ele e Burton afirmaram também, na mesma ocasião, que a palavra final – financeira e criativa – era sempre de Tim. "Por isso tem sido tão importante trabalhar aqui em San Francisco", comentou Burton, "porque fica muito longe para os executivos estarem sempre por aqui."

"Adoro feriados de festas, adoro Natal e adoro o Halloween, principalmente", confessa Tim Burton. "Para mim, o Halloween sempre foi a noite mais divertida do ano. É quando a fantasia toma conta de todo o mundo. Na minha opinião, o Halloween é a hora de quebrar as regras, é quando você pode ser quem bem entender. É um pouco assustador, mas de uma maneira engraçada, jocosa. Ninguém pretende matar as pessoas de susto; o intuito é impressioná-las e diverti-las."

A semente de *The Nightmare Before Christmas* existia desde o final dos anos 70, mas o propósito de Tim era bem diferente da forma final que o filme adquiriu. "Há cerca de dez anos, quando eu trabalhava na Disney", diz Tim, "inventei essa história para o que poderia ser um especial de TV. Mais por falta de ter coisa melhor para fazer, não havia muita coisa sendo produzida na Disney naquele tempo." De fato, a época era de entressafra para o estúdio e um dos únicos desenhos de que Tim participou na condição de empregado foi *O Cão e a Raposa*.

"Como toda criança, cresci adorando *The Grinch that Stole Christmas* – tanto o livro de Dr. Seuss quanto o filme – e *Rudolph the Red-nosed Reindeer*. Acho que essas foram minhas inspirações iniciais; o fato é que eu queria fazer um especial de Natal de uns 20 ou 30 minutos de duração, algo que originalmente poderia ter tido narração de Vincent Price, poderia ter sido até uma narração em forma de poema."

Usar a técnica de stop-motion não seria novidade para Tim. "Antes eu havia feito um curta em stop-motion chamado *Vincent*. Era bem mais rudimentar; esse filme é mil vezes mais avançado. Mas ao fazer *Vincent* eu senti vontade de trabalhar com animação em três dimensões. Sempre gostei de Ray Harryhausen e coisas como *Jason e os Argonautas*."

De rudimentar, *The Nightmare Before Christmas* não tem coisa alguma: é um filme impressionante por trazer à tela momentos "impossíveis" e inéditos para os que conhecem e admiram a técnica. "No fim das contas, acho bom que tenha demorado até esse projeto ter acontecido, porque muita coisa aconteceu desde então." Ele estaria falando de equipamentos? "Principalmente, conheci Danny Elfman." Não. "O timing foi perfeito."

Tim refere-se ao compositor e arranjador com quem trabalha desde *Pee-Wee's Big Adventure* e que o acompanhou em todos os filmes que fez desde então. "Precisava de alguém que mostrasse o lado mais perverso que um musical pode ser, e acho que a Disney está sendo muito esperta de estar mostrando ambas as facetas do musical."

"Na verdade, o script foi sendo desenvolvido a partir das canções", diz Burton, ressaltando a importância da colaboração de Elfman. "Odeio usar a palavra 'orgânico', mas é a melhor que encontro para descrever o processo de realização do filme", detalha Danny. "Eu não conhecia a história por completo. Tim e eu nos reunimos, ele me contava um pedaço, eu ia para casa e compunha uma canção. No dia seguinte nos reuníamos novamente, eu mostrava a música a ele e Tim me contava para onde a história ia a partir dali. À medida que íamos trabalhando, percebi que estava contando a história através das músicas. E foi um trabalho tão rápido! E divertido."

"O ídolo de Tim, quando criança, era Vincent Price. O meu era Peter Lorre." Danny está preparando uma piada filosófica, para contrabalançar a impressão de que foi moleza fazer *The Nightmare Before Christmas*. "Deve haver alguma conexão aí: Vincent Price era sempre o torturador, e Peter Lorre, o pobre maluco perseguido."

A verdade é que não houve dificuldade básica alguma para Elfman compor essa trilha, ao que o próprio Danny confessa. "Para mim, compor músicas no espírito do Halloween é o mesmo que Madre Teresa de Calcutá compor canções sobre caridade e sacrifício", ele diz, logo trazendo à baila o grupo que fundou há duas décadas, o Oingo Boingo, um dos pilares do rock californiano contemporâneo. "Faço parte de uma banda que há quase 17 anos tem no Halloween o ponto alto de sua temporada de shows."

Faltava apenas um elemento-chave para compor o núcleo criativo que vinha sendo formado por Tim, Danny e a roteirista Caroline Thompson: o diretor. Este acabou sendo Henry Selick, veterano de stop-

Reino

Tim Burton, ao lado, imaginou uma história diferente para o Dia das Bruxas e utilizou a mais avançada tecnologia para realizá-la. Abaixo, esboço dos personagens Lock, Shock e Barrel

THE NIGHTMARE BEFORE CHRISTMAS

motion, conhecidíssimo no meio pelas vinhetas que fez para a MTV.

Certa vez, um crítico de rock americano comentou que os melhores cientistas loucos tinham ido formar bandas, como Kurt Cobain (do Nirvana), Eddie Vedder (do Pearl Jam) e Billy Corgan (do Smashing Pumpkins). Se pensarmos bem, o crítico errou: os cientistas loucos decidiram fazer filmes em stop-motion.

Trancados dia e noite nos estúdios em San Francisco, os animadores de *The Nightmare Before Christmas* passaram o tempo inteiro movimentando bonecos milimetricamente e filmando quadro a quadro, com o objetivo de dali extrair movimentos naturais o bastante para serem imperceptíveis por quem não entender do riscado. É uma arte demorada e exigente. Os animadores que estavam trabalhando numa seqüência climática envolvendo o vilão Oogie Boogie – uma criatura de saco recheada com insetos – precisavam se cobrir de filtro solar enquanto trabalhavam sob luzes negras.

"Ser um animador de stop-motion é um desafio e tanto", concorda Selick, ele mesmo parecendo o primo mais bem apessoado do Professor Pardal, magro, ossudo, narigudo e de óculos, quase uma ave falante. "Primeiro, é raro a pessoa que se interessa por esse tipo de trabalho. Precisa ser muitíssimo paciente. É um trabalho mais difícil do que fazer animação de desenhos. Fazendo desenhos, você tem como testar, refazer, refinar o desenho gradualmente, a todo momento. Em stop-motion nós fazemos diferentes processos de teste de uma cena, mas sempre tendo em mente a vontade – e a necessidade – de realizar aquela cena logo na primeira tomada. Não é muito comum repetir uma cena em stop-motion."

"Portanto, há um grau tremendo de concentração em cada etapa do trabalho", ele continua. "Primeiro, fazemos os storyboards de todo o filme, como se faz também num desenho animado. Nessa etapa, damos sugestões quanto à 'representação'. Mas na hora H, você acaba trabalhando ao lado do animador, na hora em que o set está pronto e iluminado. Eu represento para os animadores uma cena como acho que deve ser. O animador representa para mim. No fim, os animadores vão sozinhos para o set; só eles, as luzes, a câmera e os bonecos. Colocam uma cortina preta em volta do set, concentram-se e dão vida aos bonecos."

Henry se cercou de um time de primeira para fazer *The Nightmare Before Christmas*, uma equipe que ele compara a atores ganhadores do Oscar. "Trabalhamos com os melhores animadores de stop-motion que existem. Eles são os Jacks Nicholsons da profissão." Mas nem por isso seu dia-a-dia durante a realização do filme tornou-se especialmente mais fácil.

Jack Skellington, personagem principal, com a namorada Sally

"Toda manhã observo quinze ou dezesseis tomadas diferentes", diz Selick. "Faço um *loop* de cada cena, e assistimos o resultado repetidas vezes. Depois vamos ao set – eu, o diretor de arte e o diretor de fotografia – e trocamos idéias e comentários a respeito das tomadas. Muitas vezes conversamos com os animadores a respeito do timing, do ângulo da câmera ou das falas daquela cena e concluímos que a tomada não funcionará bem; então, abrimos mão dela. Outras vezes, são necessários apenas alguns pequenos ajustes." Tim Burton, por sua vez, participava à distância, comunicando-se com Selick por telefone, ou por fax, "principalmente na fase de seleção das cores que usaríamos".

A média de tempo consumida por esta equipe em cada tomada é de três dias. Segundo Henry, "a mais longa demorou oito ou nove dias para ser concluída. Tentamos manter um organograma de trabalho humano, mas esse tipo de coisa é desgastante, exige muito de uma pessoa. Costumo comparar esse tipo de trabalho ao que fazem em postos de prospecção de petróleo". Quem ouve Henry falar, acredita que ele e sua equipe extraíram sangue de pedras, mesmo tendo à sua disposição a tecnologia mais avançada de cinema. Por outro lado, se "Tim está certo, a tecnologia facilita nosso trabalho", diz Henry, "por outro, um filme como *King Kong* ainda impressiona até hoje, muito embora a animação empregada tenha sido rudimentar – você vê o pêlo do macaco mexendo feito louco".

"Existe um charme inerente, um quê inatingível por outros processos de animação. Nós usamos computadores que nos ajudam nos movimentos de câmera, monitores de vídeo para nos auxiliar nos movimentos dos bonecos, mas no fim das contas o trabalho é braçal e criativo. É um animador quem dá vida aos personagens. É verdade que é um processo arriscado, alguns defeitos são visíveis, mas o todo é tão forte que não importa."

Tim Burton assina embaixo. "A tecnologia para se fazer um filme de stop-motion se desenvolveu muito até os dias de hoje", diz Burton, "mas ao mesmo tempo ainda acho que seja uma forma de arte à moda antiga, e é aqui que está o charme e a força do stop-motion. A animação normal é posada, delineada. No stop-motion existe um elemento de risco e sujeira que, no meu entender, adiciona um algo mais à beleza do trabalho."

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Navegue Tranqüilo

O rumo dos negócios na sua locadora já está traçado. Mas, é sempre bom procurar águas tranqüilas para navegar. A Aruba Home Vídeo ajuda a tocar o barco para terra firme. São lançamentos, clássicos do cinema e raridades, títulos indispensáveis que afastam você de qualquer tormenta na hora da escolha.

O atendimento personalizado da Aruba livra o cliente de manobras arriscadas. Só leva o que precisa e recebe toda orientação sobre futuros lançamentos, fitas que estão para desembarcar nas prateleiras com locação garantida. E para negociar o tempo está sempre bom. A Aruba completa a rota de sucesso com um sistema de permuta, um mar de novidades para reciclar o acervo.

Aruba: direção para o seu investimento.

Aruba video

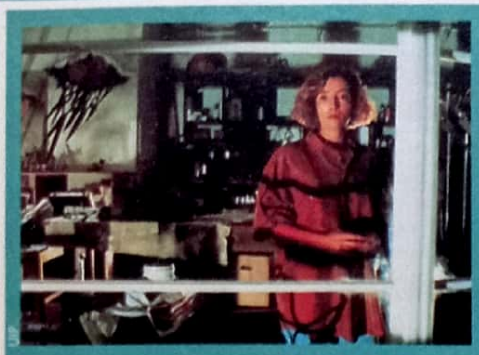
Av. Voluntários da Pátria, 1523
Sala 1 - Cep 02011-200 - Santana - SP
Fonefax: (011) 299.6238 / 267.9468

ENTREVISTA

EMMA THOMPSON

A ANTI-ESTRELA

Mesmo depois de receber um Oscar, a atriz não se empolga com convites milionários e confessa ser incapaz de viver na exuberante meca cinematográfica. Em fevereiro ela volta às telas brasileiras com *Vestígios do Dia*, onde contracena novamente com sir Anthony Hopkins



Dona de presença marcante nas telas, Emma Thompson dá vida aos personagens que protagoniza, como em *Voltar a Morrer*, *Henrique V*, o oscarizado *Retorno a Howards End* e em *Muito Barulho por Nada*, à esquerda, de cima para baixo. Ao alto, em seu recente trabalho *Vestígios do Dia*

Se os artistas de Hollywood fossem um pouco mais como Emma Thompson e menos como Sharon Stone, o mundo seria um lugar mais agradável. Pelo menos para os jornalistas, que freqüentemente se vêem obrigados a agüentar os estrelismos e chiliques de astros pretensiosos.

Com Thompson a coisa é diferente. Simpática, engraçada, inteligente e modesta. Recusa o rótulo de estrela que a mídia vem tentando lhe impor desde que ela ganhou o Oscar de Melhor Atriz por *Retorno a Howards End*. De dois em dois minutos, Emma solta uma piada certeira, uma frase de efeito. É o humor inglês no que ele tem de mais sarcástico e cínico.

Quem viu Emma Thompson em filmes sérios como *Retorno a Howards End* e *Henrique V* não pode imaginar as qualidades cômicas da atriz. Conhecendo um pouco de seu passado, no entanto, percebe-se que a comédia sempre foi parte integrante de sua vida.

Adolescente, Emma passava suas noites sentada no sofá assistindo ao programa do grupo cômico inglês Monty Python na TV, junto à irmã Sophie, à mãe – a também atriz Phillyda Law – e ao seu pai Eric Thompson, diretor de um conhecido programa infantil na televisão inglesa.

Em 1978, ainda obcecada pelo Monty Python, Emma se juntou ao grupo teatral Footlights, especializado em sketches cômicos. Dois anos depois, ela foi chamada para sua primeira peça musical, *Me and My Girl*. "Nessa época, eu só pensava em fazer comédia", diz a atriz que recebeu incentivo especial de um velho amigo de sua família – o ator Alec Guiness. Emma

SET

Wolfgang Petersen

NA LINHA DE FOGO

(In the Line of Fire, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Wolfgang Petersen ■ Roteiro: Jeff Maguire ■ Direção de fotografia: John Bailey ■ Música: Ennio Morricone ■ Montagem: Anne V. Coates ■ Desenho de produção: Lilly Kilvert ■ Direção de arte: John Warnke ■ Figurino: Erica Edell Phillips ■ Produção: Jeff Apple para a Castle Rock Entertainment ■ Distribuição: Columbia TriStar ■ Duração: 2h05.

O elenco: Clint Eastwood (Frank Horrigan), John Malkovich (Mitch Leary), Rene Russo (Lilly Raines), Dylan McDermott (Al D'Andrea), Gary Cole (Bill Watts), Fred Dalton Thompson (Sargento Harry), John Mahoney (Sam Campagna).

A trama: Frank Horrigan é um veterano agente do FBI traumatizado pelo passado. Como um dos seguranças do presidente Kennedy, Horrigan se responsabiliza pela sua morte em Dallas no dia 22 de novembro de 1963. Mas a chance de se livrar dos fantasmas do passado surge quando o psicopata Mitch Leary lhe telefona dizendo que vai matar o atual presidente. O maníaco fornece algumas pistas, e desta vez Horrigan não pode falhar.

O diretor: Wolfgang Petersen nasceu na cidade de Emden, Alemanha, em 1941. Sua carreira começou aos 19 anos como assistente de direção no Ernst Deutsch Theatre de Hamburgo. Entusiasmado com o teatro, estudou artes dramáticas por dois anos até perceber que não queria ser ator. Cursou Cinema e Televisão em Berlim. Antes de entrar para a TV, dirigiu dois curtas e escreveu algumas peças infantis para o rádio. Em 1970, estreou na TV com o filme *I Will Kill You, Wolf*. Um de seus primeiros telefilmes de sucesso, *Smog*, foi vendido para diversas TVs européias e também para o Brasil. Depois de muitos filmes para a TV, Wolfgang dirigiu *Um de Nós Dois* (*Einen von uns Beiden*, 1973), sua estréia no cinema, que lhe valeu o Prêmio Nacional Alemão de melhor diretor estreante. A projeção internacional veio somente com *O Barco* (*Das Boot*, 1981), filme que recebeu seis indicações para o Oscar, uma para o Globo de Ouro e levou o Prêmio da Academia Britânica. Wolfgang dirigiu ainda *A História Sem Fim* (1984), *Inimigo Meu* (1985) e *Busca Mortal* (1991).

Notas: para compor seu papel de agente do FBI, Clint Eastwood não precisou de muita pesquisa, pois durante anos ele foi amigo de muitos agentes secretos. Clint costumava jogar golfe com o então presidente Gerald Ford enquanto os guarda-costas do presidente o protegiam. O ator participava de festas na Casa Branca e nessas ocasiões passou a conhecer melhor o trabalho dos agentes de proteção do presidente. Os seguranças lhe ensinavam suas habilidades com armas Uzis e perguntavam quando ele faria um filme sobre o Serviço Secreto ■ Na cena em que Wolfgang filmou Clint perseguindo Malkovich pelos telhados de um prédio, muitos vizinhos gritavam "Clint para presidente", atrapalhando as filmagens. O diretor teve de berrar para que as pessoas fossem embora.

SET

Jim Abrahams

TOP GANG! 2 – A MISSÃO

(Hot Shots! Part Deux, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Jim Abrahams ■ Roteiro: Jim Abrahams e Pat Proft ■ Direção de fotografia: John R. Leonetti ■ Música: Basil Poledouris ■ Montagem: Malcolm Campbell ■ Desenho de produção: William A. Elliott ■ Direção de arte: Greg Papalia ■ Figurino: Mary Malin ■ Efeitos especiais: Erik Henry ■ Produção: Bill Badalato para a 20th Century Fox ■ Distribuição: Fox Filmes ■ Duração: 1h39.

O elenco: Charlie Sheen (Topper Harley), Lloyd Bridges (Tug Benson), Valeria Golino (Ramada Rodham Hayman), Richard Crenna (coronel Denton Walters), Brenda Bakke (Michelle Rodham Huddleston), Miguel Ferrer (Harbinger), Rowan Atkinson (Dexter Hayman), Jerry Haleva (Saddam Hussein).

A trama: o presidente dos Estados Unidos ordena que uma missão resgate soldados mantidos como reféns no Iraque. Para tanto, convoca Topper Harley, um ex-funcionário do governo que vive num mosteiro devido a uma desilusão amorosa com Ramada. O que Topper não sabe é que sua ex-paixão também faz parte da operação de resgate. Juntos, eles enfrentam Saddam Hussein.

O diretor: Jim Abrahams nasceu na cidade de Milwaukee, Wisconsin, em 1944. Com dois grandes amigos da mesma cidade, David e Jerry Zucker, Abraham montou a bem-sucedida produção teatral *Kentucky Fried Theatre*, produzida, escrita, dirigida e interpretada pelos três. O trio é responsável pela criação de um novo estilo cômico, que coloca o máximo possível de piadas paródicas numa determinada história. Baseados na experiência com o teatro, eles produziram, escreveram e estrelaram a comédia *Kentucky Fried Movie* (77). Já conhecidos como ZAZ (Zucker, Abrahams e Zucker), criaram e dirigiram *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu* (*Airplane*, 80), que fez um enorme sucesso e ganhou uma continuação não dirigida por eles. Em 1982, eles fizeram uma série de televisão que satirizava os filmes policiais, *Esquadrão de Polícia* (*Police Squad!*), com Leslie Nielsen. Esta série foi a base dos dois longas dirigidos por David Zucker, *Corra que a Polícia Vem Aí* (88/91),com Nielsen no mesmo papel de policial. Juntos, eles ainda escreveram e dirigiram *Top Secret – Superconfidencial* (84) e o sucesso *Por Favor, Matem Minha Mulher* (86). No fim de 1987, os irmãos Zucker assinaram contrato com a Paramount, separando-se de Jim Abrahams. Em 1991, ele dirigiu o primeiro *Hot Shots!* (*Top Gang, Ases Muito Loucos*).

Notas: no *Top Gang* de 91, Abrahams parodiou o filme de aviação *Ases Indomáveis – Top Gun*, com Tom Cruise. Em *Top Gang! 2*, ele satiriza o *Rambo* de Sylvester Stallone ■ Para seu papel, Charlie Sheen foi obrigado a um programa de preparo físico rigoroso. Ele passou várias semanas em Maui, no Hawai, com um treinador físico pessoal e um cozinheiro. Para trocar uns quilos por muita musculatura, Sheen treinou halterofilismo, ioga, natação e artes marciais seis dias por semana. Sua dieta consistia de muitos carboidratos e proteínas no lugar de gorduras, sal e álcool.

SET

Simon Wincer

FREE WILLY

(EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Simon Wincer ■ Roteiro: Keith A. Walker e Corey Blechman, baseado na história de Keith A. Walker ■ Direção de fotografia: Robbie Greenberg ■ Música: Basil Poledouris ■ Montagem: O. Nicholas Brown ■ Desenho de produção: Charles Rosen ■ Direção de arte: Diane Yates e Chas Butcher ■ Efeitos especiais: Robert S. Henderson e Wayne W. Rose ■ Figurino: April Ferry ■ Produção: Jennie Lew Tugend e Lauren Shuler-Donner para a Donner/Shuler-Donner ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 1h28.

O elenco: Jason James Richter (Jesse), Lori Petty (Rae Lindley), Jayne Atkinson (Annie), August Schellenberg (Randolph Johnson), Michael Madsen (Glen), Michael Ironside (Dial), Richard Riehle (Wade), baleia Keiko (Willy).

A trama: Jesse é um garoto de 12 anos que não tem casa nem família. Em suas aventuras, faz amizade com os treinadores de animais Rae e Randolph, conhecendo a baleia Willy através deles. Jesse aprende a se comunicar com o mamífero e os dois ficam amigos. Willy, que não fazia mais performances para a platéia, volta a se exibir. Mas ao descobrir um plano terrível para Willy, o menino tenta libertá-la.

O diretor: Simon Wincer é um dos diretores australianos da nova geração mais celebrados em seu país e nos Estados Unidos. Iniciou sua carreira na TV australiana. Mudou-se para Londres, onde trabalhou na TV e no teatro ingleses como assistente de direção e produção. Voltou para a TV australiana em Melbourne, onde dirigiu mais de duzentas horas de programas dramáticos. Nos EUA, recebeu um dos sete prêmios Emmy conferidos ao enorme sucesso da minissérie *Lonesome Dove* (num total de dezoito indicações). Ainda nos EUA, Wincer dirigiu o suspense *D.A.R.Y.L.* (85). Na Austrália, filmou *Contratado para Matar* (90), com Tom Selleck e Laura San Giacomo. Não teve a mesma sorte ao dirigir o fracassado *Harley Davidson e Marlboro Man – Caçada sem Tréguas* (91), com Mickey Rourke e Don Johnson. Por fim, o diretor e produtor George Lucas escolheu Wincer para dirigir cinco episódios da série *O Jovem Indiana Jones*.

Notas: durante as filmagens, toda a equipe de produção tentou arrecadar fundos para libertar a baleia Keiko de seu pequeno tanque no México e lançá-la em alto mar. A campanha teve grande repercussão nos EUA, principalmente quando, terminado o filme, o animal adoeceu ■ A baleia orca atriz mede 12 metros e pesa 3 toneladas e meia. Para as cenas em que ela aparece no oceano, foi preciso construir uma réplica mecânica do animal. Na montagem, nem o editor de imagens sabia ao certo o que era real e o que era mecânico ■ A atriz Lori Petty, que faz a treinadora, trabalhou quatro semanas com treinadores de leões marinhos antes de começar as filmagens. Com muito trabalho, ela chegou a domesticar um deles ■ Michael Jackson fez a canção tema, *Will You Be There*.

SET

Marco Brambilla

O DEMOLIDOR

(Demolition Man, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Marco Brambilla ■ Roteiro: Daniel Waters, Robert Reneau e Peter M. Lenkov, baseado na história de Peter M. Lenkov e Robert Reneau ■ Direção de fotografia: Alex Thomson ■ Música: Elliot Goldenthal ■ Montagem: Stuart Baird ■ Desenho de produção: David L. Snyder ■ Direção de arte: Walter Paul Martishius ■ Efeitos especiais: Michael J. McAlister e Kimberley K. Nelson ■ Figurino: Bob Ringwood ■ Produção: Joel Silver, Michael Levy e Howard Kazanjian para a Warner Bros. ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 2h.

O elenco: Sylvester Stallone (John Spartan), Wesley Snipes (Simon Phoenix), Sandra Bullock (Lenina Huxley), Nigel Hawthorne (Dr. Raymond Cocteau), Benjamin Bratt (Alfredo Garcia), Bob Gunton (chefe George Earle), Glenn Shadix (Bob), Denis Leary (Edgar Friendly), Steve Kahan (capitão Healy).

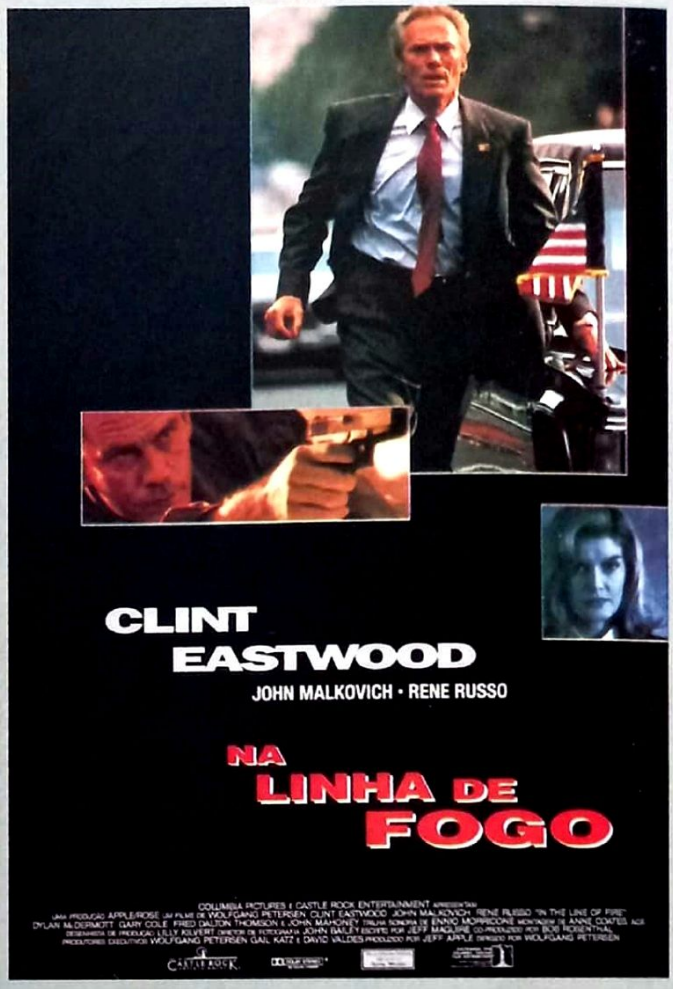
A trama: a Los Angeles de 1996 é devastada pela pobreza, violência e crimes. Simon Phoenix, um dos maiores criminosos da cidade, impera soberano sem que a polícia consiga prendê-lo. Apenas o agente John Spartan, conhecido como "Demolidor", pode enfrentá-lo. Durante uma perseguição a Phoenix, um prédio explode matando trinta vítimas inocentes. Responsabilizado pelo acidente, Spartan é congelado junto com o bandido por muitos anos. Mas eles voltam a se encontrar no ano de 2032 para um duelo final.

O diretor: Marco Brambilla nasceu em 1961 na cidade de Milão, Itália. Ele fez seu primeiro curta aos 16 anos e, depois de rodar vários outros, completou o curso de cinema na Ryerson College, Toronto, Canadá. A publicidade veio a seguir. Hoje, ele é considerado um dos mais bem-sucedidos diretores de comerciais de toda a América do Norte. Realizou trabalhos para empresas como a Pepsi, Nike, Coca-Cola, IBM, Levi's e General Motors. Graças ao seu consagrado estilo visual, Brambilla foi convidado a trabalhar com os diretores Ridley e Tony Scott na produtora dos dois irmãos, a RSA. O *Demolidor* marca sua estréia na direção de um longa-metragem.

Notas: a Cryopenitenciária, onde Spartan e Phoenix são presos-congelados, foi inspirada no museu nova-iorquino Guggenheim, construído nos anos 50. A cidade futurista chamada San Angeles, teve como base a arquitetura japonesa, exagerada como numa história em quadrinhos. O responsável por essa recriação, o desenhista de produção David L. Snyder, foi quem desenhou os cenários de *Blade Runner* ■ A General Motors criou os carros que aparecem em 2032, baseada na concepção dos veículos que a empresa pretende construir no futuro ■ Wesley Snipes é um especialista na arte marcial brasileira, a capoeira. Ele participou do videoclip *Bad*, de Michael Jackson, dirigido por Martin Scorsese, como líder de uma gangue ■ O tema do filme, "Demolition Man", foi composto e executado pelo músico pop Sting.

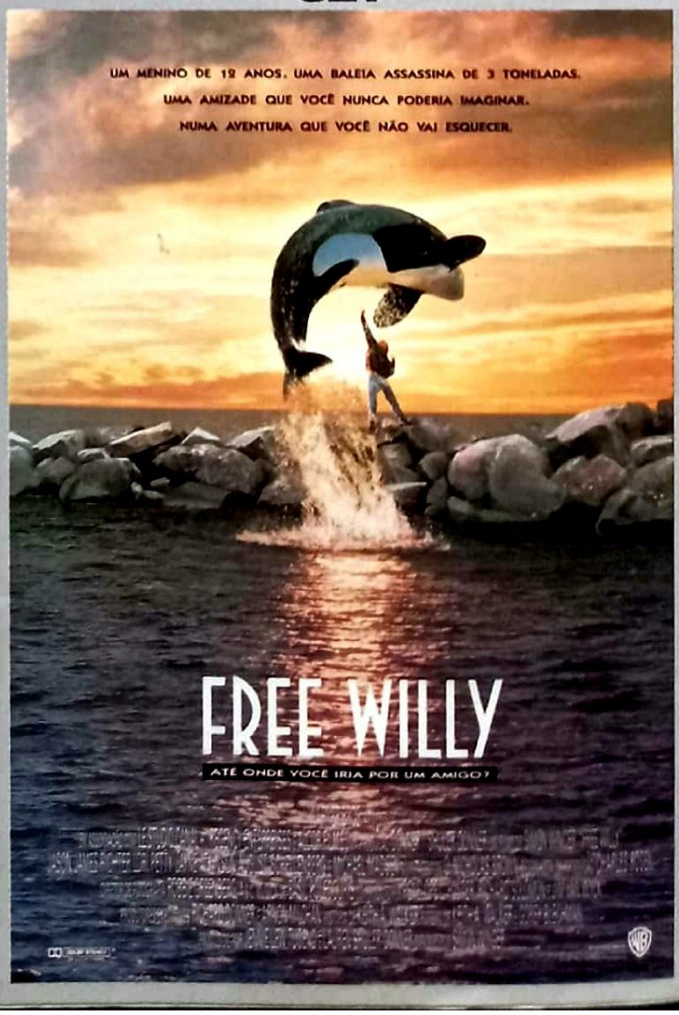
SET

SET



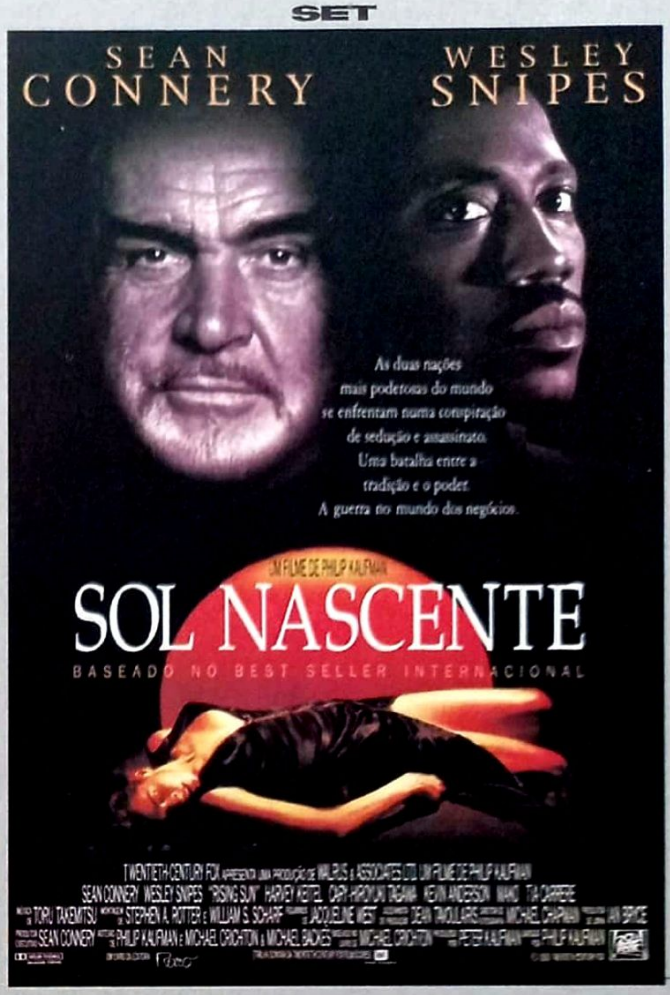
SET

SET

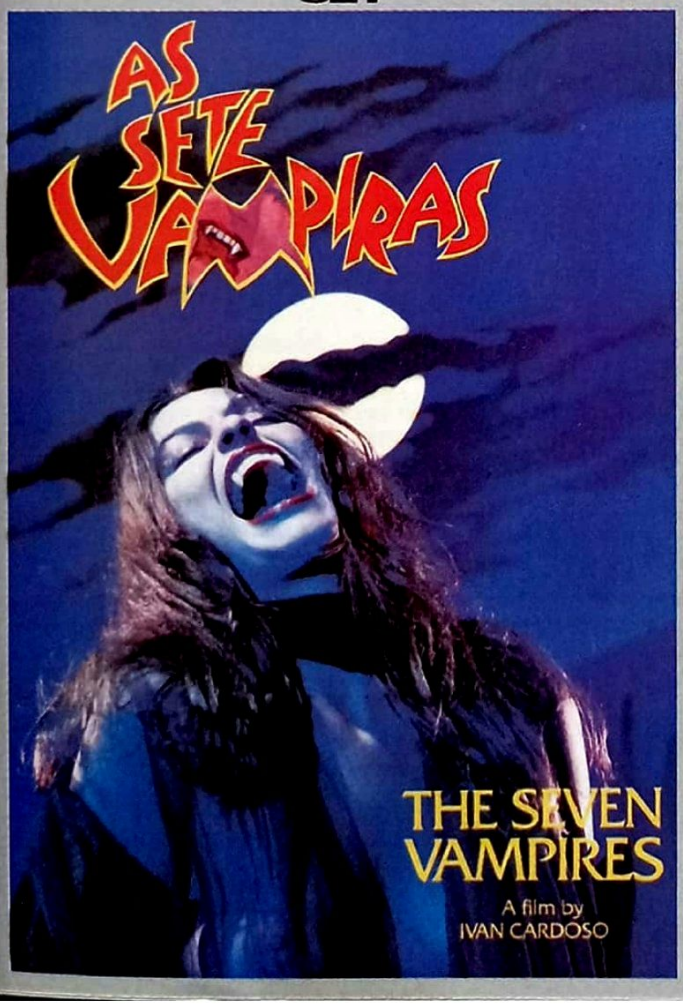


SET

SET



SET



SET

SET

Philip Kaufman

SOL NASCENTE

(Rising Sun, EUA, 1993)

Ficha técnica: Direção: Philip Kaufman ■ Roteiro: Kaufman, Michael Crichton e Michael Backes, baseado no romance de Crichton ■ Direção de fotografia: Michael Chapman ■ Música: Toru Takemitsu ■ Montagem: Stephen A. Rotter e William S. Scharf ■ Desenho de produção: Dean Tavoularis ■ Figurino: Jacqueline West ■ Direção de arte: Angelo Graham ■ Produção: Peter Kaufman para a Walrus & Associates Ltd. ■ Distribuição: Fox Filmes ■ Duração: 2h09.

O elenco: Sean Connery (John Connor), Wesley Snipes (Wab Smith), Harvey Keitel (Tom Graham), Cary-Hiroyuki Tagawa (Eddie Sakamura), Kevin Anderson (Bob Richmond), Mako (Yoshida-San), Tia Carrere (Jingo Asakuma), Steve Buscemi (Willy Wilhelm), Tatjana Patitz (Cheryl Lynn Austin).

A trama: poderoso conglomerado japonês inaugura, em Los Angeles, a Torre Nakamoto. Empresários americanos são convidados por estarem em negociações com os japoneses. Misteriosamente, a garota de um dos executivos orientais é assassinada no prédio na hora da festa. O tenente Graham convoca o agente Wab Smith, obrigado a investigar o caso junto com John Connor, que viveu muito tempo no Japão. Enquanto Connor ensina a Smith aspectos da cultura japonesa, os dois tentam resolver o caso.

O diretor: Philip Kaufman nasceu em Chicago em 1936. Estudou na universidade local e em seguida formou-se em Direito pela Harvard. Trabalhou na Europa como professor e interessou-se por cinema através da nova geração de cineastas italianos, no começo dos anos 60. Estreou no cinema com a comédia americana *Goldstein*, prêmio da crítica no Festival de Cannes de 1963. Em 1969, escreveu e dirigiu *Fearless Frank*. Foi para Hollywood, assinando um contrato com a Universal. Lá, escreveu e dirigiu *Sem Lei e Sem Esperança* (70). Kaufman dirigiu *The White Dawn* (73), antes de desenvolver a história original de *Os Caçadores da Arca Perdida* com George Lucas e de escrever o roteiro de *Josey Wales – O Fora da Lei* (76) para Clint Eastwood. Mudou-se para San Francisco em 1977, onde dirigiu *Os Invasores de Corpos*, a refilmagem de *Vampiros de Almas*, de Don Siegel. Realizou em 1983 o elogiado *Os Eleitos*, filme que o consagrou definitivamente. Com *A Insustentável Leveza do Ser* (87), recebeu uma indicação para o Oscar, para o Prêmio da Academia Britânica e para o Writers Guild. Em 1990, filmou *Henry & June*, romance da vida do escritor Henry Miller.

Notas: o prestigiado escritor de ficção científica Michael Crichton, que dentre muitas obras suas transpostas para o cinema destaca-se *Jurassic Park*, escreveu o romance *Sol Nascente* pensando especialmente em Sean Connery para o papel principal. Tanto que Crichton deu ao investigador um nome parecido ao de Connery, Connor ■ As filmagens se realizaram em Los Angeles entre os dias 22 de junho e 3 de outubro de 1992 ■ Além de Connery vestir ternos exclusivos de Giorgio Armani, ele foi o produtor-executivo do filme

SET

Abel Gance

NAPOLEON

(Napoleón Vu par Abel Gance, França, 1927)

Ficha técnica: Direção, roteiro e montagem: Abel Gance ■ Direção de fotografia: Jules Kruger, entre outros ■ Música: Arthur Honegger ■ Produção e distribuição: WESTI / Société Générale de Films ■ Duração: 4h30.

O elenco: Albert Dieudonné (Napoleão Bonaparte), Vladimir Roudenko (Napoleão garoto), Gina Manès (Josephine), Pierre Batcheff (General Hoche, amante de Josephine), Nicholas Koline (Fleuri), Annabela (Violine, filha de Fleuri), Antonin Artaud (Marat), Abel Gance (Sain-Just), Van Daële, Koubitsky, Armand Bernard, Harry Krimer, Albert Bras.

A trama: saga biográfica do herói nacional francês Napoleão Bonaparte. O relato começa com o personagem ainda criança, em seu período escolar, aos 12 anos de idade, acompanha o início de sua carreira militar e a triunfante entrada de seu exército na Itália.

O diretor: Abel Perethon nasceu em Paris no dia 25 de outubro de 1889. Inclinado ao teatro, Abel Gance começou escrevendo roteiros unicamente para conseguir seu sustento básico. Chegou mesmo a desprezar os filmes, achando-os "infantis, estúpidos e sem nenhum valor artístico." Apesar da relutância inicial, em 1911 dirigiu seu primeiro filme, *La Digue*, e fundou uma produtora, Le Film Français, que foi à bancarrota depois de realizar quatro filmes. Com o final da guerra, Gance torna-se um dos mais promissores diretores na França. Ele realizou em 1915 um curta-metragem chamado *La Folie du Dr. Tube*, com efeitos especiais pioneiros. Seu primeiro sucesso veio com *Mater Dolorosa* (1917). O prestígio internacional aconteceu com *J'Accuse!* (1918). A convite de D. W. Griffith, Abel reeditou *J'Accuse!* com incríveis inovações, a ponto de os diretores Eisenstein e Pudovkin lhe agradecerem por tê-los ensinado a editar. Depois de dirigir Max Linder no curta *Au Secours!* (1923), Abel começou a trabalhar em sua mais ambiciosa obra, *Napoléon. La Fin du Monde*, de 1930, foi um desastre. Os melodramas dos anos 20 já estavam ultrapassados. Quando foi para a Espanha em 1943, escapando do nazismo, sua carreira acabou, embora fizesse mais quatro filmes. Foi graças a François Truffaut que o interesse por Abel Gance foi renovado. Gance morreu em Paris no dia 10 de novembro de 1991.

Notas: este clássico foi realizado por Gance com seis horas de duração. Ele o filmou para ser projetado numa tela tripla, num processo chamado Polyvision, que antecipou o advento do Cinerama em trinta anos. Ele revolucionou o uso da câmera ao colocá-la no dorso de um cavalo, em pêndulos e tobogãs em movimento, em ângulos surpreendentes, usando amplas lentes e fazendo cortes rápidos. Depois de colocar som em *Napoléon*, Gance o reeditou tantas vezes que o historiador inglês Kevin Brownlow demorou vinte anos para reconstituí-lo por completo, apresentando-o ao público em 1981 com o patrocínio de Francis Ford Coppola e trilha sonora de seu pai, Carmine Coppola.

SET

Krzysztof Kieslowski

A LIBERDADE É AZUL

(Trois Couleurs: Bleu, França/Polônia, 1993)

Ficha técnica: Direção: Krzysztof Kieslowski ■ Roteiro: Krzysztof Kieslowski e Krzysztof Piesiewicz ■ Direção de fotografia: Slawomir Idziak ■ Música: Zbigniew Preisner ■ Montagem: Jacques Witta ■ Direção de arte: Claude Lenoir ■ Figurino: Virginie Viard e Naima Lagrange ■ Produção: Marin Karmitz ■ Distribuição: Look Filmes ■ Duração: 1h37.

O elenco: Juliette Binoche (Julie), Benoit Regent (Olivier), Florence Pernel (Sandrine), Charlotte Very (Lucille), Emmanuelle Riva (Mãe), Helene Vincent (jornalista), Hugues Quester (Patrice).

A trama: depois de um grave acidente de automóvel com sua família, Julie acorda no hospital com a notícia de que o marido e a única filha morreram. Como ele era o músico que estava trabalhando num concerto pela unificação da Europa, ela assiste ao funeral dele e da menina pela televisão. Transtornada, ela se aproxima de Olivier, um homem que a amava há muitos anos. Com ele, Julie tenta recomeçar a vida. Mas aos poucos, ela descobre alguns segredos da vida do ex-marido.

O diretor: considerado a maior revelação do cinema polonês desde Andrzej Wajda, Krzysztof Kieslowski nasceu em Varsóvia em 1941. Formou-se em 1969 na escola estatal de Cinema, TV e Teatro de Lodz. Foi um vigoroso documentarista da realidade social da Polônia, motivo pelo qual seus curtas sempre foram censurados. Influenciado pelo realismo, Kieslowski estreou na direção de longa-metragem com *Personnel* (1975), no qual filmou alfaiates de verdade para narrar a história de um deles, interpretado por um ator. Foi apenas com *O Amador* (*Amator*, 1978) que Kieslowski entra definitivamente na linguagem ficcional. Antes de fazer uma pausa de três anos, realizou mais dois filmes, *O Acaso* (*Przypadek*, 1982) e *Sem Fim* (*Bez Konca*, 1984). Voltou em 1987, com o intimista *Não Matarás* (*Krotki Film O Zabijaniv*), obra que recebeu o Prêmio Especial do Júri e o prêmio de Melhor Ator (Miroslaw Baka) no Festival de Cannes em 1988. *Não Matarás* foi um dos dez episódios da série *Decálogo* (*Dekalog*, 1988), adaptação estilizada dos Dez Mandamentos. É também o caso de *Não Amarás* (*Krotki Film O Milosci*), que ganhou o Prêmio Especial da Crítica no Festival de Berlim de 1988. A partir destes trabalhos, Kieslowski conseguiu prestígio internacional. Sua primeira produção fora da Polônia, *A Dupla Vida de Veronique* (*La Double Vie de Veronique*), garantiu o Prêmio Especial da Crítica e o de Melhor Atriz para Irene Jacob em Cannes 1992. Amante do cinema de Fellini, Bergman e Tarkovski, o diretor empenha-se na trilogia iniciada com *A Liberdade É Azul*.

Notas: *A Liberdade É Azul* ganhou três prêmios no Festival de Veneza de 1993: Leão de Ouro de melhor filme, a Copa Volpi de melhor atriz para Juliette Binoche e Melhor Fotografia ■ Os outros dois filmes que completam a trilogia em 1994 são: *Trois Couleurs: Blanc* e *Trois Couleurs: Rouge*. As três obras representam as cores da bandeira francesa: Liberdade (Azul), Igualdade (Branco) e Fraternidade (Vermelho).

SET

Ivan Cardoso

AS SETE VAMPIRAS

(Brasil, 1986)

Ficha técnica: Direção: Ivan Cardoso ■ Roteiro: R. F. Lucchetti, baseado no argumento de Ivan Cardoso e R. F. Lucchetti ■ Direção de fotografia: Egberto Silveira ■ Música: Júlio Medaglia ■ Montagem: Gilberto Santeiro ■ Direção de arte: Oscar Ramos ■ Maquiagem e efeitos especiais: Antônio Pacheco ■ Planta carnívora: Oscar Ramos e Marcos Bertoni ■ Coreografia: Carlos Wilson ■ Produção: Ivan Cardoso, Mauro Taubman, Skylight e Super-8 PC ■ Distribuição: Embrafilme (cinema), Phoenix (vídeo) ■ Duração: 1h27.

O elenco: Ariel Coelho (Frederico Rossi), Nicole Puzzi (Silvia Rossi), Nuno Leal Maia (detetive Raimundo Marlou), Benê Nunes (delegado), Colé (inspetor Pacheco), Andréa Beltrão (Maria), Simone Carvalho (vampirete Ivete), Suzana Mattos (vampirete Clarice), Lucélia Santos (vampirete Elisa Machado), Alvamar Taddei (vampirete Jane), Dedina Bernadelli (vampirete Dora), Daniele Daumeri (vampirete), Tânia Bôscoli (vampirete), Ivon Curi (Barão Von Pal), Leo Jaime (Bob Rider), Zezé Macedo (Rina), John Hebert (Rogério), Wilson Grey (Fu-Manchu).

A trama: o botânico Frederico é assassinado por uma planta carnívora trazida da África. Ao encontrar o corpo do marido, sua esposa Silvia é ferida pela planta e contrai um estranho mal. Quando o amigo Rogério a convida para gerenciar uma boate, ela monta o balé das Sete Vampiras. A partir daí, estranhas mortes acontecem. A polícia desconfia de um vampiro e investiga o caso.

O diretor: Ivan do Espírito Santo Cardoso nasceu no Rio de Janeiro em 1952. Trabalhou como assistente de direção do diretor Rogério Sganzerla em *Sem Essa Aranha* (1970). Trabalhando com Super-8 em longa-metragem, dirigiu em 1971 *Nosferatu no Brasil*. Criou o seu gupo Ivamps de atores com Torquato Neto, Helena Lustosa e Roberto Horta. Dirigiu em seguida *Sentença de Deus* (1972), *A Múmia Volta a Atacar* (1972) e *Chuva de Brotos* (1973). Em curtas, dirigiu figuras da cultura popular como Moreira da Silva, Dyonélio Machado e José Mojica Marins, o Zé do Caixão. Fez curso de montagem com o diretor Eduardo Coutinho no MAM. Em *O Segredo da Múmia* (1982), Ivan mesclou terror, erotismo, filmes B dos anos 40 e 50, comédia e sátira. Voltou a atacar nessa linha em *As Sete Vampiras*. Dirigiu *Os Bons Tempos Voltaram, Vamos Gozar Outra Vez* (1983) e *O Escorpião Escarlate, Uma Aventura do Anjo* (1988), ainda inédito em boa parte do país.

Notas: o roteirista R. F. Lucchetti, parceiro de Ivan, escreveu contos policiais para a revista de fotonovelas *X-9* e fez cerca de dez roteiros para cinema e inúmeros televisivos para José Mojica Marins ■ Ivan Cardoso pertencia ao grupo próximo ao Cinema Marginal que entrou em conflito direto com o Cinema Novo. Em 1972, Ivan mantém na coluna de Torquato Neto, no jornal *Última Hora*, uma polêmica com o cineasta Antonio Calmon, defensor do Cinema Novo. Em 1973, encerra-se o ciclo do Cinema Marginal.

conseguiu seu primeiro papel dramático em 1987 na série da TV inglesa *Fortunes of War*, sobre soldados britânicos na Segunda Guerra Mundial. Por sua atuação ganhou o Prêmio de Melhor Atriz da Academia Britânica de Filme e TV e de quebra conheceu o ator Kenneth Branagh, com quem se casaria dois anos depois.

Hoje Kenneth e Emma formam um dos casais mais admirados do cinema. Kenneth dirigiu Emma em sucessos de crítica como *Henrique V*, *Para o Resto de Nossas Vidas* e *Muito Barulho por Nada*. Ela ficou famosa com *Retorno a Howards End* e agora está com outro filme de sucesso em exibição nos Estados Unidos: *The Remains of the Day* (com estréia prevista no Brasil em fevereiro com o título de *Vestígios do Dia*).

O filme é uma adaptação do livro homônimo de Kazuo Ishiguro sobre a vida dos empregados da mansão de um aristocrata inglês ligado aos nazistas, no final da década de 30. Emma interpreta a empregada Kenton, enquanto Anthony Hopkins faz o mordomo Stevens. O filme foi dirigido por James Ivory e produzido por Ismail Merchant, o mesmo duo de *Retorno a Howards End*.

Em *Vestígios do Dia* Emma Thompson novamente contracena com sir Anthony Hopkins, com quem trabalhou em *Retorno*.... "Nossa química é perfeita", diz a atriz. "Nos damos muito bem e achamos muito fácil trabalhar um com o outro." Essa amizade é facilmente perceptível quando Hopkins entra na sala onde os jornalistas conversam com Emma e é saudado pela triz com um "Alô, Tony!". "Tony é uma pessoa muito humilde", continua Emma. "É um alívio saber que um ator consagrado como ele ainda age como uma pessoa normal, sem estrelismos."

A conversa chega a um tópico não muito agradável: Hollywood, estrelas e egos. "Não conseguiria viver aqui", diz Emma. "Adoro os Estados Unidos e admiro demais os diretores e atores americanos, mas nunca conseguiria me habituar a..." *(longa pausa, durante a qual ela escolhe a palavra correta)* "exuberância de Hollywood."

A atriz não parece se impressionar com a possibilidade de vir para Hollywood, se tornar uma estrela e ganhar milhões de dólares. "Para quê milhões de dólares? Gosto de ser bem paga para fazer meu trabalho, mas não acho que um ator valha tanto dinheiro. Em primeiro lugar, não foi por causa do dinheiro que eu me tornei uma atriz, mas porque atuar é a coisa que eu mais gosto de fazer." E enquanto ela, ganhadora de um Oscar, recebe 250 mil dólares por um filme, gente como Michelle Pfeiffer ganha quase vinte vezes mais.

"QUANDO SOU CONVIDADA PARA UM FILME, PROCURO SABER QUAL É O ORÇAMENTO; DEPOIS TENTO ACERTAR UM CACHÊ JUSTO"

Stills

Emma garante que nunca recusou um papel por causa de problemas com o cachê. "Quando sou convidada para fazer um filme, procuro saber qual é o orçamento. Depois converso com o produtor e tento acertar um cachê justo e que não impossibilite as filmagens. Alguns atores hoje ganham 10, 12 milhões de dólares por um filme. Com esse dinheiro daria para se fazer três longas na Inglaterra."

Em *Muito Barulho por Nada* todos os atores, incluindo astros como Michael Keaton e Denzel Washington, receberam o mesmo salário: cerca de 100 mil dólares, que não devem pagar nem o cabeleireiro de Tom Cruise.

Se enganou quem achava que a atriz iria mudar sua atitude depois de ganhar o Oscar. "Minha vida não mudou nada", jura Emma. "Todo mundo diz que depois que você ganha o prêmio você começa a receber um monte de ofertas milionárias, mas até agora ninguém me procurou. Acho um absurdo que algum ator se aproveite do fato de que a Academia foi generosa o suficiente para presenteá-lo com um Oscar e use isso como pretexto para exigir mais dinheiro. Aliás, se existisse alguma justiça no mundo, os vencedores do Oscar deveriam ganhar menos, porque já foram premiados com a estatueta!"

Segundo a atriz, a melhor coisa que a vitória no Oscar lhe proporcionou foi o convite para uma festa na casa de Clint Eastwood. "Eu estava lá com minha estatueta na mão quando algum assessor do Clint me deu um papel com o endereço da festa. Eu cheguei na festa e não conhecia ninguém. Me sentei numa mesa e fiquei tomando uma bebida, olhando para o meu Oscar. De repente, vejo com o canto do olho uma pessoa sentando ao meu lado. Era Clint. Ele estava segurando seus dois Oscar *(de melhor filme e direção por* Os Imperdoáveis*)*. Ele botou as duas estatuetas na mesa, ao lado da minha, se virou para mim e disse: 'Conseguimos!'. Não consegui falar nada, fiquei parada como uma idiota! Minha vontade era gritar. Não conseguia acreditar: Clint Eastwood estava falando comigo!"

Outras lendas hollywoodianas estão querendo falar com a atriz recentemente. Francis Ford Coppola vai produzir *Frankenstein*, a ser dirigido por Kenneth, e já disse que guardará um papel para Emma."Lá vou eu de novo trabalhar com meu marido!" Os dois planejam ainda encenar juntos *Macbeth* em Londres sob a direção de Anthony Hopkins. E enquanto seu marido passa cinco dias por semana interpretando Hamlet em um teatro londrino, Emma dá os últimos toques em seu primeiro roteiro para cinema, uma adptação do livro *Sense and Sensibility*, de Jane Austen. "Nossa vida é assim, pacata", diz a atriz. "Por que você acha que os tablóides ainda não nos pegaram para Cristo?"

André Barcinski, de Los Angeles

SET

Bom de Bico

O cowboy que roubou o coração de Geena Davis em *Thelma e Louise* é a nova sensação em Hollywood

Fotos LFI

O último grande símbolo sexual masculino revelado pelo cinema americano foi Tom Cruise. Nos últimos anos está difícil achar um ator bonito e talentoso que atraia público ao cinema. William Baldwin tentou em *Invasão de Privacidade* e em *As Amantes*, ao lado de Kelly Lynch e Sherilyn Fenn. Seu irmão Alec também não fez escolhas das mais felizes. Qualquer um que tenha aceito um papel em *Prelude to a Kiss* não pode ser bom da cabeça.

Nesse deserto, um nome vem se destacando nos últimos anos: Brad Pitt. Ele primeiro chamou a atenção do público como o amante caipira de Geena Davis em *Thelma e Louise*. Depois ganhou o papel principal em *Nada É para Sempre*, filme de Robert Redford (diz-se que Redford achou Brad muito parecido com ele mesmo).

A carreira de Brad Pitt está numa curva ascendente. Ele tem dois filmes em cartaz nos Estados Unidos, *Kalifornia* (exibido na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo), de Dominic Sena, e *True Romance*, de Tony Scott, e acaba de filmar *Legends of the Fall*, um épico em que contracena com Anthony Hopkins.

Em outubro o ator começou a trabalhar ao lado de Tom Cruise em *Interview with the Vampire*, filme baseado no best-seller de Anne Rice e dirigido por Neil Jordan (*Traídos pelo Desejo*). Durante os testes de maquiagem, Cruise supostamente se revoltou com a própria aparência, reclamando que Brad, caracterizado de Louis, estava "muito mais bonito" do que ele.

Brad está ficando famoso também por suas invejadas conquistas amorosas. Durante as filmagens de *Thelma e Luise*, namorou Geena Davis. No set de *Kalifornia* ficou com Juliette Lewis (a menina charmosa de *Cabo do Medo*) e agora está de romance com Julia Ormond, a linda atriz inglesa com quem contracena em *Legends of the Fall*.

Brad se dá bem tanto fora do set de filmagens quanto dentro dele. Anthony Hopkins e Robert Redford o consideram um ótimo ator. Oliver Stone o convidou para um papel em *Natural Born Killers*, mas o ator recusou. Nada mal para quem há oito anos veio para

Hollywood sem um empresário, sem contatos e sem nenhuma experiência em cinema. "Eu morava no Missouri (Estado rural do centro dos Estados Unidos) e fui criado para ser advogado ou médico. Lá não existia nem escola de teatro. Meus pais queriam que eu fosse doutor, mas eu queria trabalhar em filmes, por isso decidi vir para cá."

Falando parece fácil: vir para Hollywood, arrumar um agente, fazer alguns filmes e ficar milionário. A vida só é fácil assim no cinema. Para pagar seus cursos de teatro, Brad trabalhou como entregador de geladeiras, foi garçom e até motorista de garotas de programa. "Ganhava o suficiente para pagar as aulas de teatro, comer e dividir o aluguel de um apartamento com amigos. Nas horas de folga corria atrás de audições para filmes e comerciais."

Quatro anos se passaram sem que Brad conseguisse mais do que alguns comerciais vagabundos. "Já estava quase desistindo e voltando para o Missouri", diz. Sua primeira grande chance veio quando Ridley Scott o viu em uma das audições para *Thelma e Louise* e o escolheu para o papel do cowboy ladrão que seduz Geena Davis. Brad ganhou um bom dinheiro com o filme e de quebra levou Geena para casa.

Depois do chatíssimo *Johnny Suede* (inédito nos cinemas brasileiros mas disponível em vídeo) o ator foi chamado para trabalhar em *Nada É para Sempre*, de Robert Redford. Brad concorda que se parece com Redford, mas não acha que esse tenha sido o motivo pelo qual o diretor o escolheu para o papel. "Robert gostou de mim e achou que eu ficaria bem no papel. Quando fui para a audição, estava de barba e cabelo comprido. Acredite, não estava parecendo nada com o Robert Redford!"

O filme foi um sucesso de bilheteria em alguns países, como o Japão, onde Brad é a nova coqueluche das adolescentes em fogo. "Acho muito engraçado esse negócio de ser chamado de símbolo sexual", diz, tímido. "Como é que alguém pode me chamar de símbolo sexual se nunca fez sexo comigo?"

O ator parece que ainda não se adaptou ao status de astro. Diferente de superstars reclusos, que não saem de casa com medo de serem devorados vivos por uma matilha de fãs, nosso amigo vive uma vida normal. "Vou muito ao cinema, gosto de ver os filmes novos. Também gosto de sair para comprar discos." No momento não tira do player um CD de Bob Marley. "Ouço muito rock'n'roll antigo, tipo Zeppelin, e também umas bandas novas, como o Bare Naked Ladies *(grupo alternativo do Canadá)*."

Quando está em sua casa, em Los Angeles, Brad se espreguiça no sofá e passa horas assistindo a "seriados idiotas" de TV, como *Barrados no Baile*, ou filmes antigos no vídeo, em especial policiais da década de 70, como *A Maratona da Morte* e *Perdidos na Noite*.

Brad se mostra eclético na hora de escolher seus papéis. Em *Johnny Suede* fez um roqueiro deprimido, em *Legends of the Fall* faz um soldado americano na Primeira Guerra Mundial, e em *Kalifornia* interpreta um psicopata assassino que aterroriza um casal durante uma viagem de carro.

Da esquerda para a direita, Brad Pitt em três versões: a cara de Robert Redford em *Nada É para Sempre*, badalando em Los Angeles à paisana, e com a ex-namorada Juliette Lewis em *Kalifornia*

Kalifornia é seu melhor trabalho até hoje. Ele está realmente empolgante no papel do *serial killer* Early Grace. "Recebi três roteiros na mesma semana: este, o de *True Romance* e o de *Natural Born Killers*. Mesmo sabendo que, dos três, *Kalifornia* seria o menos badalàdo, resolvi aceitar porque o personagem era muito interessante. Fiquei sem tempo para trabalhar nos outros dois, mas Tony Scott arrumou um papel pequeno para mim em *True Romance*. Depois, não quis fazer *Natural Born Killers*, porque o papel era muito parecido com o de *Kalifornia*. Oliver Stone chamou então Wood Harrelson *(marido de Demi Moore em* Proposta Indecente*)* para o meu papel."

São poucos os atores, principalmente jovens, que se recusariam a trabalhar com Oliver Stone. "Adoraria trabalhar com ele, mas em outro filme." Ingênuo ou senhor de si? "Não tenho pressa em fazer sucesso instantâneo", diz. "Quero escolher meus papéis com calma para não fazer nenhuma burrada." Veredito: senhor de si.

André Barcinski, de Los Angeles

ABAIXO VOCÊ ENCONTRA AS MELHORES REVENDAS DE VÍDEO.

CENTER
O Shopping das fitas novas e usadas

Não perca tempo e dinheiro,
vá direto onde há os melhores
lançamentos com os menores preços.
- Indochina
- O Fugitivo
- Um Tira e 1/2
- Meus Amigos Dinossauros

E Outros

ABRA UMA VÍDEO LOCADORA

Assessoria completa desde a escolha do ponto, abertura de firma, instalação, informatização e a garantia total de quem realmente tem experiência. Consulte-nos!

Aceitamos automóveis, telefones e imóveis como forma de pagamento

Rua Tijuco Preto, 201
Tatuapé - CEP 03316 - SP
(Próx. Metrô Tatuapé)
Tel.: (011) 296-1715

7ª. ARTE
VÍDEO SHOP

FITAS NOVAS E USADAS

PROMOÇÃO DE INAUGURAÇÃO
VENHA NOS CONHECER!

LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS.
- O Fugitivo
- Indochina
- Um Tira e 1/2
- Meus Amigos Dinossauros
- E Outros

Catálogos a partir de CR$ 600,00
Cheques pré-datados sem juros.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs
sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.

Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - Tel.: (011) 267-5567

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

- O Fugitivo
- Indochina
- Um Tira e 1/2
- Meus Amigos Dinossauros
- E Outros

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 290-4330
ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- **Toda linha de acessórios**
- **Financiamento a partir de 30 a 120 dias**
- **Pagamentos com cheques semanais sem juros**
- **Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento.**

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS
OFERECEMOS VÁRIOS LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

- O Fugitivo
- Indochina
- Um Tira e 1/2
- Meus Amigos Dinossauros
- E Outros

- Catálogos a partir de CR$ 600,00
- Garantia total das fitas
- Melhor qualidade
- Ganhe estojos novos e usados

- Cheques pré-datados sem juros
- Remetemos para todo o Brasil

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- Indochina
- O Fugitivo
- Hellraiser III
- Meus Amigos Dinossauros
- E Outros

- PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
- PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
- PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
- GARANTIA E QUALIDADE

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel.: (011) 298-1120
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

Boom Bomm

Hellraiser 3

SET destaca dois filmes do diretor Akira Kurosawa, *Dodeskaden* e sua obra mais recente, *Madadayo*. As distribuidoras também começam a colocar no mercado episódios de séries clássicas da TV, como *O Fugitivo*, *Bonanza* e o já muito comentado *National Kid*. Para quem quer dar uma força para o cinema nacional, é só prestigiar o clássico udigrudi *Bang Bang* e as duas coletâneas que comentamos nesta edição.

O Poder de um Jovem

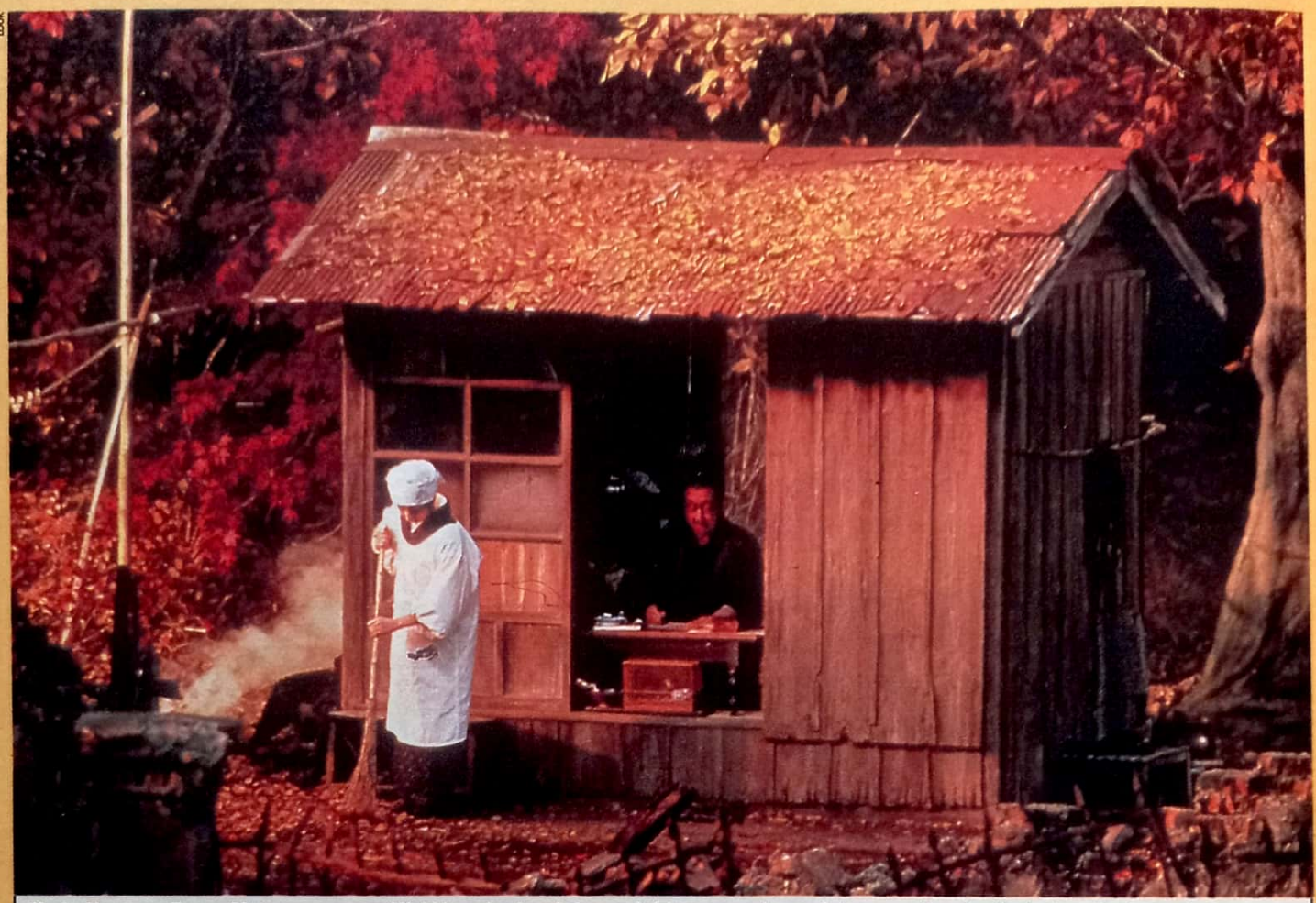
O Fugitivo

COTAÇÕES

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ ÓTIMO
★★★★★ OBRA-PRIMA

Matinée

Look



Kyoko Kagawa e Tatsuo Matsumura, o casal Uchida, zelando pelo lar provisório que arranjam após ter a casa bombardeada durante a Segunda Guerra

MADADAYO ★★★

(Japão, 1993) Direção: Akira Kurosawa. Com Tatsuo Matsumura, Kyoko Kagawa, Hisashi Igawa, George Tokoro, Masayuki Yui. Look.

Kurosawa é um dos maiores mestres da linguagem cinematográfica. Com quase 84 anos de idade, ele atingiu um momento em seu discurso artístico no qual se dá o luxo de falar apenas o que quer e da forma que quer. Leva críticos e espectadores a uma postura de cumplicidade reverencial e por vezes até condescendente. É o caso de *Madadayo*.

Trata-se de um de seus filmes mais simples e singelos. É uma ode à vida, à amizade e à terceira idade, através da qual Kurosawa transmite toda a sua admiração pelo escritor conterrâneo Hyakken Uchida. Ele se apoia em escritos de Uchida e apresenta o escritor na hora em que ele abandona o magistério, às vésperas da Segunda Guerra. A narrativa acompanha os dezessete anos posteriores (dos 60 aos 77 anos de idade do "homenageado"), concentrando-se na forte relação que nasce entre o mestre e seus alunos, que se reúnem anualmente por ocasião de seu aniversário. Um dos elementos mais fortes da narrativa é justamente a pureza e a força desta amizade sem interesses e totalmente submissa a uma grande admiração pelo mestre.

Kurosawa extrai poesia dos detalhes cotidianos da trama, por menores e aparentemente menos significativos que sejam. Através de histórias populares, canções tradicionais, objetos e relações humanas, o mestre da Sétima Arte traduz o espírito japonês em alguns de seus valores mais genuínos: a valorização da cultura, a constante simbologia presente no ideário cotidiano e até mesmo a complicada emotividade do povo nipônico, pouco à vontade em extravasar seus sentimentos mais íntimos. Nesta questão, é exemplar a seqüência em que Uchida perde a estabilidade emocional com o desaparecimento de seu gato, para quem o escritor canalizou toda a carência e o vazio de uma vida entregue à literatura e à espera da morte.

Esta seqüência, por sua vez, também exemplifica o tendão de Aquiles da obra: deter-se meia hora com a busca pelo gato denota uma prolixidade incômoda e por vezes até constrangedora, porque ingênua e desnecessária. Entra em campo a admiração condescendente do público. *Madadayo* é uma obra sincera e humilde, mas que, cinematograficamente, sofre de um discurso disperso e redundante. É impossível resistir ao mote do filme, seus alunos perguntando se ele está pronto (para morrer) e o mestre respondendo, convicto, "madadayo" (ainda não). É honesto, é humano, é direto. É igualmente a resposta do próprio Kurosawa quanto ao "término" de suas atividades. Ele ainda tem muito a dizer e a nos dar, mas sua habilidade de contar histórias parece já ter se rendido a um cansaço temporal. A poesia de *Madadayo* ganharia muito se compacta, com bons vinte minutos a menos. Aí sim, o discurso seria atemporal e o desfrute, eterno e sem barreiras geracionais. O mestre continua vivo, e as lembranças, inabaláveis.

Christian Petermann

DODESKADEN, O CAMINHO DA VIDA ★★★★

(Dodeskaden, Japão, 1970) Direção: Akira Kurosawa. Com Yoshitaka Zushi, Tomoko Naraoka, Atsushi Watanabe. Concorde/Tocantins.

Recém-saído de uma desastrosa aventura com a 20th Century Fox, que resultaria no episódio japonês do filme *Tora! Tora! Tora!*, Kurosawa realizou, em 1970, este *Dodeskaden*, segundo diz, "para provar que não estava louco". Pois fôra sob a acusação de desequilíbrio mental que a Fox ceifara as veleidades autorais do diretor e afinal o demitira do projeto americano.

Não espanta, portanto, que *Dodeskaden* seja uma homenagem à loucura. Desde logo, dispensou-se o enredo linear único. Com mais determinação que em *Janela Indiscreta*, de Hitchcock, o filme não amarra as diferentes histórias familiares e pessoais dos habitantes de uma favela de Tóquio, nascida, ao que se deduz, dos escombros da Segunda Guerra. As imagens são como quadros de uma exposição, lembrando a antiga vocação de Kurosawa para a pintura. O filme começa com um barraco recoberto de desenhos de um garoto retardado mental. As cores fortes destes desenhos se espalham por todo o cenário, um ferro-velho verdadeiro que, graças aos retoques coloridos, se torna inteiramente artificial. As linhas deformadas dos barracos e os tons chocantes da paisagem trazem à superfície, à maneira expressionista, o interior violento e convulso dos personagens.

"Dodeskaden" é o som onomatopaico repetido incessantemente pelo "louco do bonde", que todos os dias conduz um bonde imaginário pelas "ruas" da favela. Seu trajeto esbarra em outros tantos loucos. O pai que mora com o filho na carcaça de um carro e constrói em fantasia a futura mansão do menino. Os dois bêbados que trocam as respectivas mulheres sem perceber. A enteada que fabrica flores coloridas de crepom e é estuprada pelo padrasto. Em meio a tudo, o velho Tanba, no estilo dos samurais sábios de Kurosawa, consegue manter o equilíbrio tratando seus vizinhos com compreensão e solidariedade. Graças a essa única figura sensata, o filme mantém uma ponta de esperança num mundo em ruínas.

Lúcia Nagib

Yoshitaka Zushi dirige seu bonde imaginário ao som da palavra "dodeskaden"

Concorde/Tocantins

CHATTAHOOCHEE ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Chattahoochee, EUA, 1990). Direção: Mick Jackson. Com Gary Oldman, Dennis Hopper, Frances McDormand, Pamela Reed, Ned Beatty, M. Emmet Walsh. LK-Tel/Vídeo.

Emmet Foley (Oldman, que seria dois anos depois catapultado para a fama com *Drácula de Bram Stoker*) volta da Guerra da Coréia condecorado como herói. Retorna à vida com sua mulher, Mae (McDormand), numa pequena e pacata cidade. Um dia, aparentemente sem razão, pega uma arma e começa a mandar bala para todo lado. É internado como doente mental em Chattahoochee, uma instituição que faz o Pinel parecer jardim-de-infância. Seu maior colega de sofrimentos é Walker (Hopper), e os dois brilham num filme marcado pelos jogos de luz e sombra da direção segura de Jackson (*L.A. Story*) – criador competente de um mundo de trevas, que causa um forte contraste com a América dos anos 50, a imagem da prosperidade, da calma e do tédio.

José Eduardo Mendonça

O PODER DE UM JOVEM ★★★

(The Power of One, EUA/França/Alemanha, 1992) Direção: John G. Avildsen. Com Stephen Dorff, Armin Mueller-Stahl, Morgan Freeman, John Gielgud, Fay Masterson. Warner.

O delicado tema do apartheid já foi tratado em filmes como *Um Grito de Liberdade* e *Um Mundo à Parte*. Para ser original sem deixar de ser contundente, o diretor e montador Avildsen (*Rocky, Karate Kid*) decidiu narrar a saga de um órfão inglês criado em uma fazenda da África do Sul junto aos negros. Educado em colégios afrikaners (brancos não ingleses que primeiro colonizaram o país), por britânicos e por um músico alemão (Mueller-Stahl), ele

CONTO DA PRIMAVERA ★★★★

(Conte de Printemps, França, 1990) Direção: Eric Rohmer. Com Anne Teyssedre, Hugues Quester, Florence Darel, Eloise Bennett, Sophie Robin. Belas Artes.

O singular e original cinema de Eric Rohmer – outro crítico da *Cahiers du Cinéma* que, como Truffaut, Godard e Chabrol, passou com maestria da teoria à prática – não tem espaço para ninfomaníacas assassinas, psicopatas canibais, robôs-exterminadores, muito menos fadas e extra-terrestres.

Ao contrário: atores desconhecidos vivem "gente comum" – e não "gente ordinária", como no dramalhão de Robert Redford –, desfiando conversas prosaicas, banais, cotidianas. Quando parece que o tédio se instalará de modo irreversível, a teia já está tecida e o espectador se surpreende preso em uma trama que nem suspeitava existir.

Na maior parte de seus filmes, Rohmer extrai seu suco do encontro entre estranhos e do impacto e transformações que isto pode provocar em suas vidas. *Conto da Primavera* segue esta receita à risca quando Jeanne (Teyssedre), uma jovem e tímida estudante de filosofia, conhece – numa festa qualquer – Natacha (Darel), uma jovem e descontraída estudante de música. O pivô da história será o pai de Natacha, a maior parte do tempo ausente, até que... Bem, se você quiser mesmo saber, nem precisa ver o filme: basta ler a sinopse na contracapa da fita, que conta quase a história toda. Infelizmente, isto está se tornando um hábito entre as distribuidoras brasileiras e a Abril Vídeo/Belas Artes *should know better*. Este tipo de texto, suponho, deveria ter a função de seduzir o freqüentador de locadora, e não matar os elementos-surpresa nem o prazer de se envolver em uma história.

A tal sinopse se torna ainda mais agressiva confrontada com a sutileza de Rohmer – sempre prolongando silêncios e situações difusas, injetadas com um erotismo subliminar que só se revela quando se torna sufocante. Quem viu sua obra-prima *O Joelho de Claire* (70) sabe do que estamos falando: o suspense anterior ao toque de um corpo, preparado quase em câmera lenta, com todos os momentos de embaraço e timidez que a pornografia ignora em seu universo de fantasia, sem ponto de contato com a vida real, é justamente a matéria-prima privilegiada para o olho clínico de Rohmer. *Conto da Primavera* celebra, mais uma vez, este casamento de erotismo e poesia, com direito ainda a um texto de primeira, cujo ponto alto está na discussão sobre filosofia à mesa de jantar.

Obviamente, não é para todos os gostos. Mas alguns outros filmes de Eric Rohmer seriam certamente bem-vindos nesta colaboração entre a Belas Artes e a Abril Vídeo, que promete equilibrar a relativa falta que faz o melhor do cinema europeu no mercado brasileiro de vídeo.

José Augusto Lemos

Belas Artes

Hugues Quester e Florence Darel, pai e filha, filosofam em seu jardim primaveril

conseguia compreender as culturas em choque, mas era hostilizado por todos: os ingleses, porque gostava de negros; os afrikaners, porque era inglês; os negros, porque era branco. Seu professor de boxe (Freeman), porém, percebeu que o garoto tinha o poder de ultrapassar preconceitos e unir os homens, e transformou-o num mito entre as tribos sul-africanas. Com o habitual sentido de espetáculo do cinema americano, *O Poder de um Jovem* esvazia um pouco a reflexão sobre o racismo por ser grandiloqüente e excessivamente épico. Mas a boa história emociona em vários momentos, fotografia e trilha sonora são deslumbrantes e o elenco de apoio, invejável.

Fátima Gigliotti

VAN GOGH ★★★★

(França, 1991) Direção: Maurice Pialat. Com Jacques Dutronc, Alexandra London, Gérard Sety. AB Vídeo.

Dutronc levou um merecido César de melhor ator em 1992 por esta rica interpretação. Não se trata de uma mera biografia, como muitas que o cinema primou fazer, apoiando-se principalmente em sua instabilidade emocional. O roteiro do próprio Pialat (*Sob o Sol de Satã*) acompanha os últimos dias da vida do famoso pintor, associado à escola impressionista, e o apresenta da forma mais humana e comum possível. Van Gogh é revelado como um artista intransigente, introspectivo, muito particular, cujos repentes de violência não transmitem um desarranjo mental, mas apenas uma necessária explosão emocional. Pialat pretendeu (e conseguiu de forma soberba) construir o universo do pintor, sua "maneira de ser", a partir de detalhes de sua vida cotidiana, das suas relações, de suas musas

UM SONHO DE PRIMAVERA ★★★★

(Enchanted April, Inglaterra, 1991). Direção: Mike Newell. Com Miranda Richardson, Josie Lawrence, Polly Walker, Joan Plowright, Alfred Molina, Michael Kitchen. Europa.

Baseada no romance de Elizabeth von Arnim, esta história já foi levada para as telas em 1935, por Harry Beaumont. Como em um ritual atemporal de iniciação, os impasses humanos continuam valendo, narrados aqui com especial suavidade, evitando o frenesi das emoções descontroladas. Mereceu, portanto, as três indicações para o Oscar (atriz coadjuvante – Joan Plowright –, roteiro adaptado – Peter Barnes – e figurino).

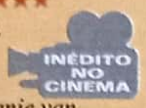
Lotty (Lawrence) é uma londrina inquieta, frustrada pelo materialismo de seu marido, um advogado (Molina). Junto com Rose (Richardson) – esposa de um escritor pornô –, ela aluga um castelo na Itália e vai para lá como se fizesse uma viagem ao paraíso. A velha senhora Fisher (Plowright) e a bela Caroline (Walker) também estão no lugar para dividir as despesas e, a seu modo, reavaliar suas vidas.

Ao longo de um abril primaveril, elas descobrem que, afinal, ser egoísta é perda de tempo. A chegada de dois homens poderia alterar um pouco esse equilíbrio, mas as inglesas preferem apostar na compreensão. Parece *Flores de Aço*, mas não apela para o sentimentalismo; lembra *Tomates Verdes Fritos*, mas não tem nada de um livro de auto-ajuda. Tanto melhor.

César Garcia Lima

passageiras. O filme é de um virtuosismo imagético impressionante, com jogos de câmera tortuosos e fotografia resplandecente. Apesar da figura auto-destrutiva do pintor, Pialat realizou um hino à vida e às artes. Sem sensacionalismos melodramáticos.
Christian Petermann

FÚRIA BRANCA ★★★



(White Rage, África do Sul, 1988) Direção: Manie van Rensburg. Com Marius Weyer, Ryno Hattingh, Grethe Fox. Paris.
O filme parte do romance *The Fourth Reich*, de Hans Strydom, e baseia-se em fatos reais. O nome do romance já diz tudo: a partir da derrocada dos nazistas no final da Segunda Guerra, acompanha-se a fuga de alguns militares, em especial a de Robey Leibbrand, que foi "educado" para iniciar os afrikaners nas "delícias" do segregacionismo racial. O roteiro se concentra nas atividades do policial Jan Taillard (Weyer, de *Os Deuses Devem Estar Loucos*), que destrói sua vida particular para se infiltrar na organização fascista e assim desbaratá-la. Luta pessoal inútil, como o começo do filme já deixa claro, com marchas neonazistas na Johanesburgo contemporânea. O filme não avança muito em sua tese, que relaciona o apartheid com o nazismo, mas é conduzido de forma segura o bastante para manter a atenção do espectador. Tímido, mas politicamente elucidativo.
Ch.P.

O JOVEM ASSASSINO ★★★

(Le Petit Criminel, França, 1990) Direção: Jacques Doillon. Com Richard Anconina, Gérald Thomassin, Clotilde Courau. Belas Artes.
Jacques Doillon é um diretor de prestígio na França, um queridinho dos *Cahiers du Cinéma*. No Brasil, não consegue estourar. *A Vingança de uma Mulher* é um porre, apesar das presenças de Isabelle Huppert e Beatrice Dalle. Já *O Pequeno Assassino* tem um pouco de François Truffaut em sua história. A referência imediata é *Os Incompreendidos* (59). Como Antoine Doinel (Jean-Pierre Léaud) naquele filme, Thomassin é um rebelde. Vive de praticar pequenos furtos. Entra em sua vida o policial Anconina. Quando isso acontece, *O Pequeno Assassino* revela a influência de outro Truffaut – o de *Garoto Selvagem* (70). Como o Dr. Itard, Anconina se interessa sinceramente pelo menino. Descobre que sua rebeldia está ligada à crise da família. Não é cinema diversão. Tem muitos diálogos. O que os personagens dizem está longe de ser irrelevante. O contraste entre o estilo controlado de Anconina e a emoção bruta de Thomassin – um ator não profissional – contribui bastante para o interesse do filme.
Luiz Carlos Merten

Robert Duvall e Shirley Knight em um momento de emoções enrustidas, prestes a explodir

Warner

CAMINHOS MAL TRAÇADOS ★★★★

(The Rain People, EUA, 1969) Direção: Francis Ford Coppola. Com James Caan, Shirley Knight, Robert Duvall. Warner.

No final dos anos 60, Coppola adorava os filmes de Michelangelo Antonioni. Achava o máximo que o diretor italiano criasse aquelas heroínas neurotizadas, oferecendo papéis perfeitos para o estilo de interpretação de sua musa, Monica Vitti. Quis fazer o mesmo com Shirley Knight. Realizou *Caminhos Mal Traçados*. Foi seu último filme antes de *O Poderoso Chefão* (72). Há uma história segundo a qual Coppola encontrou Shirley num festival. Ele havia feito um filme mal recebido pelos críticos. Chorou. Coppola teve ali a idéia para *The Rain People*.

James Caan explica o sentido do título original. Pessoas feitas de chuva se dissolvem quando choram. É o que acontece com os sofridos personagens deste *road movie*. Começa com Shirley infeliz no casamento. Ela bota o pé na estrada para fugir do marido. Dá carona a Caan. Quer transar com ele. Descobre que ele é debilóide. Shirley tenta se desligar do rapaz de tudo que é jeito, mas não consegue. A entrada em cena do policial Robert Duvall precipita a tragédia.

Em 1969, Coppola estava com 30 anos. Cheio de idéias, usa e abusa dos truques de estilo. Dissolve a imagem em focos de luminosidade, brinca de montagem sincopada. Numa cena particularmente audaciosa, um plano-seqüência de seis minutos, mostra-se Shirley tentando explicar ao marido, pelo telefone, o porquê da separação. Os efeitos não duram muito. De repente, Coppola descobre que não precisa deles. O drama é intenso. Basta deixar que ele siga seu curso na tela. Difícil resistir à emoção proporcionada pelo "povo da chuva".
Luiz Carlos Merten

HELLRAISER III – INFERNO NA TERRA ★★

(Hellraiser III – Hell on Earth, EUA, 1993) Direção: Anthony Hickox. Com Doug Bradley, Terry Farrell, Paula Marshall. Paris.

Apesar de Clive Barker voltar à ativa como produtor-executivo, este filme insiste em abandonar algumas das melhores idéias da primeira parte para se contentar com o efeito pelo efeito. Não à toa, o argumento foi co-assinado por Tony Randel, que dirigiu a segunda e despirocada parte.

O filme não é ruim, apenas sua última meia hora decepciona qualquer expectativa, o mais negativa que fosse. Começa bem, porém, e sabe desenvolver suas premissas, mesmo não as localizando logicamente em relação ao roteiro original de Barker. Discussões, superficiais que fossem, sobre o paralelismo entre sado-masoquismo, prazer e poder foram arremessadas a escanteio. O que temos é uma historinha. Esta historinha, contudo, já começa a mil, com a jornalista Joanne (Farrell) largada em um corredor de hospital, ávida para que uma notícia lhe caia dos céus. Não é bem assim que acontece, mas logo aparece uma vítima sangüinolenta em maca que a leva aos infernos do desconhecido.

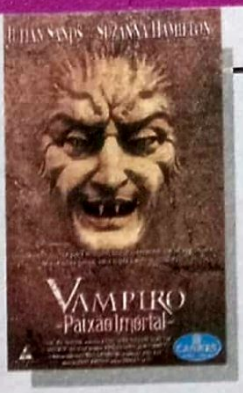
Os efeitos especiais, felizmente, continuam de primeira. Ajudam a destacar ainda mais as duas melhores cenas: a primeira vítima de Pinhead, que começa o filme preso a uma curiosa escultura – a jovem é totalmente esfolada e absorvida pelo objeto demoníaco; e a total e irremediável chacina de uma discoteca inteira – Pinhead aprisiona centenas de jovens e os esfacela com os famosos grilhões dos infernos.

Infelizmente, a trama acaba quando a jornalista escapa da discoteca. E ainda há quase meia hora de filme. Pinhead transforma algumas de suas vítimas em novos cenobitas, como, por exemplo, o Camerahead, e o grupo persegue Joanne por uma longa e deserta rua até um descampado. Neste meio tempo, a única coisa que acontece é uma série interminável de explosões. O orçamento parece ter esgotado, assim como também se esgota a paciência do espectador que, depois de um pouco de saudável sadismo cinematográfico, entrega-se ao tédio.

Christian Petermann

Paris

Pinhead (Doug Bradley) prepara-se para dar o bote em sua primeira vítima



VAMPIRO – PAIXÃO IMORTAL ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Tale of a Vampire, Inglaterra, 1993) Direção: Shimako Sato. Com Julian Sands, Suzanna Hamilton, Kenneth Cranham. Europa.

Depois de encarnar com muita propriedade o demônio em *Warlock, O Demônio* (88) e *Warlock 2, O Armagedon* (91), o ainda pouco reconhecido Julian Sands interpreta um papel feito sob medida para o seu talento e seu tipo físico. Ele é um vampiro atormentado que vive na Londres de hoje. Uma das principais características enfatizadas pelo diretor e roteirista Shimako Sato é o fato de que Alex (Sands) é um intelectual dedicado aos livros, dentre eles os de ocultismo. Invertendo o clichê básico dos vampiros, que durante o dia dormem em caixões para fugir à luz mortal do sol, Alex refugia-se em uma bela e imensa biblioteca. Passa o dia debruçado sobre livros até a lua aparecer, convidando-o às incautas jugulares dos londrinos nos becos escuros. Até que para uma criatura presa ao destino ingrato de viver por toda a eternidade, Alex é um sujeito que, quando não está dando material para a imprensa sensacionalista britânica, é um tipo simpático, tímido e, acima de tudo, muito inteligente. É um sujeito romântico por natureza; uma natureza sofredora que atormenta sua alma com o amor de uma mulher que desapareceu de sua vida há séculos. O diretor Sato intercala com sincronia imagens rápidas e profundas desta amante de outros tempos, que estão presas como um carrossel fantasma na mente de Alex. Surge um estranho e elegante senhor, Edgard (Cranham). Por algum motivo, este *gentleman* conhece os segredos de Alex. Principalmente porque ele faz com que uma bela mulher, Anne (Hamilton), consiga um emprego na biblioteca onde Alex passa seus dias. Ela parece a reencarnação de seu grande amor. Os dois se aproximam lenta e cautelosamente.

É inevitável a comparação desta produção com o *Drácula* de Coppola, pelo fato de a estrutura narrativa ser muito semelhante à de Bram Stoker (reparem, também, na semelhança dos posters). Mas enquanto o vampiro de Coppola é um dândi com ares de playboy do século 19, o de Sands é um jovem maduro que traz consigo uma amargura bastante verossímil. Enquanto Gary Oldman precisa convencer com seus tiques exibicionistas, Sands demonstra o poder e profundidade de seu personagem exatamente ao vivê-los com concisão e introspecção (o filme, aliás, é dominado pelos silêncios). A fotografia, em tons pastéis e sombrios, capta a Londres de hoje como se fosse a do século passado. O diretor trata da essência espiritual da criatura, com um final poético belíssimo, e despreza o tratamento superficial e fantástico que Hollywood tanto aprecia.

Walter de Silva

BLOODSTONE – A MALDIÇÃO CONTINUA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Bloodstone: Subspecies II, EUA, 1993) Direção: Ted Nicolaou. Com Anders Hove, Denise Duff, Kevin Blair. Califórnia.

Assim como na primeira parte, *Subspecies – A Geração Vamp* (foi lançado na época da novela, sacou?), o diretor Nicolaou escreveu o roteiro e realizou o filme na Romênia, seu país-natal. Junto a esta segunda parte, foi filmada simultaneamente a terceira, ainda inédita.

Com um orçamento menor e contando com as criaturas-título (subspecies) apenas na cena de abertura, o filme se detém mais na figura do vampiro-vilão da primeira seqüência, Radu (Hove). Ele mata de cara seu irmão bonzinho e salva sua amada, Michelle (Duff substituindo Laura Tate). Revoltada com sua nova condição de vampira, ela foge com a Bloodstone do título, uma pedra que contém sangue poderoso. Boa parte do filme se reduz a esta perseguição, pela amada e pela pedra, mas Nicolaou a desenvolve de forma climática, com jogos de sombra e bastante angústia. Apesar de nunca memorável, agradará em cheio aos fãs dos filmes produzidos por Charles Band e, de quebra, traz uma inovação na mitologia vampiresca: a figura da mãe, Mummy, que lembra muito o avô de *Texas Chainsaw Massacre*. Quem se habilita?

Ch.P.

NATIONAL KID CONTRA OS SERES ABISSAIS
NATIONAL KID E A REVOLTA DOS SERES ABISSAIS ★★★

(Japão, 1960/61) Direção: Nagayoshi Akasaka. Com Ichiro Kojima. Sato.

Celacanto Causa Maremoto. Aqueles que até hoje vivem intrigados com esta frase, podem agora dormir sossegados. *National Kid Contra os Seres Abissais* – mais um lançamento arqueológico da Sato Company – é a resposta. Algum hippie pichador deve ter achado o episódio "o maior barato, podes crer" e saiu por aí, espalhando a mensagem por muros e paredes.

Celacanto é um peixe pré-histórico que foi considerado extinto até a década de 50, quando se descobriu que ele ainda habitava as profundezas do oceano. Segundo a versão National, os celacantos não ficaram marcando touca esse tempo todo. Tornaram-se uma espécie avançadíssima, capaz de se transformar em homens, lambaris ou qualquer meio-termo, desafiando todas as leis da física, da química ou de continuidade.

Seres tão evoluídos assim só poderiam escolher um lugar no mundo para morar: a fenda tectônica do Japão. Só que alguns cientistas enxeridos resolvem explorar a fenda, atrapalhando o sossego dos tais Abissais. Incomodados pela presença cada vez maior de batiscafos, submarinos e latinhas de cerveja, os Seres Abissais resolvem tomar uma atitude pragmática: acabar com a humanidade. Eles não contavam, porém, com o poder e a glória de National Kid e de sua pistola para lá de atômica. Ela parece um secador de cabelos portátil, mas é capaz de destruir montanhas, nocautear inimigos, acalmar os mares e inverter a gravidade. O roteiro parece ter sido escrito por uma criança de 5 anos. Pelo plano de conquista do mundo dos Seres Abissais, parece que eles não descendem dos celacantos e sim dos caranguejos. O plano anda, anda, mas nunca vai para frente.

É um *trash* de primeira, sem o menor pudor em usar e abusar de clichês e nonsense. Há até o velho truque da heroína amarrada na mesa, prestes a ser serrada ao meio. Tudo isso e muita fantasia de borracha, maquetes fuleirésimas e muitos "defeitos especiais".

Heinar Maracy

INDEPENDENTES – O DRAMA DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL ★★★

(Brasil). Direção dos curtas: Joel Yamaji, 1991; Luiz Rosemberg Filho, 1991; Andrea Tonacci, 1969. Com Waldemar I. Fernandes, Luiz Rosemberg Filho; Ingrid Vorsatz, Antonio Carlos; Paulo Gracindo, Irma Álvarez. Formas do Olhar.

O primeiro curta, *O Espectador que o Cinema Esqueceu*, de Yamaji, é um documentário que presta homenagem ao cinema dos anos 30 e 40. Um cinéfilo de Sorocaba, com seus 60 anos, relata emocionado os principais filmes que marcaram sua vida, revelando uma cultura cinematográfica impressionante. Yamaji sobrepõe ao depoimento belas imagens dos filmes de Bette Davis e do neo-realismo italiano. *Desobediência*, de Rosemberg Filho, é a leitura estilizada do poema de José Régio, "Cântico Negro". Com cenas de guerra mixadas a Erik Satie e ao solo de Jimmi Hendrix entoando o hino americano, uma jovem declama a poesia andando de um lado para o outro. Experimentalismo de curta duração. O último, *Blá Blá Blá*, de Tonacci, é uma preciosidade encarnada no Cinema Novo. Paulo Gracindo é um governante que lê numa emissora de TV um discurso ditatorial banindo "a baderna que assola o país". Cenas reais dos enfrentamentos de rua de 1964 são editadas com diálogos fictícios de uma esquerda perplexa. Este curta foi premiado no Festival de Brasília e deu a Gracindo o prêmio de melhor ator no Festival de Belo Horizonte. Foi exibido ainda na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes (1971). *W. S.*

BANG BANG ★★★

(Brasil, 1970) Direção: Andrea Tonacci. Com Paulo César Pereio, Jura Otero, Abraão Farc, Ezequias Marques, José Aurélio Vieira. Formas do Olhar.

Esta é uma produção histórica e fundamental para se entender o cinema udigrudi do final dos anos 60. Tonacci realizou uma obra que, apesar de sofrer a influência do Cinema Novo, foi produzida em São Paulo em meio ao apogeu do movimento marginal, conseguindo uma "cara" própria. Ainda que *Bang Bang preserve* o tratamento avacalhado, não existe o elemento erótico predominante nas obras da Boca do Lixo. Trata-se de um exercício de linguagem bem humorado, no qual as cenas se sucedem sem a menor preocupação com uma narração convencional. Pereio briga com um motorista de taxi, depois ele é seqüestrado por um cego que dá tiros à esmo, um gângster clássico e outro travestido. O roteiro reúne situações como se fosse um quebra-cabeças sem sentido. O que importa é apenas o poder de sugestão das imagens em preto-e-branco, vazias de mensagens. É uma velha forma transgressiva de se fazer cinema que, vista hoje, ainda choca. Vale pela curiosidade e pelo prazer anárquico, sem nenhuma pretensão ideológica.

Walter de Silva

CURTAS CATARINENSES ★★★

(Brasil) Direção dos curtas: José Henrique Nunes Pires e Norberto Depizzolatti, 1990; Nunes Pires e Depizzolatti, 1991; Mauro Faccioni Filho, 1987; Everson Faganelo, 1991; Eduardo Paredes, 1992. Com Waldir Brazil, Itamar Siebert; Ana Lice Brancher; Jorge Germerdorff; Gracindo Junior, Luiz Melo, Luciana Makowiecky. Vídeo Arte Trindade.

O único motivo pelo qual se pode dizer que o cinema nacional não desapareceu por completo nos últimos anos é o fato de que os curtas evoluíram consideravelmente em qualidade e quantidade. Esta é a oportunidade de checar cinco obras representativas de Santa Catarina. De cara, *Manhã* abre a fita com uma adaptação do poema "Morte do Leiteiro", de Carlos Drummond de Andrade. É uma história trágica e pitoresca narrada com imagens simples e eficientes, como uma pintura naturalista. A *Farra do Boi* é um documentário/reportagem interessante, com dados históricos e depoimentos polêmicos sobre uma tradição que remonta a duzentos anos de atividade. *Bruxas* é um exercício de linguagem hermético e difícil. Apesar das referências históricas sobre o obscurantismo medieval europeu, apresenta um ranço tipicamente estudantil. *O Vôo Solitário* é um documentário educativo e enfadonho sobre um senhor alemão que chegou em Santa Catarina no começo do século para estudar insetos. Já *Desterro* vale pela fita toda: é um curta maravilhoso sobre a fracassada revolução federalista no sul do país. Dá uma aula de cinema a muitos longas brasileiros, cuja proposta original não perde o contato com a nossa cultura. Nota 10.

W. S.

John Goodman e Cathy Moriarty formam o casal que promove sessões muito loucas país afora

MATINÉE – UMA SESSÃO MUITO LOUCA ★★★

(Matinée, EUA, 1993) Direção: Joe Dante. Com John Goodman, Cathy Moriarty, Dick Miller, John Sayles. Look.

Joe Dante pertence à geração de Steven Spielberg e George Lucas. Aprendeu a ver TV antes mesmo de ler. Viu praticamente toda a produção antiga de Hollywood na telinha. Fez *Matinée – Uma Sessão Muito Louca* para homenagear os mestres do kitsch. O filme conta a história de um adolescente na Flórida, no começo dos anos 60. A crise dos mísseis em Cuba leva Estados Unidos e União Soviética à beira da guerra. Com o apocalipse atômico no horizonte, o garoto Gene Loomis (Simon Fenton) só pensa em se divertir no cinema. É a sua maneira de fugir à realidade. Prefere o horror de fantasia, como aquele criado por Mr. Woolsey (Goodman).

Logo no começo, um trailer anuncia a próxima estréia: Mant/O Homem-Formiga, que é a nova criação de Mr. Woolsey, um diretor que tem o físico de Alfred Hitchcock e as idéias de William Castle. Sempre acompanhado da namorada e estrela, Moriarty, Woolsey vive imaginando truques para atrair o público. Instala-se na cidadezinha de Key West com a sua parafernália de efeitos. O resultado é um terremoto – literal – que deixa os espectadores loucos dentro do cinema.

Castle, em quem Dante se inspirou, era conhecido como Hollywood Shock King. Quando Woolsey coloca um aparelhinho nas poltronas para dar choques no público, está seguindo velhas lições de Castle. Em *Força Diabólica* (*The Tingler*, 1959), ele usou uma campainha para acordar os espectadores sonolentos. Em *13 Fantasmas* (*13 Ghosts*, 1960), distribuiu óculos especiais que permitiam ver as criaturas do além. Em *Trama Diabólica* (*Homicidal*, 1961), criou um intervalo para que as pessoas decidissem se queriam enfrentar as pesadas emoções do desfecho. Castle talvez não fosse tão hilário quanto Woolsey, mas merece a homenagem. O filme de Dante cria um inferno delicioso de tão divertido.

Luiz Carlos Merten

O MELHOR VERÃO DE NOSSAS VIDAS ★★★

(Indian Summer, EUA, 1993) Direção: Mike Binder. Com Alan Arkin, Matt Craven, Diane Lane, Bill Paxton, Elizabeth Perkins, Kevin Pollak, Vincent Spano, Sam Raimi. Abril Vídeo.

INÉDITO NO CINEMA

O diretor Binder escreveu o roteiro com base em suas próprias memórias e levou o elenco para filmar no acampamento canadense que ele mesmo costumava freqüentar. Reuniu um elenco de simpáticos "trintões", como Spano (*Vivos*), Lane (*Face a Face com o Inimigo*) e Perkins (*Golpe do Destino*), e ainda conseguiu convencer o diretor Sam Raimi (*Uma Noite Alucinante*) a fazer uma participação especial, como o ajudante pateta do dono do acampamento (Arkin, de *Rocketeer*). São o cenário e as boas atuações que dão um toque especial à história, a velha reunião de amigos de infância para acertar contas e libertar os fantasmas do passado, no gênero de *O Reencontro* e *Para o Resto de Nossas Vidas*. Não acontece nada de muito interessante, não há um grande conflito que motive a narrativa. Mesmo assim, para quem ouviu o chamado irresistível dos trinta anos, é diversão garantida.

F. G.

QUANTO MAIS GRANA MELHOR ★★

(Mo'Money, EUA, 1992). Direção: Peter MacDonald. Com: Damon Wayans, Marlon Wayans, Stacey Dash, Almayvonne. LK-Tel/Vídeo.

Johnny (Damon, de *O Último Boy Scout*) e seu irmão mais novo, Seymour (Marlon), dois garotos espertos criados nas ruas de Chicago, estão na pior. Vivem de pequenas armações e furtos até Johnny tropeçar na gata Amber (Dash) e arrumar um emprego na companhia de seguros na qual ela trabalha. Precisando arranjar mais grana, rouba um cartão, começa a gastar adoidado e bate de frente com um grande esquema de fraude. Apenas engraçadinho, mas com uma ótima atuação de Almayvonne como uma ninfomaníaca e com uma boa trilha de Jimmy Jam e Terry Lewis, interpretada por Luther Vandross, Janet Jackson, Color Me Badd e Public Enemy, entre outros.

J.E.M.

A CEIA DOS VETERANOS ★★★

(Block-Heads, EUA, 1938) Direção: John G. Blystone. Com Stan Laurel, Oliver Hardy, Minna Gombel, Patricia Ellis, Billy Gilbert, James Finlayson. VTI.

Melhor trabalho da dupla

no ano de 1938, *A Ceia dos Veteranos* marca também o último trabalho dos dois para Hal Roach. É um pout-pourri de pequenas histórias alinhavadas por Harry Langdon, que trabalhou no roteiro ao lado de James Parrot. Estão presentes tanto Billy Gilbert, que contracenou em diversos filmes de Laurel e Hardy, como James Finlayson, o homem das caretas do cinema mudo. Aqui Finlayson mostra um pouco mais da sua habilidade de ator, quando chamado para uma briga de rua com Hardy, no melhor estilo qüiproquó. Há cenas hilariantes, como quando Laurel cai de uma cadeira improvisada. O clima no início é de grande produção, com imagens da Segunda Guerra de ótimo nível realista. A história é a seguinte: a dupla está numa trincheira durante a guerra quando Laurel recebe ordem para montar guarda e a Hardy é ordenado que avance. Com sua habitual parvoíce, o recruta Magro acaba tomando conta da trincheira por vinte anos, sem saber que o conflito acabara. Nesse meio tempo, o Gordo está casado, e para variar com uma megera (Ellis). Após metralhar um avião, Laurel "descobre" que a guerra terminou ("Como o tempo voa", ele diz) e volta para casa. Confira a confusão.

Francisco Costa

BOOM BOOM ★★★

(Espanha/Bélgica, 1990). Direção: Rosa Vergés. Com Viktor Lazlo, Sergi Mateu, Fernando Guillén Cuervo, Angels Gonyalons. VTI.

Humor e despretensão sempre formaram uma boa dobradinha. Em *Boom Boom*, produção belgo-espanhola, dá para esquecer um pouco os clichês das comédias americanas e – por que não? – se divertir com os desencontros da dentista Sofia (a cantora Viktor Lazlo) e de Tristán (Sergi Mateu), o dono de uma sapataria, pelas noites de Barcelona. Eles são vizinhos e estão sozinhos depois de vários problemas afetivos, mas não sabem disso quando se conhecem por acaso, graças às trapalhadas de Angel (Fernando Guillén Cuervo), um amigo em comum.

Ao bancar o barman por um dia, no lugar de Angel, Tristán faz um drinque que enlouquece Sofia. Era o que estava faltando para confortar os dois. O humor fica por conta da resistência de ambos em aceitar um novo amor depois de tantas frustrações recentes. Tem argumento de novela brasileira, mas com um pouco de ironia e muito mais inteligência.

É o filme de estréia da diretora catalã Rosa Vergés, uma espécie de Coline Serreau (*Romuald e Juliette*) à espanhola, no qual situações comuns são mostradas em ritmo ágil e com espirituosidade. O histrionismo de Pedro Almodóvar está descartado, apesar de a trilha sonora ser agitada como uma rumba e de a direção de arte apelar ao kitsch. O que, no final das contas, ajuda o espectador a sorrir.

César Garcia Lima

UM PEIXE FORA D'ÁGUA ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Mr. Baseball, EUA, 1992) Direção: Fred Schepisi. Com Tom Selleck, Ken Takakura, Aya Takanashi, Dennis Haysbert. CIC Vídeo.

Se o tema fosse futebol, até que esta comédia poderia ter um interesse extra para o público brasileiro. Selleck, porém, faz um jogador de beisebol, veterano do time dos New Yorkers vendido para um time japonês. Óbvio: haverá choque entre seu estilo relaxadão e a sisudez nipônica. A situação poderia ser transposta sem problemas para as aventuras dos jogadores brasileiros que foram para a terra do sol nascente. Com este ingrediente, talvez fosse mais fácil engulir os clichês de filme esportivo que se repetem até o final da fita. O pouco que sobra de interessante são caprichadas cenas de jogo, que podem deliciar quem goste de beisebol, e alguns takes curiosos que dão uma idéia da paixão dos japoneses por este esporte.

Marcos Smirkoff

CHAMPAGNE ★★★

(Inglaterra, 1928) Direção: Alfred Hitchcock. Com Betty Balfour, Jean Bradin, Gordon Harker. Continental.

Desafiando o pai, jovem milionária (Balfour) encontra-se com o amante em um navio que os conduz a Paris. O pai arma, porém, um plano cuidadoso para impedir o casamento de sua trêfega filha. Um sedutor surge para bloquear as intenções sérias do rapaz e Betty fica dividida entre o jovem ciumento e o misterioso casanova, até o dia em que, desfilando uma nova coleção de vestidos para os amigos, recebe a visita do pai, que lhe diz ter perdido toda a fortuna na Bolsa. Betty emprega-se como vendedora de flores num suspeito cabaré, onde velhos cortejam raparigas embriagadas pelo charleston e mulheres dançam de rosto colado. Uma surpreendente revelação catapulta Betty de volta ao universo dos ricos e felizes, agora amadurecida pela experiência da vida dura. O jovem Hitchcock filmou esta parábola banal da maneira mais cinematográfica possível. É mesmo um truque fotográfico que está na origem do título, *Champagne*: depois que um garçom estoura uma champagne, que jorra sobre a câmera, esta se torna subjetiva, para dar a visão de alguém que bebe enquanto observa bailarinos dançando tango através do fundo da taça que se esvazia. Hitchcock também exerceu aqui seu particular senso de humor, expondo a heroína ao ridículo: apesar da proeza aérea que culmina com o avião aterrissando no oceano, Betty emerge da aventura ansiosa e tímida, carregando malas; e ao tirar as roupas de piloto, esquece de limpar o rosto, evoluindo pelos salões da primeira classe como uma jovem excêntrica de cara suja. Também as seqüências do desfile de modas e do indigesto café da manhã que Betty prepara para o pai trazem a marca do diretor, que apenas começava a encontrar seu estilo nesta silenciosa comédia de costumes.

NOTA: Devido a problemas na emulsão do filme original, a cópia em vídeo apresenta defeitos nas seqüências finais.

Luiz Nazário

A bela cantora Viktor Lazlo empunha uma "arma" muito feminina

BONANZA ★★

(Bonanza – The Underdog, EUA, 1969) Direção: William F. Claxton. Com Michael Landon, Charles Bronson, Lorne Greene. Opção.

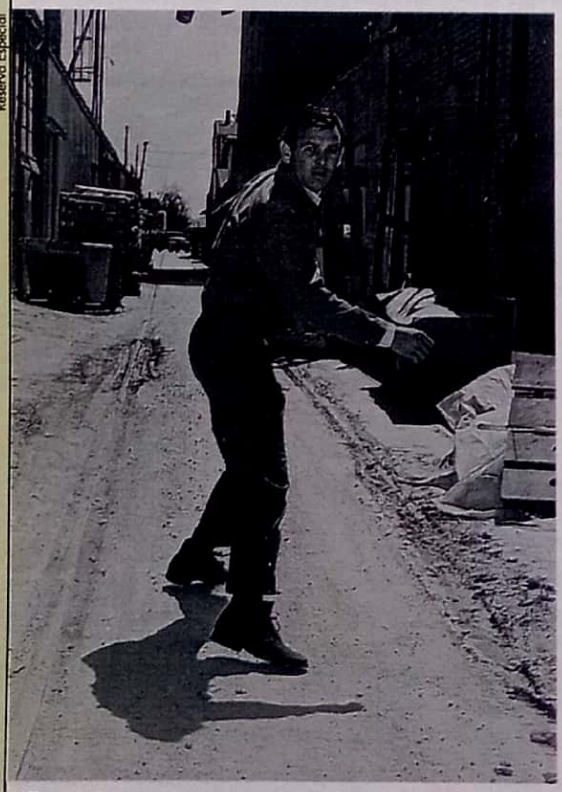
O FUGITIVO ★★★

(The Fugitive – The Last Episode, EUA, 1967) Direção: Don Medford. Com David Janssen, Barry Morse, Bill Ralsch. Reserva Especial.

Começou a sessão nostalgia. Dois seriados dos anos 60 aterrissam nas locadoras: *Bonanza* e *O Fugitivo* (este em relançamento), mostrando que o filão "objetos-de-culto-para-maiores-de-trinta" pode se tornar mesmo um hit, haja vista o êxito de *National Kid*, da Sato (*ver em* Ficção). As duas séries têm em comum a estrutura de novelão: elenco fixo e capítulos que, apesar de autocontidos, preocupam-se em contar uma longa e arrastada saga. No caso de *Bonanza*, a saga é a da família Cartwright, que defende um imenso latifúndio improdutivo chamado Ponderosa da cobiça de vizinhos, de peles-vermelhas e de ladrões de cavalos. O episódio deste vídeo – "The Underdog" – trata justamente deste problema: ladrões de cavalos. Os Cartwright dão abrigo a um mestiço, *mezzo* cheyenne, *mezzo* cara-pálida (Bronson, em participação especial), e os garanhões de Ponderosa começam a sumir. Será que o preconceito racial que os brancos nutrem pelo semi-silvícola é merecido? Assista e descubra. A direção do filme é competente e a ação se desenrola bem, ainda que presa aos padrões tradicionais do gênero telefime (cortes para comerciais, violência comedida, etc.). Bronson, na época, tentava provar que não era apenas um rostinho feio e faz seu papel com a canastrice habitual, mas com carisma. O único problema é a legendagem. Tudo indica que a distribuidora usou uma tradução feita em Portugal. As pessoas se tratam por "tu" e, vez ou outra, escapam expressões como: "Ele está cá, ao pé do bar".

Opção

Lorne Greene (sentado à direita) é o líder do clã Cartwright



Reserva Especial

David Janssen consegue finalmente sair do beco sem saída

O Fugitivo já é outra coisa. O episódio da fita encerrou a saga televisiva do Dr. Kimble (Janssen), depois de cinco anos (1963/67) correndo atrás do Homem de um Braço Só (Ralsh) e se escondendo do tenente Gerard (Morse). Este episódio bateu recordes de audiência quando foi exibido nos EUA. O lançamento da fita é oportunista, claro, pois pega carona no *remake* cinematográfico estrelado por Harrison Ford. Mas a fita é uma boa surpresa. Primeiro porque tem uma direção segura de Don Medford. Segundo, porque o assassinato da mulher de Kimble, desvendado neste episódio, guarda mais mistérios do que a princípio se imagina. Há baixezas e grandezas profundamente humanas envolvidas na história da "culpa" e fuga de Kimble. E – atenção, leitores, preparem-se para mandar cartas de protesto para a redação – é bem melhor do que o filme dirigido por Andrew Davis e estrelado por Ford. O fugitivo da TV é mais sério e mais inteligente do que o sub-*Indiana Jones* de Davis e Ford. De fato, a versão cinematográfica só ganha da série em um único item: a presença de Tommy Lee Jones, este, sim, um ator.

Edson Arantes

O LOBO DO MAR ★★★

(The Wolf, EUA, 1993) Direção: Michael Anderson. Com Charles Bronson, Christopher Reeve, Catherine Mary Stewart. Europa.

Aventura dramática baseada em Jack London, com boas ressonâncias de *Moby Dick*. Bronson é uma espécie de Capitão Ahab culto (é profundo entendedor de navegação, filosofia e outras disciplinas), mas igualmente obcecado e violento. Reeve é um crítico de teatro do século passado, milionário e entediado, salvo de um naufrágio pelo Ghost (nome do barco caçador de focas), ao lado da atraente golpista Catherine Mary Stewart. Seus problemas são: a) pagar a viagem trabalhando como grumete; b) escapar dos métodos "educativos" do capitão onipotente, que resolveu ensiná-lo a viver; c) evitar que a tripulação descubra que a mocinha é uma pilantra e não uma dama, o que teria como conseqüência previsível um múltiplo estupro. O veterano diretor Anderson (*A Volta ao Mundo em 80 Dias*) tem uma tocada burocrática, mas a trinca de atores – inclusive Bronson, numa caracterização adequada – assegura algum charme a esta aventura náutica com cara de filme antigo.

Alex Antunes

ENCONTRO COM O DESTINO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Till There Was You, EUA, 1990). Direção: John Seale. Com: Mark Harmon, Deborah Unger, Jeroen Krabbe, Shane Briant. LK-Tel/Vídeo.

Um teco-teco sobrevoa mata em ilha no Pacífico Sul. A bordo, mocinho (Harmon) e mocinha (Unger). O avião se esborracha, os dois saem ilesos e ele é capturado por uma tribo primitiva.

Rituais, danças, vilões com patentíssimas caras malvadas, paisagens fantásticas. Parece história de Tintin e Milou, mas sem o humor que caracteriza as aventuras do pequeno repórter francês de calças curtas. Harmon é um músico de jazz e vai parar na ilha de Vanuatu em busca de seu irmão aventureiro. Encontra uma republiqueta sob toque de recolher, uma loira que é encrenca pura e um irmão morto em circunstâncias misteriosas. Uma razoável sessão da tarde.
J.E.M.

A SENHORA DOS LOBOS ★★★

(The Wolves of Willoughby Chase, Inglaterra, 1987) Direção: Stuart Orme. Com Emily Hudson, Aleks Darowska, Stephanie Beacham, Mel Smith. CIC Vídeo.
Esta é a deliciosa proeza de duas adoráveis garotinhas inglesas, no início do século, bem ao gosto das aventuras de Tom Sawyer. Elas são primas, e os pais de uma delas partem durante o inverno em uma longa viagem em busca de terras com sol. As pequenas são deixadas nas mãos de uma governanta bela e tirana. Para ficar com toda a fortuna da família, esta vilã arma um plano para sabotar o navio no qual os pais viajam, e as duas meninas são mandadas a um orfanato-fábrica que escraviza a mão de obra infantil. Além de a neve ambientar a aventura, ninguém pode sair ao ar livre sem o risco de ser devorado por matilhas de lobos selvagens. Apesar do enredo simples e até infantil, ele preserva a essência da clássica literatura anglo-saxônia de aventura, com personagens deliciosamente caricaturais.
W. S.

TINY TOONS – AVENTURA EM UMA ILHA/PERNINHA E LILICA NO HAVAÍ ★★★

(No Toon Is An Island/ Buster & Babs Goes Hawaiian, EUA, 1993) Direção: Art Leonardi. Warner.

TINY TOONS – JORNADA AO CENTRO DE ACME ACRES/A MÁQUINA DO TEMPO ★★★

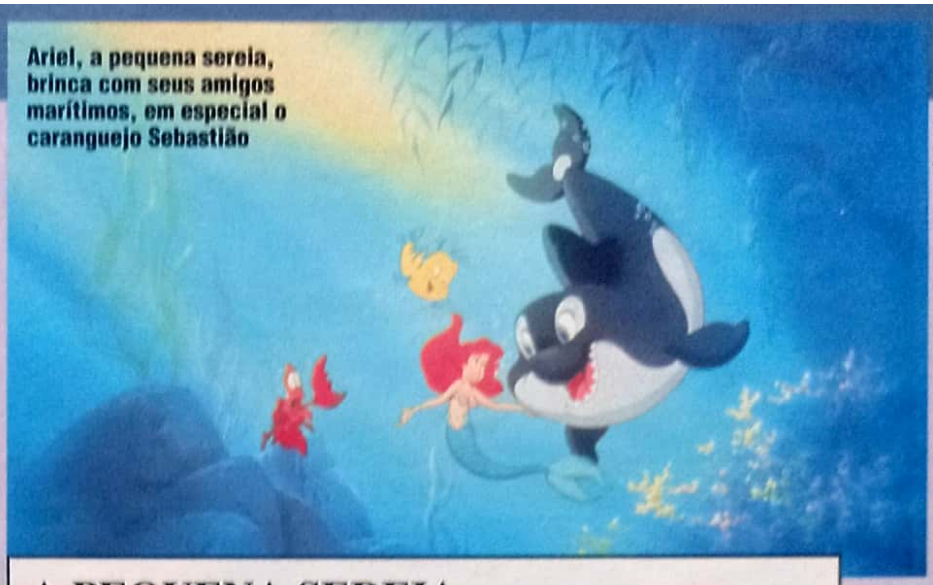
(Journey to the Center of Acme Acres/A Ditch in Time EUA, 1993) Direção: Art Leonardi, Art Vitello. Warner.
É legal que Spielberg tenha bancado esta versão moderna dos desenhos loucos da Warner. Mas há que se admitir que ela ainda está longe de ter o mesmo ritmo alucinado das obras-primas de Chuck Jones ou Tex Avery. Os moleques dos *Tiny Toons* sempre raspam no bom conselho, sem falar no moralismo esquisito que dividiu o debochado Pernalonga em um casal, Perninha e Lilica. A série tira sua graça ao fazer piadas com o cinema, de preferência com as obras do próprio Spielberg. E é isso que torna *Tiny Toons* divertido. O curioso é que o melhor episódio destas duas fitas, "Perninha e Lilica no Hawaí", foi escrito por três garotas que são fãs do desenho.
M. S.

PERNALONGA E SEUS AMIGOS ★★★★

(Bugs Bunny and His Pals, EUA) Direção: Paul J. Smith, Seymour Kneitel e outros. Tocantins.
Coletânea de nove desenhos que traz os cartoons que deram origem ao Pernalonga e à dupla Tom e Jerry: "O Coelho Selvagem" ("The Wild Hare"), criação imortal de Chuck Jones, e "Tom é Despejado" ("Puss Get the Boot"), de 1939, indicado para o Oscar de Animação daquele ano, que também é a primeira criação conjunta de outra dupla que iria dominar o cenário dos desenhos animados até os anos setenta: os desenhistas, produtores e diretores William Hanna e Joseph Barbera. A qualidade de sonorização da fita, que deixa a desejar, não chega a prejudicar o deleite desta fita obrigatória.
F. G.

PATRINE VOLUMES I e II ★★★

(Bishojo Kamen Powatrin, Japão, 1990) Direção: Yugi Saeki. Com: Yuko Hanajima, Mariko Otonashi, Shigeru Saiki. Trianon.
Dá para imaginar uma mistura de Jaspion com Barbie? Pois esta é a melhor definição para Patrine, uma simpática super-heroína que distribui sopapos em marginais doidos. Ela é uma adolescente com superpoderes e um bracelete mágico que transforma suas roupas em qualquer disfarce. A criação é do desenhista japonês Shotaro Ishinomori, o autor dos *live actions Black Kamen Rider, Machine Man* e *Bicrossers*, além do clássico desenho dos anos 60, *Cyborg 009*. Foi um grande sucesso da TV japonesa, combinando ação e humor para crianças bem pequenas.
Alexandre Nagado



Ariel, a pequena sereia, brinca com seus amigos marítimos, em especial o caranguejo Sebastião

Abril Vídeo

A PEQUENA SEREIA – UMA AMIZADE DE PESO/ O GAROTO ★★★

(The Little Mermaid, EUA, 1993) Direção: Jamie Mitchell. Abril Vídeo.

A PEQUENA SEREIA – TROVÃO, O CAVALO MARINHO SELVAGEM/O GRANDE SEBASTIÃO ★★★

(The Little Mermaid, EUA, 1993) Direção: Jamie Mitchell. Abril Vídeo.

O longa-metragem *A Pequena Sereia*, de 1989, foi o sucesso que marcou a volta dos estúdios Disney à boa forma. Dois Oscars e milhões de dólares são um bom motivo para tentar prolongar o êxito através de uma série para a TV. O resultado não decepciona os fãs da animação Disney. Os primeiros minutos de "Uma Amizade de Peso" já exibem o detalhismo que marca qualquer boa produção do estúdio. O ritmo de musical à antiga que caracterizava o longa foi mantido em diversos showzinhos através das histórias, que atestam a criatividade dos animadores em ficar inventando novas coreografias.

As histórias são regulares, e não disfarçam o quanto requentam fórmulas dos velhos clássicos da casa. A melhor delas, "O Garoto", tem alguns trechos que "recontam" *Pinóquio*, por exemplo. Outra aventura que se destaca é "O Grande Sebastião", que põe em foco o caranguejo, o grande tipo cômico do longa-metragem. Ele permanece como o coadjuvante que rouba a cena sempre que aparece.

A grande perda ficou na parte musical. A dupla Tom Snow/Jack Feldman, mais o compositor Dan Follart, "cozinharam" mais um pouco o trabalho de Alan Menken e Howard Ashman. O resultado, porém, ficou insosso, sem nenhuma melodia memorável como a premiada "Under the Sea" (que virou o tema de abertura dos episódios). A dublagem das canções também não foi tão feliz quanto no longa. Mesmo com estes problemas, a série *A Pequena Sereia* é um programa legal.

Marcos Smirkoff

O começo do ano, até o Carnaval, é sempre meio devagar em todas as áreas culturais. O merçado de vídeo não foge muito à regra. Entre os bons títulos anunciados para este período, destacamos a comédia *Muito Barulho por Nada* (foto), a segunda investida cinematográfica de Kenneth Branagh no universo literário de William Shakespeare, desta vez com uma deliciosa ode à vida e ao amor. Além disso, há a última realização de Roman Polanski, *Lua de Fel*, que fez sucesso no Brasil. O espectador também terá a oportunidade de ver dois filmes mal exibidos no cinema, a ficção *Robocop 3* (pouco depois do lançamento nas telas norte-americanas) e a comédia *O Renascer de uma Mulher*, com o casal Melanie Griffith/Don Johnson.

BOLSA DE VÍDEO

Akira Kurosawa, com dois filmes, e um dos primeiros trabalhos de Coppola marcam presença entre a votação dos críticos este mês.

	Celso Fioravante Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Wanderley Sanches Veja São Paulo	José Norberto Flesch Folha da Tarde	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Luiz Zini Pires Zero Hora	Marcelo Maia Jornal do Brasil	Roberto Rios TVÍ	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Christian Petermann SET	Média
Dodeskaden (Concorde/Tocantins)	8	7	10	-	8	9	-	8	-	7	8.1
Caminhos Mal Traçados (Warner)	-	7	-	-	8	-	-	-	7	7	7.2
Madadayo (Look)	5	6	8	-	7	9	6	9	8	6	7.1
Um Sonho de Primavera (Europa)	7	6	9	6	7	8	6	-	7	8	7.1
Conto da Primavera (Belas Artes)	6	7	-	-	-	8	-	3	-	7	6.2
Linda Demais para Você (Belas Artes)	6	4	8	5	7	8	-	-	6	6	6.2
Van Gogh (AB Vídeo)	6	6	2	7	-	8	8	4	-	8	6.1
Matinée – Uma Sessão Muito Louca (Look)	-	7	6	5	-	-	7	5	-	6	6.0
Boom Boom (VTI)	4	-	7	6	-	-	-	-	5	5	5.4
Hellraiser 3 – Inferno na Terra (Paris)	5	5	0	3	7	-	3	3	-	5	3.9

PARADA

NOVEMBRO

AS MAIS ALUGADAS:

BRASIL

1 *Proposta Indecente (Indecent Proposal)* (CIC)
2 *Questão de Honra (A Few Good Men)* (LK-Tel/Vídeo)
3 *Eternamente Jovem (Forever Young)* (Warner)
4 *Um Dia de Fúria (Falling Down)* (Warner)
5 *Sommersby, O Retorno de um Estranho (Sommersby)* (Warner)
6 *Obsessão Fatal (Unlawful Entry)* (Abril Vídeo)
7 *Herói por Acidente (Hero)* (LK-Tel/Vídeo)
8 *Drácula de Bram Stoker (Bram Stoker's Dracula)* (LK-Tel/Vídeo)
9 *Coração de Trovão (Thunderheart)* (LK-Tel/Vídeo)
10 *O Último dos Moicanos (The Last of the Mohicans)* (Warner)

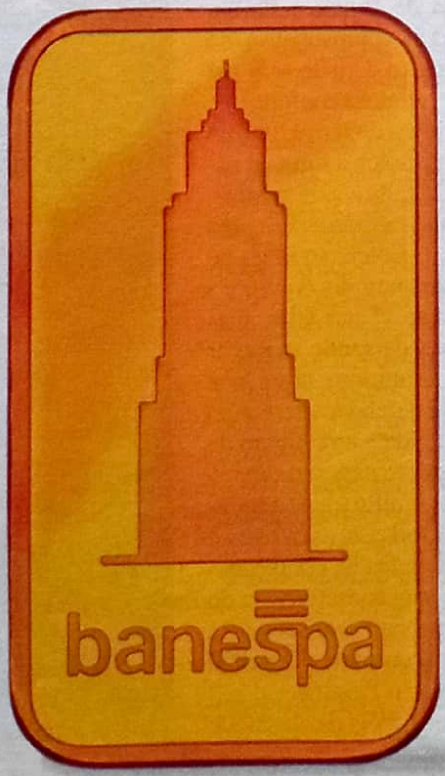
Fontes: Vídeo Factory (SP), Hobby Vídeo (SP), Real Vídeo (SP), Primeramu's (SP), Vídeo Shack (RJ), Copa 6 (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Star Vídeo (GO), Cine Vídeo (GO), Scorpius (GO), Back I (RS), Vídeo Gama (RS), Canal do Vídeo (MG), Cia. do Vídeo (MG)

E.U.A.

1 *Free Willy* (Warner)
2 *Dennis The Menace* (Dennis, O Pimentinha) (Warner)
3 *Cliffhanger (Risco Total)* (Columbia TriStar)
4 *Sliver (Invasão de Privacidade)* (Paramount)
5 *Indecent Proposal (Proposta Indecente)* (Paramount)
6 *The Sandlot (Se Brincar o Bicho Morde)* (FoxVideo)
7 *Cop and a Half (Um Tira e 1/2)* (MCA/Universal)
8 *The Muppet Christmas Carol (O Conto de Natal dos Muppets)* (Henson)
9 *Born Yesterday (O Renascer de Uma Mulher)* (Hollywood)
10 *Weekend at Bernie's II (Um Morto Muito Louco 2)* (Columbia TriStar)

Fonte: Video Business (21/11/93)

DELTA



ALGUNS VALORES NÃO MUDARAM MUITO NOS ÚLTIMOS 5 MIL ANOS.

Se você quer um investimento seguro que resista a qualquer mudança na história, aplique em Ouro Puro Banespa. É você quem escolhe quanto essa economia vai pesar no seu bolso: barras de 5, 10, 20, 50, 100 gramas e uma onça (31,1g). Ouro Puro Banespa. Liquidez garantida e rentabilidade que ultrapassa a barreira do tempo.

OURO PURO

banespa

PARTICIPE DO DESENVOLVIMENTO DO SEU ESTADO

Warner

Kevin Costner, com o iniciante T. J. Lowther, arrisca um papel de bandido e se sai bem

UM MUNDO PERFEITO

Clint Eastwood volta à direção com um policial onde o Bem se corrompe pela força do Mal

Num mundo perfeito os heróis são heróis, os bandidos são bandidos, e o Bem vence o Mal para que o Certo reine sobre o Errado. Mas neste *Um Mundo Perfeito,* tecido pelo roteirista John Lee Hancock e pelo diretor Clint Eastwood, as convicções do Bem sucumbem ao poder incontrolável do Destino e as virtudes do Certo são corrompidas pelo Errado. E, no fim das contas, mesmo as vitórias do Bem trazem um sabor de Mal a tiracolo.

Com uma firmeza e uma sabedoria que confirmam sua posição entre os grandes cineastas americanos de sua geração, Clint nos apresenta em *Um Mundo Perfeito* um ensaio épico sobre a força do Destino semelhante ao que vimos em *Os Imperdoáveis*. Desta vez, no entanto, o pano de fundo não é o Velho Oeste, mas sim uma cidadezinha do Texas, às vésperas do assassinato de Kennedy.

O estopim da história é o encontro do criminoso Butch (Kevin Costner) com o menino Phillip (o estreante T. J. Lowther). Acompanhado do companheiro de cela Terry (Keith Szarabajka), Butch acaba de escapar da prisão quando os dois foragidos vão dar na casa de Phillip e tomam o garoto como refém.

Perigosíssimo e violento psicopata, Terry logo sai de cena – ajudando a reafirmar a condição de assassino de Butch – e Phillip se vê sozinho com o personagem de Costner, na estrada e em fuga da lei. Em seu encalço, parte o policial Red Garnett (Clint Eastwood), acompanhado de uma criminologista imposta pelo governador (Laura Dern) e de um agente do FBI com o dedo coçando para apertar o gatilho e dar cabo do presidiário fujão.

O relacionamento de Butch e Phillip estabelece entre os dois companheiros de viagem um elo complexo. Criado sem pai por uma mãe estrita e religiosa conforme os ditames dos Testemunhas de Jeová, Phillip acaba encontrando em Butch a figura masculina que tanto lhe fez falta a vida inteira – e o caminho, ainda que tortuoso, para algo próximo à liberdade. E Butch, ao invés de reproduzir os maneirismos do criminoso sem moral que tanto se vê nas telas, mas ainda assim nunca nos deixando esquecer que é, de fato, um criminoso armado e disposto a tudo para se defender, oferece ao menino uma lição de vida e uma figura de pai que marcarão o garoto para sempre.

No fim da jornada, Phillip transformou-se no homem – com todas as cicatrizes e todo o sofrimento advindos da condição – que jamais teria sido sem a intervenção do criminoso. E Butch, mesmo determinado a terminar a fuga, não consegue escapar à função que lhe reservou o Destino.

É um dos melhores papéis de Costner e uma escolha apropriadíssima após os prêmios de *Dança com Lobos* e a badalação intensa de *J.F.K.*, *Robin Hood* e *O Guarda-Costas*, uma lembrança na hora certa de que debaixo do astro de cinema existe um ator de talento intenso. Para o cinema, é um raro exemplo de que podem sair de Hollywood filmes em que ninguém é 100% mocinho, nem 100% bandido, em que as histórias contadas na tela reproduzem a vida e não a fantasia idealizada de alguns executivos em posição de poder.

José Emilio Rondeau

A Perfect World, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Clint Eastwood ■ ROTEIRO: John Lee Hancock ■ MÚSICA: Lennie Niehaus ■ FOTOGRAFIA: Jack N. Green ■ Com Kevin Costner, Clint Eastwood, Laura Dern, T. J. Lowther ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 137 min.

EQUINOX

Ex-discípulo de Robert Altman transporta seu universo particular para história pretensiosa

Considero Alan Rudolph um dos diretores norte-americanos mais interessantes a se firmar na década de 80. Assim que declarou sua independência da sombra de Robert Altman, de quem, nos anos 70, foi diretor assistente (em filmes como *Nashville*) e para quem escreveu um roteiro (*Oeste Selvagem*), Rudolph voltou-

Modine e Tomei: personagens caricatos

se para um estilo pessoal, que avança, a grosso modo, em três frentes: personagens solitárias, frustradas e marginais; tramas românticas com toques cômicos e pitadas de violência urbana; e marcante acompanhamento musical. Exemplos notórios desta linguagem "rudolphiana" podem ser verificados em filmes como *Choose Me* (1984) e *Armadilhas do Amor* (1990), ambos disponíveis em vídeo.

Questão: o que levou Rudolph a escrever um roteiro como o de *Equinox*? Nem sempre ele trabalha com texto próprio (como é o caso de *Choose Me*), mas todos os seus roteiros traduziam seu universo particular de forma terrena e verossímil. *Equinox* mistifica seu entrecho e se rende a um argumento pseudo-esotérico alienígena ao diretor. Por mais que o filme apresente todas as suas características, a história, construída na forma de um quebra-cabeças com montagem paralela, é maniqueísta e sutil feito um mastodonte. Além disso, motivou Rudolph a mergulhar na pretensão mais infrutífera.

Ele é um mestre da estilização. Todos os seus filmes transmitem uma realidade "trabalhada". O impressionante início de *Equinox*, por exemplo, configura uma Nova York tão miserável, tão socialmente implodida, que parece tratar-se de um futuro nada inverossímil. A ação começa com a dolorosa morte de uma mendiga em região miserável de NY. Uma carta em suas posses revelará a existência de dois irmãos gêmeos que não se conhecem (Matthew Modine duas vezes), um bom, o outro mau. Como qualquer estudioso amador de astrologia logo vai sacar, somente no equinócio (ponto da órbita da Terra em que se registra uma igual duração do dia e da noite) é que eles cruzarão os respectivos caminhos, uma única e tempestiva vez.

Por mais que Rudolph conduza bem o filme, mantendo uma certa tensão na forma acadêmica como ele apresenta personagens e elementos narrativos, o roteiro, depois de totalmente descoberto, se revela banal e tolo. Além disso, o diretor desperdiça alguns de seus personagens secundários. É muito clima para pouca substância, é muito bom gosto para uma construção de personagens tão caricata e infantil. Rudolph é um bom diretor. Só precisa tomar cuidado para não mais cair em armadilhas modernóides.

Christian Petermann

Equinox, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Alan Rudolph ■ FOTOGRAFIA: Elliot Davis ■ FIGURINO: Sharen Davis ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Steven Legler ■ Com Matthew Modine, Lara Flynn Boyle, Tyra Ferrell, Fred Ward, Marisa Tomei, M. Emmet Walsh, Kevin J. O'Connor, Lori Singer ■ DISTRIBUIÇÃO: Filmes do Estação ■ DURAÇÃO: 115 min.

Columbia Buena Vista

Mogli e o urso Balu, responsável por uma das cenas mais divertidas da história do cinema

MOGLI, O MENINO LOBO

Uma das obras-primas definitivas dos estúdios Disney é reprisada para alegrar as férias de verão

Se vamos ter de esperar até o final do ano para ver o "pesadelo natalino" de Tim Burton dissecado nesta edição, pelo menos a temporada de férias brasileiras traz uma reprise Disney para criança nenhuma botar defeito.

Mogli, O Menino Lobo não pode ser exatamente descrito como um dos "desenhos clássicos" do estúdio que, praticamente sozinho, desenvolveu a arte e a ciência da animação no cinema. Este rótulo se encaixa melhor nos deslumbrantes e detalhistas longas-metragens lançados na virada de década dos 30 para os 40: *Branca de Neve, Pinóquio, Fantasia* e *Bambi*.

De traços mais simples, sem aquele perfeccionismo nos cenários e nos jogos de luz e sombra, *Mogli* representa a última fase do estúdio com Walt Disney ainda vivo – iniciada no final dos 50 e comandada pelo diretor Wolfgang "Woolie" Reitherman. No pacote estão filmes deliciosos como *A Bela Adormecida* e *A Espada Era a Lei*, mas suas obras-primas definitivas são *A Guerra dos Dálmatas* e o próprio *Mogli*, desenhos em que a "humanização" dos animais deixa para trás a ingenuidade e o caráter "gracinha" dos primeiros tempos e realmente elabora "personagens" variados, com espaço para malandragens de todo o tipo.

Em *Mogli*, estes malandrões ganham canções-temas irresistíveis, responsáveis pelas cenas mais divertidas da história: o urso Balu e o verdadeiro hino da vagabundagem que é "Bare Necessities", o orangotango Rei Lu e a demência jazzy de "I Wanna Be Like You", a cobra Kaa e a safadíssima "Trust in Me".

Além de sua música maravilhosa (muito bem traduzida e adaptada na versão brasileira), o filme atinge ainda o grau máximo nessa especialidade Disney que é animação dos movimentos animais. O resultado é que crianças e crianções de todos os tipos e idades podem assistir *Mogli* dez, quinze, vinte vezes seguidas sem perder uma fração sequer do prazer absoluto que é seguir as aventuras do menino-lobo pela luxuriante e divertidíssima selva indiana, criada em acetato e celulóide por estes gênios da animação.

José Augusto Lemos

The Jungle Book, EUA, 1967 ■ DIREÇÃO: Wolfgang Reitherman ■ DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO: Milt Kahl, Ollie Johnston, Frank Thomas e John Lounsberry ■ ANIMADORES DE PERSONAGENS: Hal King, Eric Cleworth, Eric Larson, Fred Hellmich, Walt Stanchfield, John Ewing e Dick Lucas ■ CANÇÕES: Robert B. Sherman e Richard M. Sherman, exceto "The Bare Necessities" (Terry Gilkyson) ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Buena Vista ■ DURAÇÃO: 78 min.

A LOUCA, LOUCA HISTÓRIA DE ROBIN HOOD

Mel Brooks, criador de comédias geniais, perde a direção ao satirizar o filme de Costner

Não dá para acreditar que Mel Brooks tenha desaprendido a fazer comédia. Uma pessoa não faz preciosidades geniais como *O Jovem Frankenstein*, *Banzé no Oeste*, *A História do Mundo Parte 1* e *Primavera para Hitler* por acaso. São exemplos do melhor da comédia americana no cinema e mantêm-se rigorosamente hilariantes até os dias de hoje. O que deu errado, então, com o novo *Robin Hood – Men in Tights*? (no Brasil *A Louca, Louca História de Robin Hood*), uma comédia que não provoca risos, isso se você já não tiver saído do cinema lá pelos primeiros 20 minutos de exibição.

O conceito é engraçado: uma paródia não exatamente da história clássica do Robin Hood, mas uma gozação específica com a versão mais recente, estrelada por Kevin "Que Sotaque Inglês Mais Desigual" Costner. Alguns elementos são classicamente Brooks – os Rappers de Nottingham, o próprio diretor aparecendo de Rabino, o jogo de palavras (Isaac Hayes é um magnata mouro chamado Asneeze – Um Espirro – e tem um filho chamado Ahchoo – Atchim), a comédia física da narrativa. Mas em todas as cenas parece estar faltando algum ingrediente, ou algo parece estar fora de lugar, mesmo as assinaturas, por assim dizer, do diretor.

O elenco de segunda é um problema visível. O canastrão Cary Elwes não é bom ator nem aqui nem na China, muito menos comediante. Tê-lo como Robin Hood numa comédia, só mesmo por causa de seu bom sotaque inglês. O chato de galochas Richard Lewis (Príncipe John) já torrou a paciência até mesmo de seus fãs fervorosos. Bom ator, mesmo, só Roger Rees, o igualmente diabólico e disléxico Xerife de Nottingham.

J. E. R.

Robin Hood – Men in Tights, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Mel Brooks ■ ROTEIRO: Mel Brooks, J. David Shapiro e Evan Chandler, a partir da história de Shapiro ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Roy Forge Smith ■ FIGURINO: Dodie Shepard ■ MÚSICA: Hummie Mann ■ Com Cary Elwes, Richard Lewis, Roger Rees, Amy Yasbeck, Tracey Ullman ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 102 min.

Look Filmes

Tsilla Chelton como Tia Danielle: revelação arrasadora

PERVERSA E PERIGOSA – TIA DANIELLE

Protagonista idosa, malvada e inflexível conquista por ser incorreta e humana

A 17ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, realizada em outubro do ano passado, revelou uma grande atriz, a francesa Tsilla Chelton. Atriz principalmente dos palcos parisienses, ela é totalmente desconhecida entre os brasileiros, tendo atuado em poucos filmes sob a direção de nomes como Claude Chabrol e Yves Robert. Tsilla é a protagonista de *Perversa e Perigosa – Tia Danielle*, comédia agridoce, amarga, negra e sádica que agradou ao público paulistano, que o elegeu entre os preferidos da última Mostra. Chelton arrasa como uma velhinha que, sentada e calada, parece a avó que todos sonham ter. Ela, porém, é o tipo que belisca o neto, rouba o próprio dinheiro para acusar terceiros e que também tranca velhinhas em banheiros de asilo.

A riqueza do filme, co-escrito pelo diretor Etienne Chatiliez (cuja estréia, *A Vida É um Longo Rio Tranqüilo/La Vie Est un Long Fleuve Tranquille*, de 1988, obteve quatro César e só foi exibida no Brasil em circuito alternativo), está em não transformar Danielle Billard em uma tia vilã, malévola. Ao contrário, é simplesmente perversa pelo caráter, como fachada fria e arredia de uma pessoa triste e solitária. A interpretação rica em filigranas de Chelton transforma sua personagem em uma figura instigante, incomum no imaginário cinematográfico atual por ser ao mesmo tempo moralmente incorreta e humanamente real. Esse é o grande motivo pelo qual *Perversa e Perigosa* é uma delícia de ser assistido. Mesmo deixando o espectador com uma insustentável sensação de raiva.

Ch. P.

Tatie Danielle, França, 1990 ■ DIREÇÃO: Etienne Chatiliez ■ ROTEIRO: Florence Quentin e Etienne Chatiliez ■ FOTOGRAFIA: Philippe Welt ■ MÚSICA: Gabriel Yared ■ Com Tsilla Chelton, Catherine Jacob, Isabelle Nanty, Eric Prat ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 110 min.

Columbia TriStar

Cary Elwes não emplaca como Robin Hood e deixa a platéia com vontade de chorar de raiva

Nós LIGAMOS para você

VÍDEO LOCADORA, distantes, iniciantes, Pequenas, tal como as Grandes, merecem nossa atenção.

Nós LIGAMOS para você Recorte a Carta, sele e coloque-a no Correio.

Nosso Serviço de Assitência a VIDEO LOCADORA, fará contato telefônico.

Sua VÍDEO LOCADORA, poderá desfrutar de :

Fitas novas e usadas com o melhor preço do mercado

- **Compras sem o famoso pacote.**
- **Material Promocional.**
- **Acessórios.**
- **Facilidade para abertura de crédito.**
- **Cadastro, direto com uma das maiores REVENDAS de VÍDEO.**
- **Entregamos em todo o Brasil - via sedex.**

TOP LINE 298.84.58

NOVA

R. DUARTE DE AZEVEDO 284 1' ANDAR - SÃO PAULO - SP.
- CENTRO EMPRESARIAL SANTANA -
CEP : 02036-021 **TELS: (011) 267.5566 / 290.3856 / 267.5271 FAX: (011) 290.7678.**
ESTACIONAMENTO GRÁTIS E ASSEGURADO - Próximo ao Metrô Santana.

DOBRE AQUI

SELAR

À

NOVA

R. Duarte de Azevedo 284 1' Andar

Santana

São Paulo - SP

CEP : 0 2 0 3 6 - 0 2 1

DOBRE AQUI

REMETENTE

Razão Social : _____

Endereço : _____

Cidade : _____ Estado : _____

Fone : ( ) _____ Fax : ( ) _____

Pessoa para Contato : _____

Cargo : _____

CEP : _____ - _____

COLAR AQUI

Columbia Buena Vista

O CONTO DE NATAL DOS MUPPETS

(The Muppet Christmas Carol, EUA, 1993) Direção: Brian Henson. Com Michael Caine, Steven Mackintosh, Meredith Braun, Raymond Coulthard. Columbia Buena Vista.

Adaptação do clássico de Charles Dickens sobre a transformação do avarento sr. Scrooge, que não gosta do Natal. Neste musical de Brian Henson, o sr. Scrooge é Michael Caine, que vai aprender umas boas lições com os impagáveis Muppets, que inclui o sapo Caco e a porquinha Piggy. Este é o quarto longa-metragem com os bonecos e dá continuidade ao trabalho do designer de marionetes, produtor e diretor Jim Henson (pai de Brian), que criou os Muppets há mais de 35 anos. *D.P.*

FREE WILLY

(EUA, 1993) Direção: Simon Wincer. Com Jason James Richter, Lori Petty, Jayne Atkinson, August Schellenberg. Warner.

Free Willy é um desses filmes que não podem dar errado, apesar da história simplezinha e dos 70 milhões de dólares arrecadados no verão americano de 93. Um menininho simpático se apaixona por uma baleia assassina. O gigantesco mamífero está triste porque um homem malvado o deixou preso numa piscina. O garoto vai lá e solta a baleia, que fica feliz da vida. Moral da história: aprendemos que preservar a Natureza é muito importante. *A.B.*

ADEUS MINHA CONCUBINA

(Bawang Bie Ji, China/Hong Kong, 1993) Direção: Chen Kaige. Com Leslie Cheung, Zhang Fengyi, Gong Li. Look Filmes.

Chen Kaige, um dos maiores diretores da chamada Quinta Geração do cinema chinês, fez com *Adeus Minha Concubina* um de seus filmes mais ambiciosos, adaptado do romance homônimo de Lilian Lee (que também assina o roteiro). A história oferece um panorama rico e denso da realidade político-cultural da China durante cinco décadas através do triângulo amoroso de um cantor de ópera, seu companheiro de palco e uma prostituta. *Ch.P.*

A INCRÍVEL JORNADA

(Homeward Bound: the Incredible Journey, EUA, 1993) Direção: Duwayne Dunhan. Com Don Alder, Ed Bernard, Kevin Chevalia, Ted D'Arms. Columbia Buena Vista.

Refilmagem da mesma história realizada também pela Disney em 1963, em que três animais domésticos, dois cães e um gato, se separam de suas famílias humanas e embarcam numa extraordinária jornada ao tentar voltar para casa. Na mesma linha das aventuras do cãozinho Benji, com a diferença de que os pensamentos dos três animais são transcritos para a linguagem dos homens. *D.P.*

OS TRÊS MOSQUETEIROS

(The Three Musketeers, EUA, 1993) Direção: Steven Herek. Com Kiefer Sutherland, Charlie Sheen, Chris O'Donnell, Oliver Platt, Rebecca De Mornay. Columbia TriStar.

Já faz quase vinte anos que *Os Três Mosqueteiros* foi filmado pela última vez – tempo suficiente para uma nova geração remodelar este conto. Agora nos anos 90 chega a vez da versão dos estúdios Disney da história clássica de Alexandre Dumas, em que o sombrio picaresco do romance foi transformado numa festança animada, em que os bons são bons e os maus são maus. Apenas a premissa básica permanece a mesma: o jovem fazendeiro D'Artagnan (Chris O'Donnell) entra para os mosqueteiros. *R.A.*

BOLSA DE CINEMA

O cinema chinês comprova a sua excelente fase e fica com os dois primeiros lugares

	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Luciano Trigo O Globo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Rubens Ewald Filho Jornal da Tarde	Cristiane Couto MTV	Cleber Eduardo Diário Popular	Antonio Querino Neto tribo E	Christian Petermann SET	Média
Adeus Minha Concubina (Look)	10	9	7	8	10	10	8	8	8	8.7
O Banquete de Casamento (Flashstar)	9	8	9	7	10	8	8	9	8	8.4
Parente é Serpente (Look)	9	8	7	–	9	7	7	7	–	7.7
Olivier, Olivier (Flashstar)	9	5	7	7	8	8	8	7	7	7.3
A Família Addams 2 (UIP)	9	7	–	–	7	7	5	8	7	7.1
Despertar de um Homem (Top Tape)	8	5	7	4	4	8	6	7	6	6.1
Escrito nas Estrelas (Flashstar)	8	3	7	4	5	6	6	5	5	5.4
O Demolidor (Warner)	–	6	5	3	5	7	6	6	5	5.4
As Amantes (PlayArte)	–	6	–	5	2	6	2	–	4	4.2
Por Amor ou por Dinheiro (UIP)	5	–	–	5	0	–	4	5	3	3.7

A NOVA MANIA NACIONAL.

Euromeeting Int. Europrint 1993 © Nº Cert. Aut. R.F. 01/00/17593

JÁ GANHOU SEU PRÊMIO?

Ter um cartão SUPERTESOURO e não conferir é a mesma coisa que ganhar um carro importado ou muitos outros prêmios e não saber. Cadê o seu cartão? Você se lembra onde guardou, não é? Então entre na onda das pessoas que já estão ganhando em todo o Brasil. Tenha o cartão sempre com você. E fique ligado toda semana nos Painéis da revista *Contigo!* Não perca nenhuma edição. Concorra para ganhar.

SUPERTESOURO
REVISTA contigo!

Toda semana na revista *Contigo!* NAS BANCAS

Para obter mais informações sobre o cartão e a promoção, ligue para: (011) 853-0086, (011) 852-4821 e (011) 883-4621. Os Painéis também serão divulgados na sede da Ed. Azul (SP e RJ).

EDITORA AZUL

PROSDOCIMO A QUALIDADE QUE A VIDA MERECE · mazda · SANYO · PCI · COUGAR · SUNAR · SEIKO · PROVIDENCE PREVER · SINGER
DAKO · DYNACOM · ARNO · PLAYBOY · PHYTOERVAS · YASHICA · PEONY · Top Premium · BOUQUET
APOIO

LASERDISC

MAGIA DE OZ DUPLICADA

THE ULTIMATE OZ
(1993, MGM/UA, 3 laserdiscs, US$ 99,98)

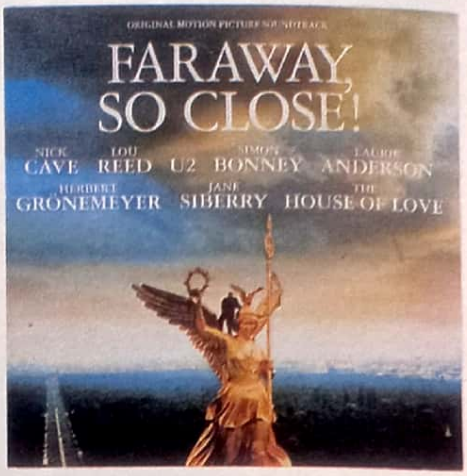
Se você é fã de *O Mágico de Oz* e tem um videolaser em casa, não pode deixar de comprar esta caixa superespecial lançada nos Estados Unidos em novembro de 1993. Se você tem um aparelho de televisão com uma tela de, digamos, mais de 28 polegadas, vai se deliciar ainda mais com as aventuras da pequena Dorothy. Por que? Porque este clássico de 1939 foi totalmente remasterizado através de um processo 3-D de clareza de imagem. É pouco? Então, preste atenção: a caixa contém um especial de uma hora, realizado pela rede de TV CBS em 1990, contando como o filme foi feito, intitulado *The Wonderful Wizard of Oz: The Making Of a Movie Classic*. Quer mais? Este especial tem ainda um script com as músicas e os diálogos que foram cortados da versão final. Além de tudo isso, suplementos da edição comemorativa de 60 anos lançada em 1989, como uma das danças do Espantalho que foi cortada no número de "If I Only Had a Brain". E também: testes fotográficos de figurinos, sketches de cenário, efeitos especiais e tomadas nos sets de filmagens. Bem, se você não se empolgou com *The Ultimate Oz*, pense pelo menos nos seus filhos; eles vão se divertir a valer.

MGM

EQUIPAMENTOS

O FUTURO À VENDA

A última palavra em imagem se chama CD-I; isso mesmo, a imagem de um filme digitalizada num compact disc. Até há bem pouco tempo as pessoas se perguntavam se isso seria possível (afinal, nem mesmo no CD musical acreditavam...), mas 1993 marcou o avanço tecnológico neste sentido. A Philips lançou nos Estados Unidos no final do ano passado o CD-I 220, o hardware do compact disc interactive. Como era de se esperar, os primeiros softwares, ou discos de 5 polegadas, têm objetivo educacional e de entretenimento, como por exemplo jogar games, consultar enciclopédias ou conhecer os museus mais famosos sem sair de casa. Parece um CD-ROM? Parece, mas tem uma vantagem: pode-se assistir aos chamados Full Motion Video (ou FMV), que permite adicionar 74 minutos de imagens digitais e trilha sonora a mais do que nos laserdiscs convencionais, que por enquanto estão ganhando no aspecto qualidade de imagem. Mas por enquanto, porque a tecnologia do CD-i ainda está "engatinhando". O primeiro contrato firmado pela Philips para lançamento de filmes em CD-I foi feito com a Paramount Pictures, a qual cedeu inicialmente cinqüenta títulos. *Ases Indomáveis, Corra que a Polícia Vem Aí 2 1/2, Proposta Indecente, Jogos Patrióticos e Quanto Mais Idiota Melhor* fazem parte do primeiro pacote a chegar nas lojas dos Estados Unidos.



TRILHA SONORA

TRADUZINDO A BERLIM DE WENDERS

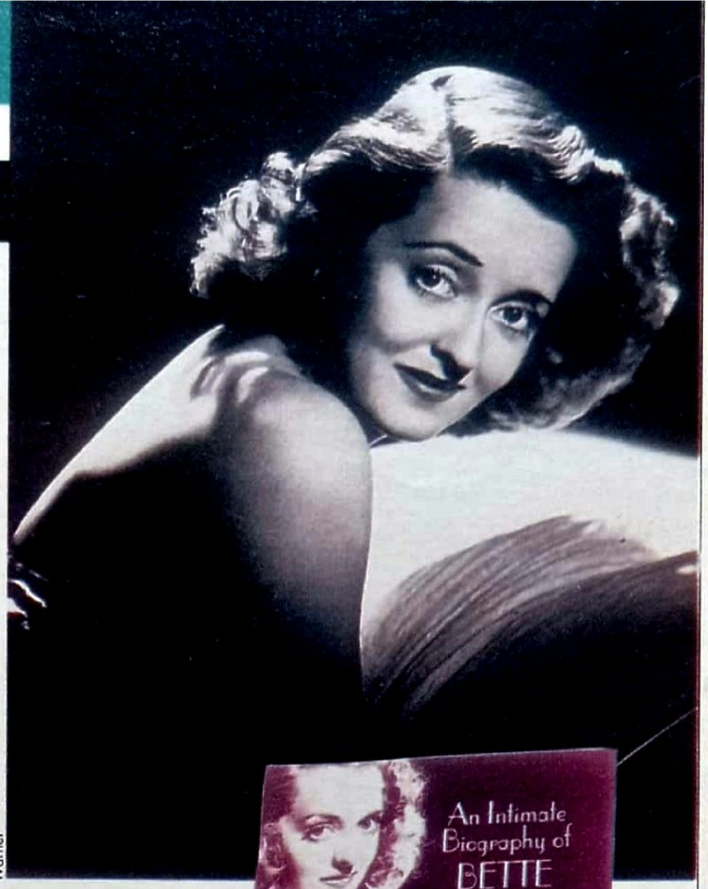
FARAWAY, SO CLOSE!
(1993, EMI/Electrola)

Os três últimos filmes de Wim Wenders contaram com trilhas sonoras muito particulares, em especial *Até o Fim do Mundo*, que reuniu um grande número de artistas pop com composições originais. Já a de *Faraway, So Close!*, que chega antes do próprio filme, mantém a coerência e é uma espécie de continuação da trilha de *Asas do Desejo* (inédita por aqui), pois o filme também se declara como tal. Não surpreende, mas agradará aos fãs do estilo e som tipo Wenders. Há duas canções do colaborador habitual Nick Cave, a faixa-título e a belíssima "Cassiel's Song", tema para um dos anjos do diretor, assim como duas composições inéditas de Laurie Anderson. Egressos da trilha de *Até o Fim do Mundo*, Lou Reed comparece com a típica "Why Can't I Be Good", enquanto U2 cede dois temas presentes em *Zooropa*, "Stay" e "The Wanderer", com um inesperado vocal de Johnny Cash. Na parte pop, destaque ainda para um dos mais veteranos roqueiros alemães, Herbert Grönemeyer, com a massa sonora disforme de "Chaos", e para a sonoridade meio 4AD de Jane Siberry ("Slow Tango"). A trilha instrumental de Laurent Petitgand desenvolve temas novos a partir de cromatismos sonoros remanescentes de seu trabalho para *Asas do Desejo*. Com títulos tão sintéticos quanto "Vitória", "Anjo" e "Pessoa", Petitgand traduz em partituras densas, sombrias, porém simples, o universo entristecido da Berlim registrada por Wenders.

Christian Petermann

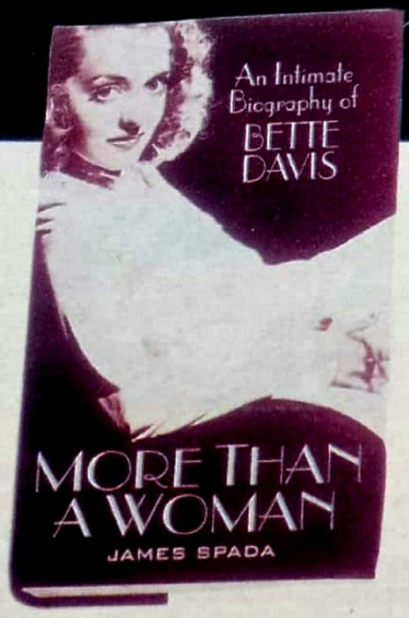
A DEFINITIVA BETTE DAVIS

MORE THAN A WOMAN – AN INTIMATE BIOGRAPHY OF BETTE DAVIS
(de James Spada, ed. Little Brown/Inglaterra)



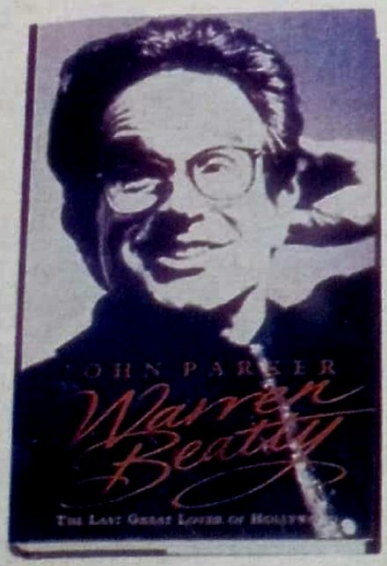
Warner

Há inúmeras biografias e filmes que celebram a vida da Rainha de Hollywood, Bette Davis (falecida aos 81 anos em 1989), mas esta última está sendo chamada de "a definitiva". Em homenagem à grande atriz, Spada, que já publicou a biografia de Grace Kelly, não se deteve em escândalos e nem procurou, como normalmente se faz, entrar em detalhes sobre a vida sexual de Davis. No entanto, incluiu mais de 150 entrevistas com pessoas que tinham alguma coisa a dizer sobre ela. Os cinco primeiros capítulos abordam sua infância, seus estudos e o início da carreira no teatro. É aí que o autor tenta explicar como o impacto psicológico do divórcio dos pais, quando ela tinha 10 anos, e tanto a indiferença do pai quanto o péssimo relacionamento entre Davis e a mãe contribuíram para formar personalidade tão controvertida. No mais, James Spada faz uma exaustiva pesquisa sobre a carreira de Bette Davis.



O MAIOR DOS AMANTES

WARREN BEATTY: THE LAST GREAT LOVER OF HOLLYWOOD
(de John Parker, ed. Headline/Inglaterra)



O biógrafo John Parker começa a dissecar a vida do Casanova da modernidade, Warren Beatty, com uma série de depoimentos de mulheres que dormiram, trabalharam ou observaram o atual marido de Annette Bening. É lógico que o livro não fica só nisso. Todos os dados biográficos estão presentes, mas é óbvio que o mais interessante sobre o irmão de Shirley McLaine é exatamente o que ele fez sob os lençóis, e seu resultado subseqüente – como por exemplo os divórcios de Natalie Wood e Robert Wagner e de Leslie Caron e Peter Hall, depois que elas se apaixonaram pelos dotes do amante. Das declarações das ex sobre Warren Beatty, merece figurar aqui a de Britt Ekland: "Ele era o mais divino dos amantes, sua libido era como um gás letal".

GRANDE PROMOÇÃO

ONDE ESTÁ ELIZABETH?

Veja Aqui Quem Achou Elizabeth E Ganhou Uma Fita De Vídeo.

Andréa Carla Cavalcanti - São Paulo - SP • Andrezza M.L. Silva - Fortaleza - CE • Aneliza V. Medeiros - Vitória - ES • Carlos Alberto E. Borba - São Paulo - SP • Cícero Augusto F. Morais - Florianópolis - SC • Cíntia Fornazari Ridolpho - São Paulo - SP • Eduardo Serson - São Paulo - SP • Fábio Abreu - São Paulo - SP • Francisco Xavier P. Pádua - Londrina - PR • Frederico Suttsmann - Porto Alegre - RS • Janaína Euclides M. Santos - Teresina - PI • João Antônio P. Souza - São Luís - MA • José Antônio C.P. Agostein - Goiânia - GO • Luís Antônio Gregório - São Paulo - SP • Maria Carmo Cavada - Caxias do Sul - RS • Regina Caramori - São Paulo - SP • Sandra Regina Petracca da Graça - São Paulo - SP • Sebastião M. Custódio - Uberlândia - MG • Sílvio Batista Rosa - São Paulo - SP • Sílvio Kleber Pacheco - São Paulo - SP

Os vencedores residentes em São Paulo - SP deverão retirar seus prêmios na sede da Editora Azul (Av. das Nações Unidas, 5777 - Alto de Pinheiros). Os demais vencedores, residentes em outras localidades, receberão seus prêmios pelo correio.

SET CINEMA E VÍDEO

SATO CO., LTD.

Herói Nacional

Seria impossível contar a história do cinema brasileiro sem este artista completo, do teatro às chanchadas da Atlântida, passando por Mário de Andrade e Orson Welles

Pequeno, imenso, tumultuado, inteligente, sensível, Grande Otelo, ou Sebastião Bernardes de Souza Prata, alegrou o Brasil por mais de 60 anos. Mais do que isso, enriqueceu a cultura brasileira com a sua capacidade histriônica de representar, saltando com a mesma grandeza da comédia à tragédia. Otelo era único, absolutamente único. Arrancou e deu à vida tudo o que pôde. Devia viver pelo menos 100 anos, foi embora com 78, tão inteiro, sempre defendendo o cinema, o teatro, a cultura brasileira, brigando por ela e encarnando-a melhor do que ninguém. Morreu do coração – que ele tanto usou – quando desembarcava em Paris para receber um prêmio no 15º Festival dos Três Continentes, em Nantes, em 26 de novembro de 1993. Estava muito feliz: o moleque negrinho reconhecido pelo mundo. Sua Alteza, nosso Grande Otelo. Foi embora como viveu, explodindo.

Mineiro de Uberlândia, Sebastião Prata desabou no mundo a 15 de outubro de 1915. As molecagens do menino começaram cedo. Foi tomado de paixão – e identificação – pelo filme *O Garoto*, de Charles Chaplin. Foi aí, dizia, que decidiu que quando crescesse seria ator. Aos nove anos, fugiu de casa e saiu pelo Brasil afora como apresentador da Companhia Negra de Revista. Na volta, foi adotado por uma família de São Paulo, cujo filho se encantou pelo menino tão especial. O episódio da adoção chegou a ser contado, segundo Otelo, no primeiro filme de ficção que o ator fez na Atlântida, *Moleque Tião*, de 1943. "O Alinor Azevedo escreveu o roteiro especialmente para mim. Mas o *Moleque Tião* não é a minha vida. Só tem uma cena da minha vida real: a que estou no juizado de menores e vem uma senhora buscar uma menina para ajudar na cozinha. O juiz dizia a ela que havia lá um menino que sabia recitar e era muito inteligente, que era uma caridade se ela o levasse. Nesse momento, ela ouve o filho mais novo, que pede: 'Mamãe, leva ele para mim brincar.' Esta cena foi real, aconteceu em São Paulo, eu contei para o Alinor e ele encaixou no script."

Moleque Tião, filme da fase séria da Atlântida, que precedeu as chanchadas (e se perdeu num incêndio), não foi porém o primeiro trabalho de Otelo no cinema. Ele começou na Cinédia, em 1935, com *Noites Cariocas*, e antes (e durante) do cinema houve o teatro de revista e o Cassino da Urca, no Rio de Janeiro, onde se apresentavam alguns dos principais nomes da vida artística, como por exemplo, Carmen Miranda. Um nome fundamental da trajetória do sempre inquieto Sebastião Prata foi o ator Jardel Jércolis, a quem conheceu em 1932, quando trabalhava numa rádio em São Paulo. Jardel excursionava pela cidade com uma companhia de teatro, interessou-se pelo seu trabalho e levou-o para o Rio. Uma versão, entre outras, atribui a Jardel a origem do apelido de Grande Otelo. Ele teria lançado Sebastião cantando em inglês e batizou-o "The Great Othelo", abrindo-lhe as portas da fama, inclusive do Cassino da Urca.

Na Cinédia, Otelo participaria de sete filmes. Seu primeiro papel de destaque no cinema foi em *João Ninguém*, filme perdido de Mesquitinha, de 1937, até ser descoberto em 1942 por Orson Welles, que o contratou para atuar em *It's All True*, obra inacabada do grande diretor americano. Welles também encantou-se com nosso pequeno gênio, reconhecendo-lhe todos os méritos. Segundo o próprio Otelo, tomaram muita cachaça juntos. O ator faria ainda outros filmes dramáticos da Atlântida, como *Também Somos Irmãos* ("pe-la primeira vez, se colocou o dedo na ferida brasileira, isto é, o preconceito racial", assinalou Otelo), até constituir uma dupla impagável e inigualável com o cômico Oscarito, "a dupla do barulho", como era chamada, que foi inclusive título de uma chanchada da Atlântida, de 1953.

Sobre sua associação com Oscarito, Otelo lembrava: "Nós combinávamos maravi-lhosamente bem, até mesmo sem ensaiar. Durante uma filmagem, ele se lembrava de alguma coisa e fazia, e eu o acompanhava." Os dois levavam multidões ao cinema, era sucesso garantido. Otelo, no entanto, funcionava de certa maneira como "uma escada" para Oscarito, embora seu talento no mínimo fosse equivalente ao do genial cômico. Por que "escada"? Otelo reconhecia a situação e chegou mesmo a ensaiar uma explicação para ela: "No fundo, eu era. Mas agüentava, porque era um ganha-pão como outro qualquer. Então me tornei coadjuvante privilegiado – um pouco porque eu tinha o meu talento, e também o Oscarito facilitava a minha situação". Segundo Otelo, ele seria "escada" ainda em outras duas duplas cômicas posteriores, com Ankito e com Golias. "Eu sempre fui escada, a não ser em *Moleque Tião*. Por que isso? Não sei, talvez seja da própria condição social do negro no Brasil. Ele é sempre escada". A consciência dessa condição o ator sempre deixou clara. E batalhou para revertê-la.

O Globo

Grande Otelo e Oscarito em *A Dupla do Barulho* (1953) e, ao lado, o ator travestido de mulher na peça *Jantou o Marido e Dormiu com o Leitão*. Abaixo, com Dina Sfat em *Macunaíma* (1969) e na página oposta em *Quilombo* (1984)

Das chanchadas da Atlântida, o momento talvez mais memorável, e sempre lembrado em qualquer panorama do cinema brasileiro, foi a seqüência que Otelo e Oscarito desempenharam juntos como Romeu e Julieta (Otelo), em *Carnaval no Fogo* (1950), de Watson Macedo. O ator fez esta cena depois de que sua primeira mulher se suicidou após matar o filho. Ele trabalhou o dia inteiro no teatro (na Companhia Walter Pinto) em São Paulo, viajou para o Rio à noite, tomou um calmante para dormir e uma bagaceira ao acordar, antes de ir para o estúdio filmar. "Passei muito tempo sem assistir esse filme", ele lembrava triste, "porque achava que a bebedeira batia na tela." Não batia. Otelo estava genial.

Ao interpretar um sambista de morro que vende suas composições para sobreviver em *Rio, Zona Norte*, de Nelson Pereira dos Santos, em 1957, Otelo fez o seu primeiro grande papel dramático no novo cinema (o futuro Cinema Novo) que despontava no Brasil. Há momentos de atuação belíssimos no filme, como quando o ator pede a Ângela Maria para interpretar um samba seu. E, claro, entre os muitos filmes que viriam depois, o grande destaque ficou mesmo por conta do fantástico *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade. Quem melhor poderia encarnar o herói brasileiro por excelência, criado por Mário de Andrade?

"Eu sempre fui muito levado", dizia Otelo. E foi mesmo. Fez de tudo muito, inclusive beber. Suas estrepolias às vezes causavam problemas nas filmagens – "Deixava as seqüências no meio, era uma loucura", revelou Carlos Manga, que o dirigiu diversas vezes na Atlântida. Mas nem por isso alguém queria abrir mão dele. "Um talento daquele...", ponderou Manga. Mas suas estrepolias, talvez, tumultuassem a sua própria vida, que ele levava ao extremo dos limites. Confusões, casamentos caóticos – como o que terminou, em 1987, numa facada (que ele recebeu) de Joséphine Helène. Porque Otelo era sensibilidade pura. Lindo ser humano, dez, mil vezes maior que seu pequeno corpo. À essa altura, deve estar lá no céu, fazendo o maior fuzuê.

Helena Salem

Bom Novembro

Excelente! É o mínimo que se pode dizer sobre SET nº 11, ano 7. Uma grande variedade de matérias (ótimas as entrevistas com Malle, Frears e principalmente com Scorsese), e o que mais chamou a atenção foi a sensível melhora na qualidade das resenhas dos filmes. Parece que a avalanche de protestos que enviamos surtiu efeito. As críticas perderam aquele ar "rançoso", pretensioso e "engraçadinho" que vinha marcando a revista.
Edson Paulo de Paiva
(Rio Pomba – MG)

Sendo cinéfilo, videomaníaco e assinante da revista SET, não poderia deixar de parabenizá-los pela excelente SET de novembro de 1993. Ela está perfeita em todos os sentidos, sem dúvida agradando a gregos e troianos. As entrevistas com Scorsese e Jim Abrahams estão ótimas, sem esquecer de elogiar a estupenda matéria sobre o filme *O Alvo* de John Woo, comentado por Deborah Peleias. Aproveito para dizer que gostaria de me corresponder com pessoas que amem o cinema.
Mauro Mackendanz de Campos
(Pelotas – RS)
Rua Otávio Peixoto, 462
CEP 96040-770

Aproveito para parabenizar SET pela ótima edição nº 11, ano 7, que traz ótimas entrevistas com os grandes diretores Stephen Frears, Louis Malle, John Woo, Martin Scorsese e Jim Abrahams. Parabéns a toda equipe de SET, que está nota dez!
Daniel da S. Pinheiro
(Rio de Janeiro – RJ)

Parece que vocês procuraram pretextos para não fazer uma matéria de capa com Sylvester Stalone e seu "blockbuster" *O Demolidor*. Em vez disso somos brindados, na edição nº 11, ano 7, com cálices de cristal fino cheios de garapa, pelo filmeco *O Alvo*, com o ambicioso Van Dame e suas "giratórias" super/ultra/manjadas e vomitadas. John Woo? Quem disse que câmera lenta dá realismo a um filme? Ele não tem a tarimba de um Cameron, McTiernan, Harlin, Davis, Donner, para gerar cenas de ação quase alucinantes.
Francisco T. de Oliveira
(Maceió – AL)

Ao que parece, os redatores de SET (nº 11, ano 7) andam com bastante tempo disponível. Afinal, gastar várias horas assistindo todos os filmes da série *Sexta-feira 13*, dando-se ao luxo de contar quantas pessoas foram mortas por Jason, quantos cadáveres foram encontrados em armários ou pendurados no teto, quantas vítimas sonham com Jason etc., é uma das maiores perdas de tempo da história da revista. Aproveito para sugerir que nas próximas edições os editores e redatores gastem seu tempo assistindo aos filmes comentados em *Videolançamentos*. Assistindo, quem sabe, a cópia em vídeo de *As Melhores Intenções*, de Bille August (comentado na mesma edição), porque, ao que tudo indica, o crítico assistiu apenas à cópia distribuída nos cinemas, já que nenhuma menção faz ao inexplicável fato de a cópia em vídeo ter vários cortes que diminuem sensivelmente (em mais de 20 minutos) a duração do filme. Gostaria de um esclarecimento da SET a respeito.
Luiz Felipe Klein Varella
(Porto Alegre – RS)

Christian Petermann responde: realmente baseei-me na cópia de cinema para fazer a crítica, pois na época do fechamento da citada edição a distribuidora ainda não tinha, pelo menos, uma cópia de serviço à disposição. Mas, a Redação agradece ao seu alerta para que outros leitores saibam deste corte feito pela Europa Vídeo.

A primeira reação que tive ao ler a edição de novembro de SET foi a vontade de escrever, parabenizando-os pelo excelente trabalho realizado. Vocês desta vez superaram – a edição saiu melhor do que a de janeiro e a de julho –, formando com estas duas o trio de ouro de 1993. Críticas mais sóbrias que de costume, mais informações por linha de texto, enfoques mais interessantes e aquela capa de um extremo bom gosto visual (e olhem que eu sou do time daqueles que "torcem o nariz" para Van Damme). Para começar, achei interessante a idéia de falar dos festivais na seção *Takes*, dando uma abordagem mais geral e menos prolixa. As entrevistas com Stephen Frears e Louis Malle, embora pequenas, mantiveram o alto nível. Mas vocês arrasaram mesmo foi na entrevista com o Scorsese. Que primor de clareza, de inteligência! Que os céus abençoem o José Emilio Rondeau por este presente! E abençoem também ao próprio Scorsese, que deu um banho de cinema nos leitores fanáticos. E eu não poderia deixar de agradecer ao crítico Adilson Laranjeira pela excelente resenha de *Gigi*, outra orgia de informações imprescindíveis e deliciosas.
Fábio Said
(Salvador – BA)

Leio a Revista SET todos os meses e gostaria de parabenizá-los sobre a reportagem do mais novo filme de Jean-Claude Van Damme, *O Alvo*. Gostaria de saber quando a CIC Vídeo vai lançá-lo em vídeo com a versão original (sem cortes). Aproveitando a oportunidade, pergunto se alguma distribuidora brasileira pretende lançar os filmes anteriores do diretor John Woo em vídeo, como por exemplo *The Killer*.
Fabrício Venâncio Tavares
(Conselheiro Albuquerque – MG)

Sobre o lançamento de O Alvo, *não há ainda uma data fechada pela CIC Vídeo, só que pretendem lançar ainda neste primeiro semestre. Sobre os filmes de John Woo, há algumas distribuidoras tentando negociar os direitos dos filmes, mas não há nada definido por enquanto.*

A edição de SET nº 11, ano 7, estava ótima, principalmente a entrevista com Martin Scorsese. Mas algumas falhas de redação na revista me deixaram aborrecido: 1) Na seção *Takes*, na nota "Atores na Direção" consta que "As inscrições mais recentes na direção são quatro nomes conhecidos, entre eles, uma lenda viva do cinema e a atual maior bilheteria do mundo". Pelo que consta nesta mesma SET, a maior bilheteria do mundo pertence a Spielberg. 2) Na mesma seção, sobre as "Uniões Milionárias", diz que foram gastos 700 milhões de dólares na festa de casamento de Renny Harlin e Geena Davis. Por acaso o casório foi realizado no Jurassic Park? 3) O filme *Os Saqueadores*, de Walter Hill, foi exibido no Cine Glauber Rocha, aqui na Bahia.
Getro Santa Rosa Guimarães
(Salvador – BA)

Getro: 1) No caso dos atores que estream na direção, o texto pode ter dado uma leitura dúbia, mas no caso da "maior bilheteria do mundo", leia-se não diretor mas ator, no caso Tom Cruise; 2) Sobre os casamentos milionários, realmente foi um engano terrível, a festa de casamento de Geena Davis e Renny Harlin custou 700 mil dólares; 3) A errata sobre Os Saqueadores *foi registrada na edição de dezembro/93.*

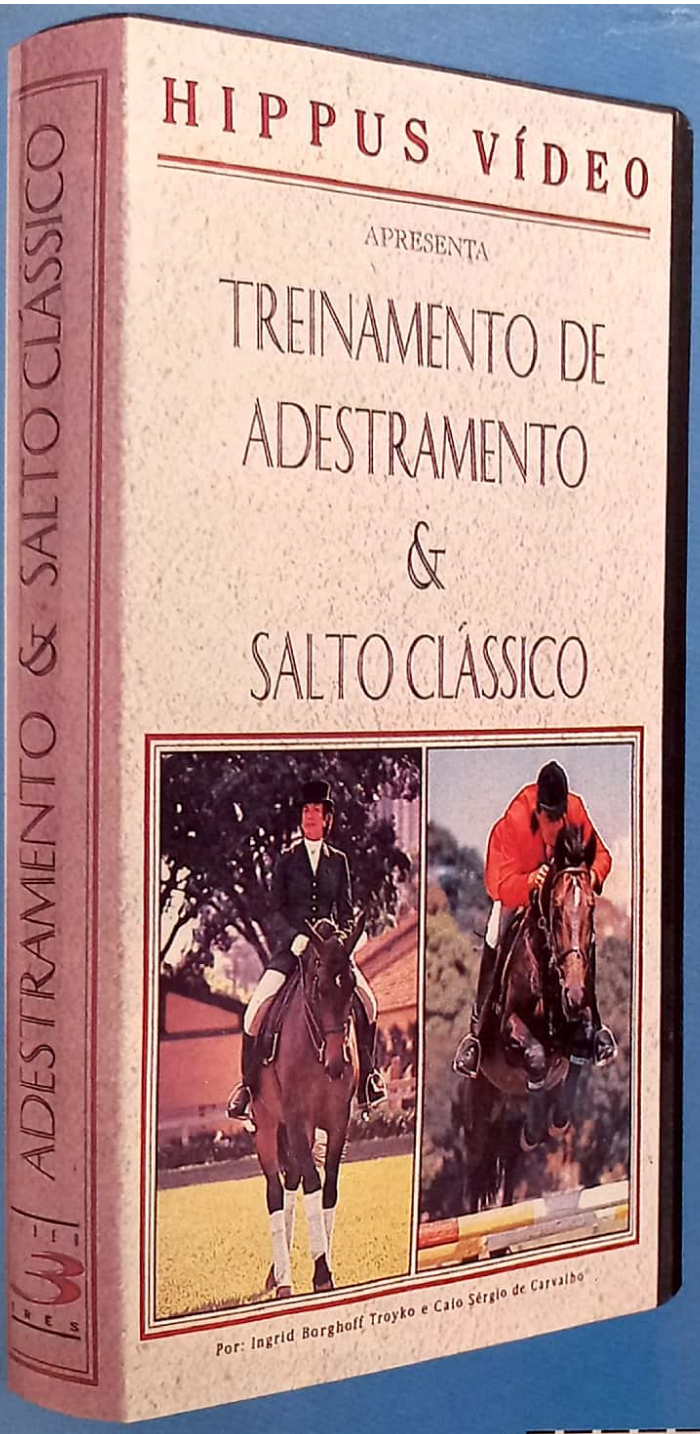
Circuito Alternativo

Quando me desloquei para São Paulo a fim de assistir a 17ª Mostra Internacional de Cinema (que estava esplêndida) uma coisa me intrigou: 90% dos filmes estavam com legenda em língua estrangeira (por isso foi acusada de elitista), e me fez abrir os olhos – poucos filmes do evento estarão sendo exibidos comercialmente no país. Pérolas como *Nu , Lakki-O Menino que Podia Voar, Os Filhos da Natureza, As Mulheres do Lago das Almas Perfumadas, Hotel de Luxo, Toxic Affair , O Pequeno Apocalipse*, entre outros, estão condenados. Apelo às distribuidoras independentes (Look, Initial Brasil, Filmes do Estação, Art Filmes, Top Tape, PlayArte) que olhem com carinho e atenção a essa "castração" cultural, pois certamente se distribuídos se tornarão um sucesso. Aproveito a oportunidade para perguntar se *Even Cowgirls Get the Blues* será distribuído, que empresa é provável lançamento.
Luiz Gustavo Cheluje
(Vitória – ES)

O filme de Gus Van Sant será lançado pela PlayArte, ainda sem data prevista.

Errata

A leitora Luciana Kimie Eguti nos apontou, e a Redação agradece, os seguintes erros na edição nº 11, ano 7: o nome do namorado de Winona Ryder é Dave Pirner; na ficha de *A Pequena Sereia*, Ariel se apaixona pelo príncipe Eric (Sebastian é o nome da lagosta); na ficha de *O Fugitivo*, o nome da esposa de Richard Kimble é Helen.
Nesta mesma edição, na seção *Takes*: na foto da página 8, quem está na foto é um anônimo.
O Sundance Film Festival (edição nº 12, ano 7, à página 52) aconteceu de 21 a 31 de janeiro de 1993.



SUCESSO CERTO NA PRATELEIRA

Este é um lançamento com público certo e fiel – os milhares de aficcionados pelo cavalo, um dos animais mais admirados de todos os tempos. Tanto que já participou de muitos filmes famosos. Você se lembra do duelo de bigas em *Ben-Hur* ou *de Os imperdoáveis? O corcel negro? Excalibur? O feitiço de Áquila? Dança com lobos?* Pois agora a HIPPUS VÍDEO transformou o cavalo de personagem coadjuvante em personagem principal. É um lançamento inédito:

"TREINAMENTO DE ADESTRAMENTO & SALTO CLÁSSICO"

Esta fita*, a primeira de uma série sobre cavalos, mostra didaticamente como se prepara um animal para competições de adestramento e salto clássico. Os treinadores, Ingrid Borghoff Troyko e Caio Sérgio de Carvalho, são dois renomados pentacampeões nacionais e sul-americanos, já tendo defendido o Brasil até nas Olimpíadas.

Treinamento de adestramento & salto clássico é uma fita feita para cavaleiros, criadores, amantes do cavalo e dos esportes eqüestres em geral. Significa gente de poder aquisitivo e bom gosto. Gente de alto padrão de vida. Foi feita com qualidade excepcional de som e imagem. Este sucesso nem vai descansar na prateleira.

Um produto:
Três
Tel.: (011) 835.8433

Realização:
S.UM
Tel.: (011) 536.0866

PEÇA JÁ A SUA FITA!

Preencha este cupom e coloque-o em um envelope endereçado à: Editora Três/Vídeo Três 3333 - CEP 05999-999 São Paulo. Não é necessário selar. No local do selo escreva a frase "TAXA PAGA".

Se preferir, peça pelo telefone:

0800-117377

Em alguns dias, você receberá confortavelmente sua fita em casa. SEM NENHUMA DESPESA DE CORREIO!

Se não quiser recortar esta página, copie os dados do cupom em uma folha avulsa

FAÇA AQUI O SEU PEDIDO

SIM, quero receber_____ fita(s) sobre

"TREINAMENTO DE ADESTRAMENTO & SALTO CLÁSSICO"

Estou anexando um cheque no valor de CR$ _____

Do Banco _____ cheque Nº _____

Autorizo o débito de CR$ _____ em meu cartão de crédito

Cartão _____ nº _____ validade ___/___

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ Estado _____ CEP _____

Cidade _____ CIC _____

DDD. _____ Tel. _____ Data ___/___/___

Assinatura _____

Oferta válida até 30/1/94 *Preço de cada fita: CR$ 15.000,00

SET-79

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Deborah Peleias, Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenadora de Produção: Sueli Murakami
Editor-Assistente de Arte: Izaú Norbertino
Correspondentes (Los Angeles): José Emílio Rondeau, André Barcinski
Colaboradores - Texto: Alex Antunes, Alexandre Nagado, Anamaria G. de Lemos, César Garcia Lima, Edson Arantes, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Heinar Maracy, Helena Salem, José Eduardo Mendonça, Lucia Nagib, Luiz Carlos Merten, Luiz Nazário, Marcos Smirkoff, Walter de Silva.
Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Galdeano Bastos, Ricardo Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104 -1592,** edição 79, de Janeiro/1994. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro**: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo.Com sua assinatura,seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista: **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP.

ANER **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222 **IVC**

Fotolito: Post Script Artes Gráficas, Fotoline Ltda, Birô de Processamento de Texto e Imagem Ltda.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

FILMOGRAFIAS

ANJELICA HUSTON

Retna

Como atriz: 1969: O IRRESISTÍVEL BANDOLEIRO (*Sinful Davey*, de John Huston); CAMINHANDO COM O AMOR E A MORTE (*A Walk With Love and Death*, de John Huston); HAMLET (de Tony Richardson) ■ 1976: O ÚLTIMO MAGNATA* (*The Last Tycoon*, de Elia Kazan); O PIRATA ESCARLATE (*Swashbuckler*, de James Goldstone) ■ 1981: O DESTINO BATE À SUA PORTA* (*The Postman Always Rings Twice*, de Bob Rafelson) ■ 1982: FRANCES* (de Graeme Clifford) ■ 1984: PIRATAS DAS GALÁXIAS (*The Ice Pirates*, de Stewart Raffill); THIS IS SPINAL TAP (de Rob Reiner); O COWBOY E A BAILARINA* (*The Cowboy and the Ballerina*, de Jerry Jameson, para a TV) ■ 1985: A HONRA DO PODEROSO PRIZZI* (*Prizzi's Honor*, de John Huston) ■ 1986: GOOD TO GO (ou *Short Fuse*, de Blaine Novak) ■ 1987: OS VIVOS E OS MORTOS* (*The Dead*, de John Huston); JARDINS DE PEDRA* (*Gardens of Stone*, de Francis Ford Coppola) ■ 1988: UM PUNHADO DE PÓ* (*A Handful of Dust*, de Charles Sturridge); JOHN HUSTON – THE MAN, THE MOVIES, THE MAVERICK (de Frank Martin, documentário para a TV); O ELÉTRICO MR. NORTH* (*Mr. North*, de Danny Huston) ■ 1989: CRIMES E PECADOS* (*Crimes and Misdemeanors*, de Woody Allen); INIMIGOS – UMA HISTÓRIA DE AMOR* (*Enemies, A Love Story*, de Paul Mazursky) ■ 1990: OS IMORAIS* (*The Grifters*, de Stephen Frears); A CONVENÇÃO DAS BRUXAS* (*The Witches*, de Nicolas Roeg) ■ 1991: A FAMÍLIA ADDAMS* (*The Addams Family*, de Barry Sonnenfeld); O JOGADOR* (*The Player*, de Robert Altman) ■ 1993: RETRATOS DE FAMÍLIA (*Family Pictures*, de Philip Saville, para a TV a cabo); UM MISTERIOSO ASSASSINATO EM MANHATTAN (*Manhattan Murder Mystery*, de Woody Allen); A FAMÍLIA ADDAMS 2 (*The Family Addams Values*, de Barry Sonnenfeld)

Retna

EMMA THOMPSON

Como atriz: 1987: FORTUNES OF WAR (série da TV inglesa) ■ 1989: HENRIQUE V* (*Henry V*, de Kenneth Branagh); ATRAPALHADAS DE UM CONQUISTADOR* (*The Tall Guy*, de Mel Smith) ■ 1991: VOLTAR A MORRER* (*Dead Again*, de Kenneth Branagh); GEORGE E FREDERIC* (*Impromptu*, de James Lapine) ■ 1992: RETORNO A HOWARDS END* (*Howards End*, de James Ivory); PARA O RESTO DE NOSSAS VIDAS* (*Peter's Friends*, de Kenneth Branagh) ■ 1993: MUITO BARULHO POR NADA* (*Much Ado About Nothing*, de Kenneth Branagh); VESTÍGIOS DO DIA (*The Remains of the Day*, de James Ivory)

* *disponível em vídeo*

GRANDE OTELO

Como ator: 1935: NOITES CARIOCAS (de Henrique Cadicamo) ■ 1937: JOÃO NINGUÉM (de Mesquitinha) ■ 1938: FUTEBOL EM FAMÍLIA (de Ruy Costa) ■ 1939: ONDE ESTÁS, FELICIDADE? (de Mesquitinha) ■ 1940: PEGA LADRÃO! (de Ruy Costa); LARANJA-DA-CHINA (de Ruy Costa) ■ 1941: CÉU AZUL (de Ruy Costa); SEDUÇÃO DO GARIMPO (de Luiz de Barros) ■ 1942: IT'S ALL TRUE (de Orson Welles) ■ 1943: ASTROS EM DESFILE (de José Carlos Burle); SAMBA EM BERLIM (de Luiz de Barros); A CAMINHO DO CÉU (de Milton Rodrigues); MOLEQUE TIÃO (de José Carlos Burle) ■ 1944: TISTEZAS NÃO PAGAM DÍVIDAS (de José Carlos Burle e Ruy Costa); ROMANCE PROIBIDO (de Adhemar Gonzaga) ■ 1945: NÃO ADIANTA CHORAR (de Watson Macedo); O GOL DA VITÓRIA (de José Carlos Burle) ■ 1946: SEGURA ESTA MULHER (de Watson Macedo) ■ 1947: LUZ DE MEUS OLHOS (de José Carlos Burle); ESTE MUNDO É UM PANDEIRO (de Watson Macedo) ■ 1948: É COM ESTE QUE EU VOU! (de José Carlos Burle); TERRA VIOLENTA (de Eddie Bernoudy); CAÇULA DO BARULHO (de Riccardo Freda) ■ 1949: E O MUNDO SE DIVERTE (de Watson Macedo); TAMBÉM SOMOS IRMÃOS (de José Carlos Burle) ■ 1950: CARNAVAL NO FOGO (de Watson Macedo) ■ 1951: AVISO AOS NAVEGANTES (de Watson Macedo) ■ 1952: BARNABÉ, TU ÉS MEU (de José Carlos Burle); OS TRÊS VAGABUNDOS (de José Carlos Burle); CARNAVAL ATLÂNTIDA* (de José Carlos Burle) ■ 1953: AMEI UM BICHEIRO* (de Jorge Ileli e Paulo Vanderley); DUPLA DO BARULHO (de Carlos Manga) ■ 1954: MALANDROS EM QUARTA DIMENSÃO (de Luiz de Barros); MATAR OU CORRER* (de Carlos Manga) ■ 1955: RIO 40 GRAUS* (de Nelson Pereira dos Santos); PAIXÃO NAS SELVAS/CONCHITA UND DER INGENIEUR (de Franz Eichorn) ■ 1956: DEPOIS EU CONTO (de José Carlos Burle) ■ 1957: METIDO A BACANA* (de J. B. Tanko); A BARONESA TRANSVIADA (de Watson Macedo); COM JEITO VAI* (de J. B. Tanko); DE PERNAS PRO AR (de Victor Lima); RIO, ZONA NORTE* (de Nelson Pereira dos Santos); BRASILIANA (de Helmut Wiesler) ■ 1958: É DE CHUÁ! (de Victor Lima); MULHER DE FOGO/LINA, MULHER DE FUEGO (de Tito Davinson e Oswaldo Louzada); E O BICHO NÃO DEU (de J. B. Tanko) ■ 1959: MULHERES À VISTA (de J. B. Tanko); GAROTA ENXUTA (de J. B. Tanko); PÉ NA TÁBUA (de Victor Lima) ■ 1960: ENTREI DE GAIATO (de J. B. Tanko); PISTOLEIRO BOSSA-NOVA (de Victor Lima); VAI QUE É MOLE (de J. B. Tanko) ■ 1961: OS TRÊS CANGACEIROS (de Victor Lima); UM CANDANGO NA BELACAP (de Roberto Faria); O DONO DA BOLA (de J. B. Tanko) ■ 1962: OS COSMONAUTAS (de Victor Lima); O ASSALTO AO TREM PAGADOR* (de Roberto Faria) ■ 1963: O HOMEM QUE ROUBOU A COPA DO MUNDO (de Victor Lima); QUERO ESSA MULHER ASSIM MESMO (de J. P. Carvalho e Ronaldo Lupo) ■ 1964: SAMBA (de Rafael Gil) ■ 1965: CRÔNICA DA CIDADE AMADA* (episódio "Um Pobre Morreu", de Carlos Hugo Christensen) ■ 1966: ARRASTÃO/LES AMANTS DE LA MER (de Antoine d'Ormeson); UMA ROSA PARA TODOS/UNA ROSA PER TUTTI (de Franco Rossi) ■ 1968: MASSACRE NO SUPERMERCADO (de J. B. Tanko); OS MARGINAIS (episódio "Papo Amarelo", de Moisés Kendler); ENFIM SÓS... COM O OUTRO (de Wilson Silva) ■ 1969: NÃO APERTA, APARÍCIO* (de Pereira Dias); OS HERDEIROS* (de Cacá Diegues); MACUNAÍMA* (de Joaquim Pedro de Andrade); A DOCE MULHER AMADA (de Ruy Santos); EM RITMO JOVEM (de Mozael Silveira); POR UM AMOR DISTANTE/POUR UN AMOUR LOINTAIN (de Edmon Séchan) ■ 1970: O DONZELO (de Stefan Wohl); A FAMÍLIA DO BARULHO* (de Júlio Bressane); SE MEU DÓLAR FALASSE* (de Carlos Coimbra) ■ 1971: O BARÃO OTELO NO BARATO DOS BILHÕES* (de Miguel Borges); SEBASTIÃO PRATA OU, BEM DIZENDO, GRANDE OTELO (de Murilo Salles e Ronaldo Foster) ■ 1972: CASSY JONES, O MAGNÍFICO SEDUTOR (de Luís Sérgio Person) ■ 1973: O NEGRINHO DO PASTOREIO (de Antônio Augusto Fagundes); O REI DO BARALHO* (de Júlio Bressane) ■ 1974: A TRANSA DO TURFE (de F. M. L. Mellinger) ■ 1975: AVENTURAS DE UM DETETIVE PORTUGUÊS* (de Stefan Wohl); O FLAGRANTE (de Reginaldo Faria); ASSIM ERA A ATLÂNTIDA* (de Carlos Manga); LADRÃO DE BAGDÁ, O MAGNÍFICO (de Victor Lima) ■ 1976: DEIXA AMORZINHO... DEIXA (de Saul Lachtermacher); OTÁLIA DA BAHIA/OS PASTORES DA NOITE* (de Marcel Camus); TEM ALGUÉM NA MINHA CAMA (episódio "Dois em Cima, Dois Embaixo e Dois Olhando", de Luiz Antônio Piá) ■ 1977: LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA* (de Hector Babenco); LADRÕES DE CINEMA (de Fernando Cony Campos); A FORÇA DE XANGÔ (de Iberê Cavalcanti) ■ 1978: A FERA CARIOCA (de Giuliano Carmineo); AS AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ* (de Mozael Silveira); A NOITE DOS DUROS (de Adriano Stuart); A NOIVA DA CIDADE (de Alex Viany); AGONIA (de Júlio Bressane) ■ 1981: O HOMEM DO PAU-BRASIL (de Joaquim Pedro de Andrade) ■ 1982: FITZCARRALDO* (de Werner Herzog) ■ 1983: PARAHYBA MULHER MACHO* (de Tizuka Yamazaki) ■ 1984: QUILOMBO* (de Cacá Diegues); EXU-PIÁ, CORAÇÃO DE MACUNAÍMA (de Paulo Veríssimo) ■ 1985: NEM TUDO É VERDADE* (de Rogério Sganzerla) ■ 1986: CINDERELA* (de José Wilker); JUBIABÁ* (de Nelson Pereira dos Santos); BRASA ADORMECIDA* (de Djalma Limongi Batista) ■ 1988 JARDIM DE ALAH (de David Neves) ■ 1992/1993: LES ECLAIRS NOIRS DU SAMBA (documentário de Ariel Bigeault)

SUPERPROMOÇÃO

ESQUECERAM DE MIm 2

Perdido Em Nova York

ONDE VOCÊ GOSTARIA DE SER ESQUECIDO?

VEJA QUEM GANHOU AS 50 FITAS E 50 BONÉS

Adriano José L. de Sousa - Salvador - BA
Ahisila Angelini - São Paulo - SP
Alessandro Rubens Egorelli - São Paulo - SP
Armando Santos de Almeida Jr. - São Paulo - SP
Bianca Netto - Vitória - ES
Bruno D.F. Ermenthall - Florianópolis - SC
Cristiane Medeiros de Souza - São Paulo - SP
Daniel Constantino - Fortaleza - CE
Demósteles Batista - Brasília - DF
Edson Rodrigues - Itu - SP
Enya Silvestrini - Manaus - AM
Fernando Salgado - Rio de Janeiro - RJ
Getro Santa Rosa Guimarães - Salvador - BA
Gilberto Bezerra Ferraz - Araras - SP
Giodelson Mendes Oliveira - São Paulo - SP
Helena M. Assunção Bevilacqua - Fernandópolis - SP
Jacob Levitinas - São Paulo - SP
João A. Veiga - Uberlândia - MG
Joel Alberto Krüger - Lajeado - RS
José S. Papandreus - São Paulo - SP
Juliana Cardoso - São Paulo - SP
Juliani Agazzi - Passo Fundo - RS
Karen Fonseca - Santa Branca - SP
Laryssa G. Abreu - São Paulo - SP
Lauro Márcio Ottoni Muniz - Belo Horizonte - MG
Leandro Frydrich - Porto Alegre - RS
Leonardo Vieira Ferreira - Natal - RN
Luís Guido - São Paulo - SP
Marcelo Álvaro Saturnino - São Paulo - SP
Marcelo R. Jacira - Novo Hamburgo - RS
Márcio Holanda Teixeira - São Paulo - SP
Márcio Luís Leite - Joinvile - SC
Marcos Felizari - São Paulo - SP
Marina Peirão Bevilacqua - São Paulo - SP
Marinalva Gomes - Goiânia - GO
Mário Sérgio de Bortoli - São Paulo - SP
Marisa de Aguiar e Silva - São Paulo - SP
Néri T. Salvi - Lajeado - RS
Nirtuor Lima Venâncio - Brasília - DF
Orli Cimardi - Florianópolis - SC
Raphael Moura - Ubatuba - SP
Samantha E. Santana - Rio de Janeiro - RJ
Sebastião Cândido Pereira - Niterói - RJ
Selma T. H. Arendt - Carazinho - RS
Silvannya Rodrigues da Silva - João Pessoa - PB
Sônia da Silva Oliveira - São Paulo - SP
Venúzia M. Gonçalves Belo - Caxias - MA
Vivian Castro - Itanhaém - SP
Viviane Pereira de Santana - Salvador - BA
Yara Regina Barizza - São Paulo - SP

Os ganhadores residentes em São Paulo - SP deverão retirar seus prêmios na sede da Editora Azul (Av. das Nações Unidas, 5777 - Alto de Pinheiros).
Os demais ganhadores, residentes em outras localidades, receberão seus prêmios pelo correio.

REVISTA SET CINEMA & VÍDEO

abril vídeo

FOX VIDEO

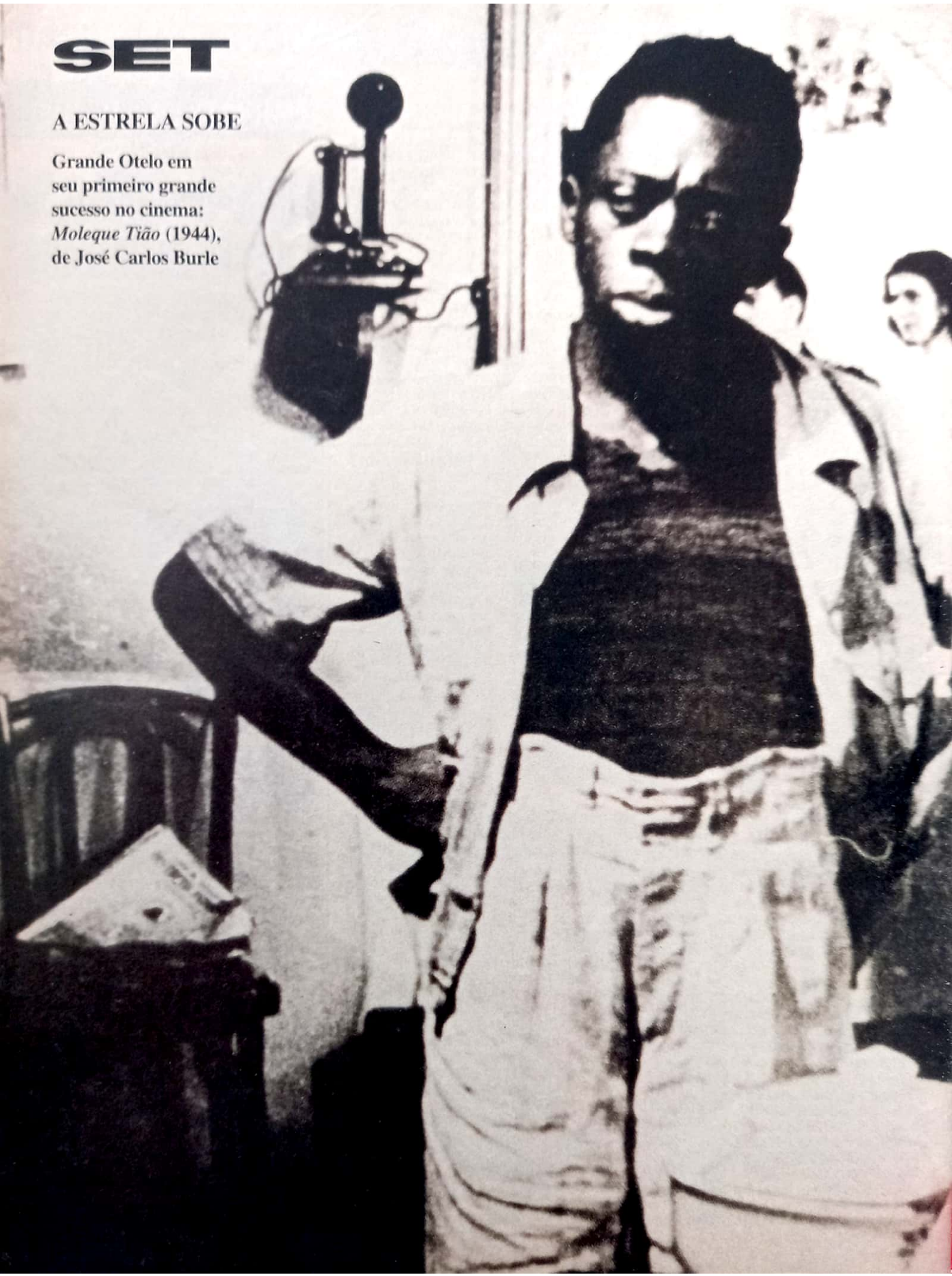
20th CENTURY FOX

HUGHES

SET

A ESTRELA SOBE

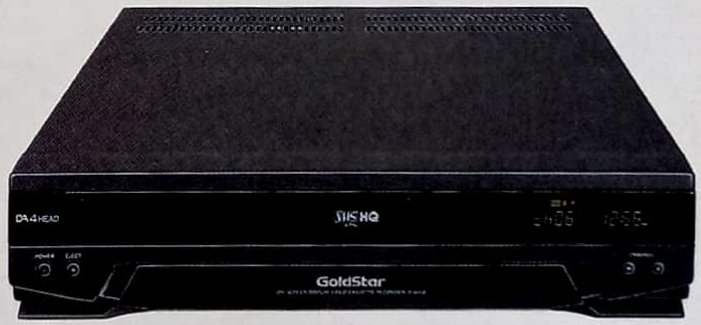
Grande Otelo em seu primeiro grande sucesso no cinema: *Moleque Tião* (1944), de José Carlos Burle



GOLDSTAR. PARA QUEM VIVE ATRÁS DE UMA BOA IMAGEM.

Televisor CP-20A80 em cores de 20 polegadas, multissistema, com controle remoto

- Sistemas PAL-M/PAL-N/NTSC
- Controle automático de imagem (APC)
- Timer liga-desliga
- CATV 125 canais
- Autovoltagem: 100/240 V, 50/60 Hz



Videocassete VHS R-G41B

- 4 cabeças, PAL-M/NTSC • Limpeza automática das cabeças
- Mecanismo de resposta rápida • Freqüência sintetizada compatível com CATV autoprogramável e busca multicanal
- Menu na tela em português e inglês • Voltagem dual

GoldStar
CRIANDO PARA VOCÊ

CENTRAL DE INFORMAÇÕES: UNITROTEC: (011) 222.7217/FAX (011) 221.5833 **ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA - SP:** MITSUTOSHI OISHI: (011) 573.1502 • VIDEO POINT: (011) 832.2056 • TECNOVIDEO: (011) 575.5227 • AUGUSTA SERVICE VIDEO: (011) 231.1605 **RJ:** PERFORMANCE: (021) 288.9997 • VIDEO MART: (021) 493.3281 **PR:** AB ELETRÔNICA : (041) 256.3004 **SC:** VIDEOTRON: (0482) 44.7887.

RAY LIOTTA

KIEFER SUTHERLAND

LK-TEL VIDEO

Comovente. Emocionante.
Engraçado. Imperdível.

HOSPITAL DE HERÓIS

FEVEREIRO,
NAS LOCADORAS